



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

SINARA DANTAS NEVES

O CASAL E AS RELAÇÕES COM OS SOGROS
ENQUANTO AVÓS

SALVADOR

2025

SINARA DANTAS NEVES

O CASAL E AS RELAÇÕES COM OS SOGROS ENQUANTO AVÓS

Relatório final de Pós-Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial à obtenção do título de pós-doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Supervisora: Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich

SALVADOR

2025

RESUMO

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

N518 Neves, Sinara Dantas

O casal e as relações com os sogros enquanto avós / Sinara Dantas Neves
. – Salvador, 2025.
134f.

Supervisora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Relatório Final (Pós-Doutorado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Pós-Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

1. Sogros 2. Avosidades 3. Genros 4. Noras I. Rabinovich, Elaine Pedreira – Supervisora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU: 316.356.2-055.53

O expressivo aumento da longevidade humana tem contribuído para que várias gerações convivam simultaneamente, tornando mais frequente e prolongada a interação recíproca de ensinamentos entre avós e netos. Garantir a convivência com eles perpassa pela intenção de manter uma relação harmônica com filhos, filhas, genros e noras. O presente estudo analisa como as relações com os sogros se modificam quando eles se tornam avós, investigando as percepções das avosidades e os impactos disso na conjugalidade, envolvendo todos os atores sociais dessa dinâmica familiar. Consiste num estudo qualitativo, com delineamento de estudo de casos múltiplos, a partir de uma abordagem fundamentada na epistemologia sistêmica. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dois casais e seus respectivos pais/sogros/avós, com os seguintes critérios de inclusão: possuírem de 25 a 45 anos de idade; serem de classe média; heterossexuais; possuírem filhos e grau de instrução médio ou superior; estarem em primeira união conjugal; terem os dois representantes parentais vivos e casados. Os dados foram analisados inicialmente isolados, caso a caso, separando a história do marido/pai com seus sogros, da história da esposa/mãe com os seus sogros, antes e depois do casal ter procriado, assim como a perspectiva desses sogros/avós sobre a relação com seu genro ou nora, também antes e depois da avosidade. A partir daí, utilizou-se, a estratégia de análise dos dados pelo “método comparativo constante”, trazendo resultados que confirmam a chegada dos netos como um fator de transformação, promovendo a reconfiguração dos papéis dos sogros e uma maior aproximação com genros/noras. Embora não se trate de um estudo generalizável, a complexidade da análise, e das dinâmicas identificadas, justifica uma extensão na compreensão do tema através de novos estudos, a partir dos seguintes eixos interpretativos revelados: 1) Propensão a discutir sobre vínculos parentais, ao tratar da avosidade; 2) Identificação de padrões de repetição no modo de serem sogros; 3) Identificação de padrões intergeracionais de avosidades (avós que tiveram / avós que seus pais foram / avós que são); 4) Comparação de avosidades (materno/paterno; distanciamento/proximidade), através dos quais ocorrem variações nas interações pais/sogros/avós – filhos/genros/noras – netos.

Palavras-chave: Sogros. Avosidades. Genros. Noras.

ABSTRACT

The significant increase in human longevity has contributed to several generations living together simultaneously, making the reciprocal interaction of teachings between grandparents and grandchildren more frequent and prolonged. Ensuring coexistence with them goes through the intention of maintaining a harmonious relationship with sons, daughters, sons-in-law and daughters-in-law. This study analyzes how relationships with in-laws change when they become grandparents, investigating the perceptions of grandparents and the impacts of this on conjugality, involving all the social actors of this family dynamic. It consists of a qualitative study, with a multiple case study design, based on an approach based on systemic epistemology. Semi-structured interviews were conducted with two couples and their respective parents/in-laws/grandparents, with the following inclusion criteria: being 25 to 45 years old; being middle-class; heterosexual; having children and having a middle or higher level of education; being in their first marital union; having both parental representatives alive and married. The data were initially analyzed isolated, case by case, separating the history of the husband/father with his in-laws, from the history of the wife/mother with their in-laws, before and after the couple having procreated, as well as the perspective of these in-laws/grandparents on the relationship with their son-in-law or mother-in-law, also before and after the grandparents. From there, the data analysis strategy by the "constant comparative method" was used, bringing results that confirm the arrival of grandchildren as a transformation factor, promoting the reconfiguration of the roles of in-laws and a greater approximation with sons-in-laws. Although it is not a generalizable study, the complexity of the analysis, and the dynamics identified, justifies an extension in the understanding of theme through new studies, from the following interpretative axes revealed: 1) Propensity to discuss parental ties, when dealing with avosity; 2) Identification of repetition patterns in the way of being in-laws; 3) Identification of intergenerational patterns of avos (grandparents who had / grandparents who their parents were / grandparents who are); 4) Comparison of abilities (mother/father; distancing/proximity), through which there are variations in the interactions of parents/in-laws/grandparents - children/sons-in-laws-laws-in-laws - grandchildren.

Keywords: In-laws. Avosities. Sons-in-Law. Daughters-in-law.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. SOGROS COMO PARENTES	10
3. OS SOGROS E AS AVOSIDADES.....	12
4. A PESQUISA.....	18
4.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	18
4.2 PROCEDIMENTO	17
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	22
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	89
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICE 1 – FORMULÁRIO / ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	132
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	133

1. INTRODUÇÃO¹

Como resultado dos estudos doutorais, em que investigou as dinâmicas relacionais entre casais e seus sogros, a partir da ressignificação das experiências individuais na família de origem e do desenvolvimento de estratégias de convivência, Neves (2015; 2020a) identificou uma transformação dessas relações quando eles passam a desempenhar o papel de avós, estimulando novas formas de enxergá-los e, com isso, novas interações emocionais. Assim, adentrou no pós-doutorado como uma continuidade investigativa, enfocando o casal e as relações com os sogros enquanto avós.

Construiu, nesse percurso, junto com sua supervisora, algumas investigações (NEVES; 2015; NEVES, 2020a; NEVES; RABINOVICH, 2016; NEVES; RABINOVICH, 2019; 2020; 2021; 2022; RABINOVICH.; AZAMBUJA; NEVES, 2024) que sustentaram seus achados acerca da avosidade possibilitar novas formas de estar na conjugalidade e na família, a partir das relações desses filhos/genros e noras com seus pais/sogros, que envelhecem ao longo do tempo.

Nesse percurso, o mundo foi surpreendido pela pandemia do novo coronavírus (causador da COVID-19), em que avós e netos experimentaram uma convivência inédita, isolados, cada um nas suas próprias casas, numa expectativa inicial de que seriam apenas por 15 dias, mas que envolveu quase dois anos de distanciamento, que proporcionaram às pesquisadoras algumas análises específicas.

Se debruçaram sobre os impactos do envelhecimento dos sogros, enquanto avós, para o casal de filhos/noras/genros (2019); investigaram a relação avós-netos na conjuntura da pandemia do novo coronavírus, para identificar as demandas que se formavam a partir dessas relações (2020); organizaram um livro, que corresponde ao volume 1 de uma coleção de 10 volumes (Coleção Envelhecimento e Vida Familiar), que traz uma coletânea de artigos sobre Envelhecimento e Avosidades, sendo, também, responsáveis pela apresentação da obra, e por um capítulo que revela como

¹ Este trabalho foi financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

as relações conjugais e familiares sobreviveram, perante a avosidade em distanciamento social nos tempos de pandemia (2021).

Em 2022, escreveram um capítulo no livro organizado pelo GT Família e Comunidade, da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, do qual, ambas, são membros, levantando a questão dos sogros, analisando os aspectos intergeracionais destas relações com o par conjugal de filhos/genros/noras, a partir de conceitos sistêmicos como: diferenciação, interação e autonomia nas relações por afinidade.

Resultados parciais deste estudo de pós-doutorado foram apresentados na Conferência Internacional “Diálogos interculturais e interdisciplinares sobre avós e netos”, organizada em 2023 pela Profa. Dra. Natália Ramos, do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais, da Universidade Aberta de Lisboa – PT e pela Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich, do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – BA – BR, supervisora desta investigação.

A partir dessa experiência, as autoras deste estudo, então, se organizaram para idealizar um Seminário Internacional “Avosidades em contextos socioculturais”, ocorrido no dia internacional dos avós, em 26 de julho de 2024, no qual apresentaram os resultados empíricos desta pesquisa, acompanhadas de especialistas europeus e latino-americanos, que resultou numa publicação no Research, Society and Development Journal, intitulado “Perspectivas sobre Avosidades em contextos socioculturais (RABINOVICH; AZAMBUJA; NEVES, 2024).

Cristina Dias (2015) chama a atenção para a quantidade excepcional de pessoas vivenciando os papéis de avós e bisavós na atualidade, quando se considera que até meados do século XIX poucas pessoas ultrapassavam os 60 anos, tendo contato escasso, ou mesmo inexistente, com os avós. Com essa convivência ampliada, e as diversas posições assumidas no universo das relações familiares, cresce a visibilidade e o interesse social em compreender e discutir os papéis desempenhados pelos avós nas dinâmicas familiares.

Nos anos 60, como esclarece Dias (2008), já existiam reflexões sobre a relação entre avós e netos, mas, neste período, o papel dos avós estava muito relacionado às práticas recreativas. Nas décadas de 70 e 80, as pesquisas sobre a temática ganharam um sentido voltado às relações e aos contextos familiares, dando dimensão às funções dos avós como suporte financeiro, afetivo e nos cuidados gerais. Nos anos 80, essa atenção à figura dos avós ganha maior visibilidade e, em 90, os estudos se voltam para a representação social no que tange ao apoio social em momentos de dificuldades familiares.

Morando próximo ou distante dos netos, estando aposentados ou exercendo atividades profissionais, com condições de saúde diversas, participando ou não dos cuidados e do cotidiano dos netos, os que tem maior poder econômico tornaram-se, também, provedores, capazes de ajudar financeiramente filhos e netos, enquanto outros ainda são dependentes de auxílio financeiro, o que demonstra as diversidades vividas neste momento da vida.

As relações entre avós e netos, na contemporaneidade, apresentam-se mais individualizadas, mais abertas e mais alargadas no tempo, e a maior parte das crianças têm a oportunidade de conviver com os quatro avós vivos, mais saudáveis e instruídos.

O expressivo aumento da longevidade humana tem contribuído para a formação de um número crescente de famílias extensas, nas quais várias gerações convivem simultaneamente. Nesse contexto, as interações entre avós e netos tornaram-se mais frequentes e prolongadas, estendendo-se além da infância, acompanhando os netos até a adolescência ou vida adulta. E é esse fenômeno que tem impulsionado um aumento significativo no número de pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo das relações intergeracionais entre avós e netos.

Na contemporaneidade, a participação dos avós na vida dos netos vem crescendo, a ponto de Camarano e El Ghaouri (2003) afirmarem que, tanto no Brasil, como em outras partes do mundo, muitos avós se responsabilizam pelos cuidados com os netos, de forma temporária ou definitiva.

Essa coexistência de gerações diferentes em situações sociais e familiares promove o que Oliveira (1999) chama de coeducação de gerações, caracterizado por uma interação recíproca de ensinamentos entre avós e netos. Então, garantir a convivência com os netos, e isso perpassa pela intenção de manter uma relação harmônica com seus filhos, filhas, genros e noras, é, também, segundo os resultados dos estudos, sentirem-se recuperados por inteiro.

Em pesquisas em que escutaram os casais de filhos/genros/noras quanto as avosidades dos seus pais/sogros, e, também esses pais/sogros quanto as suas próprias avosidades, na pandemia, ficou evidente que a obrigatoriedade do isolamento social não conseguiu alterar os vínculos emocionais avós-netos, já que dispunham do advento das tecnologias como recursos para manterem a frequência de contatos.

Ainda sob o olhar dos casais de avós e pais dos netos investigados, os estudos revelaram que pais e sogros se unem como rede de apoio aos filhos quanto aos cuidados com os netos, convidando o desenvolvimento de novos estudos em torno de investigar modos 'de ser' e 'de estar' sogro e sogra, genro e nora, nas dinâmicas familiares contemporâneas. Por isso, a intenção de realizar uma investigação mais específica sobre as percepções da avosidade e os impactos disso na conjugalidade, que envolvesse todos os atores sociais dessa dinâmica familiar.

A chegada de um neto é um acontecimento decisivo para a relação do novo casal. Esse acontecimento tende a resgatar a intimidade entre os pais do casal e seus respectivos filhos, assim como, por outro lado, pode potencializar as diferenças e tensões existentes entre nora ou genro e seus sogros. (NEVES, 2015, p.64).

A importância deste estudo reside em contribuir com novas perspectivas de investigação sobre sogros e avós no Brasil, além de estimular a construção de novos sentidos no âmbito da terapia familiar. Desta maneira, esta investigação justifica-se pelo pressuposto de que se, a chegada de um neto é um acontecimento decisivo para a relação do novo casal e se a depender do momento do ciclo de vida pode haver variação na qualidade e na percepção da relação com os sogros (NEVES, 2015), então, pode-se supor que as relações de cada membro do casal com os sogros se modificam quando eles se tornam avós, já que, conforme Coutrim et. al. (2012) e

Ramos (2017), as relações familiares ocorrem em meio a conflitos entre avós e netos, genros, noras e sogros.

2. SOGROS COMO PARENTES

Quando duas pessoas se casam ou formam uma união estável, não apenas constroem um novo núcleo familiar, mas também estabelecem laços legais com os parentes do cônjuge ou companheiro. De acordo com o artigo 1.595 do Código Civil, esses laços criam vínculos de afinidade com os ascendentes, descendentes e irmãos do parceiro, e esse parentesco por afinidade persiste, mesmo após um possível divórcio, mas com uma diferença importante: enquanto o vínculo com os cunhados se desfaz, a relação de parentesco com os sogros permanece. Eles são considerados parentes em linha reta, e essa afinidade, segundo a legislação brasileira, é permanente e não se extingue com a dissolução da relação conjugal.

A permanência desse vínculo não é apenas uma formalidade legal, mas uma medida que visa prevenir situações vistas como moralmente reprováveis pela sociedade. O legislador estabeleceu, por meio do artigo 1.521, inciso II, do Código Civil, a proibição do casamento entre genros ou noras e seus sogros ou sogras, reforçando a natureza permanente dessa relação. Assim, o vínculo jurídico entre cônjuges e sogros é perpétuo e reflete o entendimento de que a afinidade criada pelo casamento tem implicações sociais e morais que vão além do término da união.

Além dos aspectos legais, compreender a relação entre sogros e genros ou noras sob a perspectiva das dinâmicas familiares é fundamental, afinal, o desenvolvimento dos vínculos afetivos entre essas partes, não regulamentado por lei, é frequentemente representado de forma estereotipada no senso comum e associado a conflitos familiares, tanto no campo social, quanto no clínico.

Segundo a teoria dos sistemas (BERTALANFFY, 1976), as famílias são organizadas hierarquicamente em múltiplos subsistemas. Para melhor compreender a dinâmica do funcionamento das famílias, é necessário focalizar cada um dos subsistemas familiares, incluindo, além dos subsistemas parental e conjugal, o de irmão-irmão, avós-netos, dentre outros (PEREIRA-SILVA; DESSEN, 2006; STOVER et al. 2012).

Cada casamento representa a união de dois sistemas distintos, cada um repleto de valores, mitos e expectativas próprios. Como destacam Wagner e Falcke (2001), o casamento transforma dois sistemas familiares e cria um terceiro subsistema, que deve ser compreendido como uma interseção dinâmica de influências mútuas, culturais, emocionais e estruturais, trazidas por cada família.

O novo casal forma esse novo subsistema dentro dessa complexa rede de relações, influenciado pelas demandas de suas famílias de origem e pela busca de autonomia conjugal (Neves, 2020a) e a relação com os sogros insere-se nessa rede de subsistemas e exige atenção para entender como as dinâmicas familiares se transformam, a partir do casamento.

Nesse contexto, os sogros assumem um papel único: ao mesmo tempo em que são familiares por afinidade, suas relações com o casal carregam uma carga emocional e cultural que demanda atenção, renegociações e ajustes constantes. E, como essa interação contínua pode gerar desafios, mas também oportunidades para a construção de vínculos significativos e enriquecedores, o entendimento e a construção dessas relações podem contribuir para o fortalecimento das conexões intergeracionais e para o equilíbrio do novo sistema familiar formado.

A Teoria do Ciclo de Vida Familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) sugere que as transições do ciclo de vida da família, como o casamento e o nascimento de filhos, provocam renegociações de papéis entre pais e filhos e geram reavaliações das conexões familiares. A internalização de modelos comportamentais e as crenças sobre o que constitui um "bom sogro" ou "boa sogra" afetam essas transições.

O envolvimento excessivo ou distanciado dos pais do cônjuge é uma área comum de tensão discutida pelos casais, além da tensão em torno do equilíbrio entre autonomia e proximidade, da transmissão de modelos parentais, e da reconfiguração dos papéis familiares, todos esses, elementos centrais para analisar como genros e noras constroem suas relações com os sogros e com seus próprios filhos.

A chegada de filhos (e, conseqüentemente, a avosidade) pode ser vista como um "ponto de transição" importante, que exige uma reorganização das funções e papéis

dentro da família. A adaptação bem-sucedida à chegada de um neto frequentemente reforça os papéis tradicionais de avós e pais, mas também pode gerar tensões quando há expectativas divergentes sobre os níveis de envolvimento e autoridade. Isso vai depender da flexibilidade dos membros da família para renegociar seus papéis e estabelecer novas normas de convivência.

Anderson e Sabatelli (2011) destacam que essa transição afeta não apenas a relação entre pais e filhos, mas também a conexão entre sogros e genros/noras. Sogros e sogras, como forma de evitar conflitos e manter relações funcionais, evitam interferir diretamente nas decisões parentais, na contemporaneidade, ainda que sentimentos de exclusão permaneçam. As relações familiares tendem a ser mais satisfatórias quando há equilíbrio entre a proximidade afetiva e o respeito pelas fronteiras da autonomia de cada membro da família.

O contexto familiar não é apenas um pano de fundo, mas uma força ativa que molda os valores, as expectativas e a dinâmica conjugal, reiterando a relevância dos vínculos familiares no bem-estar e na estabilidade do casamento. Pesquisas sobre relações intergeracionais continuam a destacar a complexidade e a influência de múltiplas gerações no contexto familiar moderno, em que as famílias de origem desempenham um papel simbólico na identidade conjugal do parceiro, já que a interação entre as famílias de origem e o casal impacta diretamente o desenvolvimento do ciclo conjugal.

As transformações do papel dos sogros nas famílias modernas, quando os sogros se tornam avós, é vista como uma oportunidade para o crescimento e o fortalecimento dos vínculos familiares, mas também como potencial fonte de conflitos, se não houver comunicação aberta e respeito mútuo.

3. OS SOGROS E AS AVOSIDADES

A teoria sistêmica enfatiza a ideia de que as famílias são sistemas complexos e interdependentes, e qualquer mudança em um membro ou em um sistema externo (como o nascimento de um neto) afeta todos os outros membros da família (BERTALANFFY, 1976). Esse enfoque sistêmico fornece uma base para compreender melhor as dinâmicas complexas nas famílias contemporâneas.

Anderson e Sabatelli (2011), sob a perspectiva dos sistemas familiares, exploram a dinâmica dessas relações, em que a introdução de um novo membro na família – o neto – pode criar um fenômeno chamado de homeostase, o qual os membros da família (sogros, genros e noras) reavaliam e reajustam suas interações, para acomodar a nova realidade, visando o reequilíbrio.

Marco importante nas relações intergeracionais, a chegada dos netos é analisada como um evento significativo no ciclo de vida familiar e promove a reconfigurando dos laços familiares. Discutida por Pillemer e Lüscher (2004), a Teoria da Avosidade aborda as complexas relações entre avós e netos no contexto intergeracional, considerando os aspectos afetivos, normativos e estruturais que moldam esses vínculos. Essa teoria sugere que a avosidade pode atuar como um fator positivo nas relações familiares, oferecendo aos avós a oportunidade de estabelecer uma relação mais profunda com os netos e, ao mesmo tempo, reforçar a relação com os filhos.

Os avanços nas pesquisas, bem como os debates acadêmicos e socioculturais, têm transformado a representação da avosidade, afastando-a das imagens tradicionais e estereotipadas. Já não se limita à figura de pessoas dependentes e cansadas, sentadas em cadeiras de balanço, lendo jornais, segurando cachimbos ou tecendo com agulhas de tricô, como retratado nas histórias infantis. A dinâmica familiar contemporânea, impulsionada pela inserção crescente da mulher no mercado de trabalho e pelas conquistas dos movimentos feministas, trouxe novas formas de viver e experienciar a avosidade.

Falcão (2012) enfatiza como, a partir dos anos 1990, a transição no desenvolvimento dos papéis sociais redefiniu as funções dos avós. A imagem, antes associada à autoridade rígida, deu lugar a uma relação marcada por maior afetividade, refletindo as mudanças nos laços intergeracionais e nos significados atribuídos à presença dos avós nas famílias atuais.

No século XXI, considerando variáveis como classe social, gênero e escolaridade, muitos avós são adultos ativos, nem sempre idosos, e dirigem seus próprios automóveis ou utilizam transporte público para levar os netos à escola. Também navegam pela internet, com ou sem ajuda, integrando-se ao mundo digital. Estudos,

como os de Goldfarb e Lopes (2006), propõem uma definição de avosidade que vai além da idade cronológica ou do papel social tradicional, considerando também o papel dos avós na transmissão das funções parentais para as próximas gerações.

Dado que o processo de envelhecimento e as experiências de avosidade apresentam múltiplas nuances, diferentes pesquisadores, ao longo do tempo, buscaram classificar os avós em estilos variados. Assim, por reconhecer a pluralidade, a diversidade dessas vivências, e das condições sócio-históricas dos avós em seus respectivos contextos de vida, torna-se mais adequado referir-se ao conceito no plural — avosidades — para abarcar a ampla gama de formas de ser avô ou avó, e os diversos modos de exercer esse papel nas relações familiares.

Em 1985, Cherlin e Furstenberg definiram as seguintes tipologias de avosidade:

- Avós Companheiros: Participam ativamente da vida dos netos, permeados por cumplicidade e afeto, mas sem exercer autoridade direta;
- Avós Envolvidos: Atuam de forma próxima e assumem responsabilidades frequentes no cuidado das crianças, estabelecendo disciplina e limites;
- Avós Distantes ou Tiranos: Mantêm um relacionamento cordial, mas menos frequente e emocionalmente distante, reservado e formal.

Nos estudos de Hagestad et. al. (1985), destacou-se quatro formas de classificação dos avós:

- aqueles que são presentes e harmonizam as situações familiares difíceis;
- os que ocupam papéis de proteção da família e estão sempre disponíveis em situações urgentes;
- os árbitros, que negociam e preservam a família
- os que assumem posturas conservadoras sobre a biografia da família, como transmissores e guardiões da memória e da herança das tradições.

Em Oliveira (2011 apud PAVIN, 2024), mais atual, são retratadas as seguintes classificações de avós contemporâneos:

- os "encarregados" pela criação de seus netos, que, muitas vezes, substituem as figuras parentais;

- os "passivos", que participam de atividades específicas da vida dos netos com menor convivência e responsabilidade diária;
- os que não possuem relações de convivência com os netos.

O termo "avosidades" busca dar conta das condições de ser avô ou avó na atualidade, considerando as implicações sociais e psicológicas envolvidas neste processo.

Pillemer e Lüscher, (2004) ressaltam a importância do papel dos avós dentro da dinâmica familiar contemporânea, onde o aumento da longevidade e as mudanças nas configurações familiares ampliam as oportunidades para interações intergeracionais, trazendo como principais conceitos da Teoria da Avosidade:

- A ambivalência intergeracional: refere-se aos sentimentos contraditórios que podem emergir das relações entre avós e netos. Essa dualidade emocional é resultado das expectativas culturais que atribuem aos avós o papel de provedores de apoio emocional e, ao mesmo tempo, impõem limites à sua autoridade no contexto familiar. Essas tensões refletem a complexidade das interações intergeracionais, onde o afeto e as regras nem sempre se alinham de forma harmoniosa.
- As múltiplas funções dos avós: indo muito além do simples vínculo afetivo, os avós desempenham diferentes papéis dentro da família, podendo atuar como cuidadores, servindo como modelos de identidade familiar, transmissores de valores e histórias, além de fontes de suporte prático e emocional. O nível de envolvimento, no entanto, varia conforme a proximidade geográfica, a qualidade das relações com os pais dos netos e os valores culturais que influenciam cada família.
- A conexão afetiva e suporte emocional: A relação avós-netos proporciona benefícios emocionais para ambos. Para os avós, fortalece o sentimento de continuidade entre as gerações, enquanto, para os netos, oferece um tipo de suporte emocional diferente daquele que recebem dos pais, criando uma conexão única e especial.

- As mudanças geracionais e novos desafios: A teoria da avosidade também explora como os papéis e as expectativas em relação aos avós evoluem com o tempo, acompanhando as transformações nas estruturas sociais e nas normas culturais.

Cherlin (2010) destaca que as mudanças sociais têm impactado a maneira como os avós se relacionam com os netos. O modelo tradicional de avosidade, marcado pela autoridade e pelo papel de guardião da sabedoria, vem sendo substituído por uma abordagem mais próxima do companheirismo e de uma presença ativa nas atividades do dia a dia das crianças. Ainda assim, mesmo nesse contexto, os padrões intergeracionais continuam influenciando a forma como os avós se posicionam na vida dos netos.

Conhecido pelos seus estudos sobre família, casamento e relações sociais, o sociólogo americano Andrew Cherlin, publicou em 2009 o livro “*The Marriage-Go-Round: The State of Marriage and the Family in America Today*”, que analisa as tendências atuais do casamento e da família nos EUA, em que aborda a avosidade e o papel dos sogros, destacando algumas mudanças significativas nas dinâmicas familiares modernas.

Para melhor compreensão sobre avosidades e sogros, segundo Andrew Cherlin (2009), é preciso considerar alguns pontos-chave:

- **Mudanças na estrutura familiar**: Cherlin observa que as famílias atuais estão mais fragmentadas e diversificadas, com o aumento de divórcios, separações e recomposições familiares. Essas mudanças impactam diretamente a avosidade e as relações com os sogros, modificando as dinâmicas familiares e os papéis intergeracionais.
- **Avós como fonte de apoio**: Cherlin destaca a importância dos avós como uma fonte crucial de apoio emocional e financeiro para os netos, especialmente em famílias monoparentais ou em situações de dificuldades econômicas.

- Sogros como parentes por afinidade: Cherlin examina como as relações com os sogros podem ser afetadas pela qualidade do vínculo do casamento dos filhos. Essas conexões podem ser mais frágeis, já que não há vínculo biológico entre as partes.
- Impacto das mudanças sociais: As transformações sociais, como a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho e o aumento da expectativa de vida, impactam, para Cherlin, as relações entre avós, pais e netos, além de influenciar, também, os vínculos com os sogros.
- Diversidade familiar: Cherlin enfatiza a importância de se reconhecer a diversidade de arranjos familiares, abrangendo famílias recompostas, homoparentais e multigeracionais.

O nascimento dos netos, geralmente, fortalece os vínculos familiares, especialmente no que diz respeito ao apoio emocional e prático, gerando um papel renovado para os avós, que se tornam mais envolvidos emocionalmente e fisicamente com a família. Como resultado, há um fortalecimento das relações com os genros/noras, uma vez que a convivência e os cuidados com os netos criam um novo ponto de contato emocional. Estudos sobre a dinâmica familiar mostram que a relação entre sogros e genros ou noras tende a se estreitar, já que a colaboração na criação dos filhos cria uma base comum para desenvolver uma conexão mais próxima (ANDERSON; SABATELLI, 2011).

Mas, também é comum que avós que cuidam por tempo integral, ou passam grandes períodos envolvidos nos cuidados dos netos despertem sentimentos ambivalentes em relação a tal função. Podem encontrar satisfação ao oferecer benefícios aos netos, como trocas de experiências, carinho, atenção ou também ônus com o estresse físico e emocional (AZAMBUJA, 2016; RAMOS, 2017).

4. A PESQUISA

4.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A análise da literatura, no que se referiu às diferentes possibilidades de coleta de dados, e o confronto dela com o problema definido e com os objetivos estabelecidos neste estudo, permitiram a decisão por uma abordagem qualitativa, com delineamento de estudo de casos múltiplos (STAKE, 2000; YIN, 2005).

O objetivo geral foi analisar como as relações com os sogros se modificam quando eles se tornam avós.

Para isso, o percurso metodológico foi caracterizado pelas seguintes etapas:

1. Investigar as novas interações emocionais entre cada membro do casal com seus sogros, a partir da chegada dos netos.
2. Compreender, na perspectiva dos sogros, as relações com genros e noras, após se tornarem avós.

Com abordagem fundamentada na epistemologia sistêmica, pensou-se a família dos casais investigados como um sistema de relações, utilizando o paradigma sistêmico alicerçado na Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY, 1976), para entender o processo de interação familiar, que não permanece o mesmo ao longo da sua existência, mesmo seus membros compartilhando um mesmo contexto social de pertencimento.

Num estudo de natureza qualitativa, os investigadores direcionam a sua atenção para o modo como decorre a investigação e não tanto para o que resulta da investigação, já que o processo se sobrepõe ao produto (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Esta abordagem qualitativa não é utilizada como forma de dar resposta a questões extremamente estruturadas ou de testar hipóteses prévias, mas sim para uma melhor compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos participantes na investigação, e da interpretação dos significados subjetivos produzidos nas interações familiares. (WEBER, 1978: p.9).

No campo da investigação qualitativa, o estudo de caso parece, pelas características que o identificam, a opção adequada à investigação que se pretende desenvolver, no sentido de conseguir responder à pergunta *como?* considerando-se que o objeto de estudo se centra num fenómeno contemporâneo da vida real. Coutinho e Chaves (2002) definem o estudo de caso como um sistema limitado por fronteiras, em termos de tempo, eventos ou processos, que incide sobre alguma coisa que necessita ser

identificada para conferir foco e direção à investigação. O investigador pode recorrer a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros.

Para Yin (1993; 2005) e Stake (2000), o estudo de casos múltiplos permite uma investigação em que se conservam as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real, como os ciclos de vida. É uma metodologia que se propõe a investigar a complexidade das inter-relações dos sujeitos em seus contextos, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

4.2 PROCEDIMENTO

Participaram desta pesquisa 2 (dois) casais, e seus respectivos pais/sogros/avós, em uma amostra de conveniência, com os seguintes critérios de inclusão: possuírem de 25 a 45 anos de idade; serem de classe média; heterossexuais; possuírem filhos e grau de instrução médio ou superior; estarem em primeira união conjugal (em decorrência de casamento legal ou união consensual estável); terem os dois representantes parentais vivos e casados.

A restrição de idade máxima de 45 anos deveu-se ao fato da necessidade dos genitores do casal estarem vivos e atuantes, e, assim, não reduzir os potenciais participantes para o estudo; e de serem casais com filhos, por entender-se que a chegada dos netos e a experimentação desse novo papel de avós, se constitui em um dos fatores que influenciam no relacionamento do casal com os sogros. O que não estava previsto foi a dificuldade encontrada quanto ao critério dos representantes parentais (pais/sogros/avós) estarem mantidos numa união conjugal, que fez com que a intenção em investigar mais famílias fosse postergada e, como sugestão de análise para próximos estudos, que este critério de inclusão seja revisto. Com a Lei do Divórcio, sancionada em dezembro de 1977, ocorreram grandes mudanças na sociedade brasileira, principalmente quanto às relações familiares, e a pesquisa de campo desse estudo confirma a dificuldade de encontrar pessoas de meia idade que não tenham experienciado divórcios e recasamentos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, na cidade do Salvador- BA – Brasil, totalizando 12 (doze) participantes, no local escolhido por cada um deles, a partir de um agendamento para incursão do investigador. Foram consideradas as normas da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que regem as pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012) e, para preservar a identidade dos membros, os casais foram, aqui, identificados com nomes supostos (pseudônimos), por livre associação com elementos e fenômenos da natureza.

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: roteiro semi-estruturado para entrevista dirigida (Apêndice 1) e um diário de campo, composto por anotações de acontecimentos importantes e das principais impressões do pesquisador durante o período de coleta de dados.

A escolha da entrevista semi-estruturada na sua preparação e semi-diretiva na sua aplicação (COLOGNESE e MELO, 1998), complementada com o aprofundamento em que se sustentam as abordagens biográficas, como instrumento principal de coleta de dados, apresentou-se como a via metodológica mais adequada para obter testemunhos subjetivos sobre os modos de pensar a avosidade e as interações familiares entre casais de filhos/genros/noras com estes sogros/avós, sem que fosse negligenciada sua dimensão processual, relacional e social.

Ao se enveredar por esta tipologia de entrevista, pretende-se abordar aspectos afetivos e valorativos dos informantes, levando-os a expressar significados pessoais a respeito das suas atitudes e comportamentos, e dando-lhes a oportunidade de emitir respostas espontâneas, de grande utilidade na pesquisa.

Das entrevistas, foram feitas análises das repercussões advindas das experiências com os sogros enquanto avós, e os impactos dessas transformações na dinâmica familiar, considerando os padrões interacionais.

Buscou-se analisar cada caso isolado, separando a história do marido/pai com seus sogros, da história da esposa/mãe com os seus sogros, antes e depois do casal ter procriado, assim como a perspectiva desses sogros/avós sobre a relação com seu

genro ou nora, também antes e depois da avosidade, revelando quais mudanças relacionais ocorreram, de fato, na condição deles enquanto avós.

Feito isso com cada caso, que foi descrito em particular, utilizou-se, a partir daí, a estratégia de análise dos dados do “método comparativo constante” (LINCOLN; GUBA, 1985), em que, finalmente, seguiu-se as etapas propostas pelo método, buscando identificar unidades de informação sobre as relações dos sogros/avós com genros/noras e dos genros/noras com seus sogros, obtendo consistência interna de categorias, que foi o que se realizou quando agrupou-se os dois casos, aprofundando-os em torno de identificar o que foi proposto no objetivo geral do estudo e apresentando seus aspectos comuns quanto ao que norteia essas relações de cada membro do casal de filhos/pais com seus sogros/avós.

Essas categorias foram, aqui, apresentadas, como aspectos emergentes na discussão dos resultados, transitando entre pontos gerais e específicos evidenciados nos casos, dispostos em concordância com o que a literatura científica discute sobre os dados encontrados.

A comparação, enquanto momento da atividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. Através do raciocínio comparativo, pode-se descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.

Para alguns autores, a impossibilidade de aplicar o método experimental às ciências sociais, reproduzindo, em nível de laboratório, os fenômenos estudados, faz com que a comparação se torne um requisito fundamental em termos de objetividade científica (SCHNEIDER, S; SCHIMITT, C. J., 1998).

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Caso 1: Casal SOL e LUA

Sol e Lua têm 16 anos de relacionamento, dos quais 3 anos foram de namoro. São de cidades diferentes e se conheceram na faculdade, através de uma amiga em comum. Antes de se casarem, abriram, juntos, um negócio, que levou Lua a se deslocar geograficamente e vivenciar a experiência de passar alguns dias da semana morando na casa dos sogros, na condição de noivado. Após casados, moraram num Village que era uma extensão da casa dos pais de Sol, construído num mesmo terreno, separados apenas por um portão. Com 1 ano de casados, planejaram a vinda do 1º filho. Atualmente, residem numa casa em um condomínio ao lado do que os sogros moram, têm 2 filhos, de 13 (Raio) e 7 anos (Trovão). A renda familiar é de 8 a 10 salários mínimos.

Caso 2: Casal MAR e ONDA

Mar e Onda têm 7 anos de casados, com registro civil, após 14 anos de namoro, que totalizam 21 anos juntos, com um episódio breve de separação, quando tinham 12 anos de namoro. Se conheceram na rua em que moravam, e, no namoro, viveram a experiência de mudar de cidade, onde Mar foi trabalhar e Onda prestou vestibular. Moraram, por 3 anos, cada um em repúblicas diferentes, com amigos, até decidirem dividir as despesas, indo morar juntos. Após 5 anos, Onda voltou para estudar na cidade de origem deles, mas Mar continuou onde trabalhava, passando a compartilhar a moradia com seu sogro, que havia sido transferido à trabalho para a mesma sede da empresa do genro, que, na época de recém-formado, teve indicação desse sogro como referência de trabalho. Quando Mar novamente se estabelece na cidade de origem deles é que ocorre a cerimônia de casamento. Após 4 anos de casados, planejaram a vinda do 1º filho (Ciclone), hoje com 4 anos, e, 2 anos depois, Vulcão. A renda familiar é maior que 10 salários mínimos.

Tabela 1 – Informações sociodemográficas dos participantes da pesquisa

	SOL	LUA	ONDA	MAR
IDADE	38	38	37	42
SEXO	Masc.	Fem.	Fem.	Masc.
RELIGIÃO	Católico	Católica	Católica	Católico
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação

PROFISSÃO /OCUPAÇÃO	Dentista	Dentista	Médica	Engenheiro/ Empresário
TEMPO DE UNIÃO CONJUGAL	13 anos		7 anos	
RENDA FAMILIAR	De 8 a 10 s. m.		Maior que 10 s. m.	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Nível médio
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MAE	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Nível médio
OCUPAÇÃO DO PAI	Administrador/ Empresário	Médico	Engenheiro/ Aposentado	Representante comercial/ Aposentado
OCUPAÇÃO DA MAE	Professora/Psicóloga/ Empresária	Médica	Dentista/ Aposentada	Aposentada
TEMPO DE UNIÃO CONJUGAL DOS PAIS	39 anos de casados	45 anos de casados	43 anos de casados	49 anos de casados
PAI CONHECEU SOGRO E SOGRA	SIM	SIM	SIM	SIM
MAE CONHECEU SOGRO E SOGRA	SIM	SIM	SIM	SIM

Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2024.

Tabela 2 – Nomes fictícios atribuídos aos participantes da pesquisa

	SOL	LUA	ONDA	MAR
PAI	Vento	Céu	Fogo	Ar
MÃE	Brisa	Estrela	Terra	Água
FILHOS DO CASAL	Raio (13); Trovão (7)		Ciclone (4); Vulcão (2)	

1

Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2024.

Para a construção do estudo, as análises foram realizadas, caso a caso, seguindo as seguintes etapas:

- 1) Análise das narrativas acerca da relação SOGROS – NORA:
sogra-nora e sogro-nora
- 2) Análise das narrativas acerca da relação NORA - SOGROS
- 3) Análise das narrativas acerca da relação SOGROS – GENRO:
sogra-genro e sogro-genro
- 4) Análise das narrativas acerca da relação GENRO - SOGROS
Em todas elas, considerando ANTES e DEPOIS da Avosidade.

Descrição do CASO 1:

- 1) SOGROS – NORA

SOGRA-NORA

Antes da Avosidade:

Brisa, a sogra, confessa que ocorreu um nível de identificação com a nora desde o primeiro momento, descrevendo seu primeiro encontro, a partir das suas semelhanças físicas: *“A primeira surpresa minha foi que eu achei que ela era muito parecida comigo...claro que muito mais bonita do que eu. Mas eu achei ela parecida comigo. E eu acho que ela se impressionou muito com minha juventude [...] Então, ela arregalou os olhos [...] Durante o jantar, ela me olhou muito e eu olhei muito ela. Então, a gente já se identificou no primeiro instante. Eu acho que eu olhei muito pra ela, porque eu achei ela muito linda, muito linda.”*

Ela mencionou que a nora fez questão de expressar que o deslocamento geográfico que faria para estar junto ao seu filho representava uma grande prova de amor, o que também foi interpretado da mesma forma pela família deles: *“Até que ela disse que ia fazer a maior prova de amor da vida dela, que era deixar os pais, a família, pra vir morar com ele. Aí ela me disse: ‘- Você já ouvi dizer uma prova de amor maior que essa, porque nada me faria deixar meus pais... Mas, essa é a maior prova de amor. Então, eu vou noivar com ele, porque eu vou fazer essa vontade.’ Foi quando eles noivaram, já com a data marcada, do casamento.”*

A sogra esclarece que, após o casamento, não viveram uma experiência comum de coabitação: “[...] *E fizemos um vilage aqui no fundo da nossa casa. Com um portão de intercessão e eles moravam atrás, a gente morava na frente...*”, e que o que mais chamava a atenção das pessoas da cidade era a semelhança física delas: “*Aí, quando eles casaram, eles vieram e as pessoas todas diziam: ‘- é sua filha? Parece uma filha, que ela parece muito com você’; é que meus cabelos ainda não estavam tão brancos [...] E todo mundo achava que era minha filha, todo mundo achava, não sabia [...] e eu tinha que explicar: não é filha, é a esposa de Sol. ‘Mas ela parece muito mais uma filha do que Sol com você [...] então, a gente tem muita coisa comum.’*”

Brisa se sente responsável pelo sucesso da adaptação da nora entre eles, inclusive porque moraram juntas, inicialmente: “*E ela morou comigo até o dia do casamento. E aí voltava, né? Ela vinha trabalhar nos dias aqui, final de semana, ele via, ele vinha durante semana também.*” E, ainda, considera que essa experiência de morar junto a eles, também contribuiu para que a nora revisse sua relação com seu pai, com quem existiam alguns conflitos: “*Mas muito apegada à mãe, e tinha muitos problemas com o pai, e eu fui ajudando-a a pensar sobre isso.*”

A avaliação da sogra sobre esse relacionamento, sogra-nora, é de uma construção muito positiva, ao longo do tempo: “*Primeiro, a grande mudança foi dela ter deixado Salvador pra vir para Alagoinhas (cidade fictícia para manter a ética do anonimato) ... Ela precisou se apoiar a alguém e ela viu que ela podia se apoiar em mim. Então, cada dia a gente foi se tornando mais íntima uma da outra. Então, essa intimidade que a gente foi construindo...*”, considerando que Lua se tornou uma pessoa cada vez mais calma, mais centrada: “*Cada vez melhor. Melhor no sentido de mais afetos, vínculos mais fortalecidos [...] Ela é hoje muito mais calma, muito mais centrada, muito mais tranquila*”, e destacando a honestidade e educação da nora, em expressar suas opiniões e preferências: “*Lua é uma menina muito sistemática [...] e ela... ela é ansiosa... então ela precisa ter tudo muito planejado... então... você precisa convidar para você almoçar a Lu... você tem que fazer a agenda com ela antes. Tá. É o jeito dela.*”

Brisa, a sogra, foi entendendo que era o jeito que a nora funcionava na vida, reconhecendo e valorizando o quanto isso facilitava a relação delas: “*Ela é muito*

verdadeira que eu te falei, isso é muito, muito forte, né? Muito verdadeira para expressar tudo que ela não gosta, e muito educada para dizer que ela não gosta e como ela não gosta. Aí fica fácil conviver, não precisa adivinhar nada”.

Depois da Avosidade:

A sogra destacou a evolução do relacionamento com a nora, desde o início do casamento até o nascimento dos netos, ilustrando o quanto o vínculo se tornou mais afetuosos e fortalecido. Mencionou como a chegada dos netos fortaleceu os laços familiares, e como ela se tornou uma parte importante na vida diária das crianças, ajudando com cuidados e atividades: *“Os meninos são muito na minha casa, porque todo domingo eles têm que comer pizza, todo domingo eles estão aqui”*; *“Eu sou a avó que todos os dias eu levo para as atividades da tarde, todos os dias eu pego. Eu sou a avó que levo para toda terça-feira, para a escolinha do futebol.”*;

Ela se considera alguém que ajuda diariamente com os netos, levando-os para atividades e cuidando deles: *“Eu sou a avó da necessidade, então quando eles viajam, os netos ficam comigo e ela deixa tudo anotado.”* Ao comentar sobre o nascimento de Raio, o primeiro neto, ela relembra como se envolveu nos cuidados: *“Então, isso não era só mais a sogra do final de semana, mas era alguém que ela podia contar pra entregar o filho pra dormir, né? Pra dar um banho no filho, que ela estava no sufoco, e se todas as vezes que ficava doente ela só de lá mesmo falava ‘corre sogra’. Então, quantas vezes eu saí com o Vento (sogro) meia noite, passando pelo portãozinho, pra ver uma febre, pra ver um termômetro.”*;

“Pra dar banho de Raio, Raio não chorava comigo, ela dizia, aí ela combinou comigo, que a partir de então, eu já podia dar o banho de Raio, até ele se adaptar. Ela disse: ‘já sei, você dá banho nele conversando como se fosse um adulto, como você conversa com ele, como se fosse um adulto, sabe, porque eu dizia: ‘aí, tô lavando o dedinho, o pezinho, vou botar lavando a barriguinha, canto música, conto história e ele gosta muito, você pode fazer’, aí, ela, então: ‘vou fazer assim’, mas mesmo ela fazendo assim, chorava, então, eu comecei a dar os banhos por muito tempo, até que ela começou a contar as histórias, conversar com ele, e ela disse: ‘já sei, ele não quer parar de me ouvir, conversar, ele vai ficar tagarelo igual a você, tem que ser por aí então, ela foi pegando a manha”.

A sogra também recorda que a nora era muito sistemática e ansiosa, inicialmente, mas foi relaxando com o tempo, principalmente com o nascimento do 2º filho/neto, em que também já estava mais adaptada à cidade, e atribui o conforto da relação entre elas à sua postura pessoal, como indivíduo, e não somente como sogra, de respeitar as pessoas como elas são: *“Ela deixa uma caderneta até hoje. Ela viaja, ela deixa os dois comigo, porque eu sou a avó”*;

“Quando Trovão nasceu, ela já estava mais relaxada. Ela já estava completamente adaptada à Alagoinhas. Agora, ela gosta de Alagoinhas”.

“A rotina dos meninos vem, a cueca, a bermuda e a camisa, essa é a de segunda-feira, essa é a de terça-feira, e essa é a de quarta-feira, entendeu? E tudo isso é anotado, então eu entendi logo que ela funcionava assim, e que isso funcionava, trazia pra ela uma calma, e eu sou, naturalmente, uma pessoa que aceito muito o outro como outro é. Na verdade, é isso que acontece, então nós não tínhamos dificuldade sobre isso, né? Algumas vezes, eu senti até medo de errar.”

“Eu cumpri aquilo ali, porque eu sabia que ela ia ficar mais confortável se eu cumprisse aquilo ali.”

A importância da consciência de que precisa respeitar as decisões da nora em relação aos filhos, como horários e rotinas específicas, apareceu durante toda a entrevista, em que enfatizou o respeito mútuo (sogra-nora e nora-sogra) e a adaptação às necessidades e preferências da nora, especialmente em relação à criação dos filhos, mesmo tendo alguns aspectos que ela não concorda, mas se esforça em respeitar: *“Muita coisa a gente não concorda, que é que tem que ser assim, porque é que os meninos não podem ficar hoje...”*; *“Aí ele (o neto mais velho), às vezes me fala: ‘- vó, pede a minha mãe’, e eu digo: ‘- filho, não funciona assim’ [...] calma, é essa sua mãe, você sabe que sua mãe, quando você pede, sua mãe não gosta da intervenção de sua avó”*.

Trouxe, com veemência, o orgulho de perceber que o que ela considera rigidez da nora como mãe, tem trazido resultados dos quais ela e o esposo (sogro) se orgulham, como avós: *“Na escola, são visto como crianças, extremamente educadas; são aquelas crianças que não chegam perto de você sem dizer boa tarde, como vai, abraça, porque essa é a lei dela, é a lei, os cuidados é dividir entre os dois, de maneira bem, muito bem, organizada, porque ela funciona assim.”*

Um aspecto interessante foi reconhecer o quanto a nora melhorou emocionalmente, inclusive, como testemunho que a sogra diz ter escutado da própria mãe da nora: *“E Lua, na verdade, melhorou muito a ansiedade [...] Estrela (mãe da nora/sogra do filho) acha que é minha companhia que fez de Lua uma pessoa melhor. E Estrela acha que ela não podia ter tido um marido mais paciente, mais afetivo, mais amoroso, do que Sol. Vai dar graças a Deus todos os dias por Sol na vida de Lua. E por mim, por Vento na vida de Lua. E eu também sou muito grata porque eles, Estrela e Céu, têm o meu filho como um verdadeiro filho.”*

A forma geral como avalia a mudança na relação com a nora após a avosidade é trazida pela sogra como transformadora, pelo fato do nascimento do seu papel social de avó, mas, como uma continuidade de esforços acerca do respeito à nora como mãe: *“Teve mudança assim, porque eu nasci com o neto, sempre promove a mudança. Primeiro que eu me tornei a vó, então às vezes doeu em mim a coisa de não, não pode lavar, não, não pode pôr no colo agora, não, tem que deixar no berço. Mas eu sempre fui muito de respeitar, muito, eu nunca contrariei isso, não contrariei. E às vezes ela não deixava, mas depois ela vinha, me entregava, dizendo, ele não está calando, não está resolvendo... então, ela recorria.”*

SOGRO-NORA

Antes da Avosidade:

O sogro, Vento, reforça a relação amistosa que, assim como sua esposa (Brisa, a sogra), também tem com a nora: *“A gente também criou um vínculo muito feliz, muito sadio; ela me enturmou, assim, na família, nas brincadeiras, no defeito e nas virtudes [...] ela entrou assim, de cabeça. A gente tem, assim, uma relação muito de piada, de contar, de mandar coisa pela internet, e de contar casos das histórias...”*

Retoma as lembranças da família de origem, quando sugere que, agora que seu 2º filho casou, passou a ter duas noras, e, portanto, precisa ter cuidado para não tomar partido da nora que chegou à família há mais tempo (Lua), exatamente como seu pai fez, enquanto sogro, com sua esposa: *“Meu pai tinha com Brisa, como meu pai também não teve filha, os três filhos foram homens, e a gente via assim, ele tinha com Brisa, uma relação, assim, mais próxima dele com as três noras, a gente percebia claramente que ele era assim, eu nunca nem tinha observado isso. Até mesmo*

porque agora que eu tenho outra nora também. Eu até fico pileriando com ela: me trate bem que a 02 chegou. Eu ia dizer, você é a 01, mas agora tem a 02... Mas eu gosto de todas as duas, dentro das suas particularidades, cada uma é única, mas todas as duas são muito amorosas... tem mais, por questão de mais tempo, elas estão quase entre casamento e namoro, quase 15 anos, né?!"

O sogro reconhece que os pais da nora, sogros de seu filho, não conseguem encontrar uma postura de neutralidade entre as preferências de genros, e reflete que precisa tomar cuidado para não reproduzir o que eles fazem, demonstrando, também, um cuidado e consideração, também, com a nora mais recente (esposa do seu 2º filho): *"E ele (Céu – o sogro do filho) dizia o tempo todo: '- Sol é o filho que eu não tive. Então, às vezes, eles (sogros do filho) falam isso de uma forma muito espontânea, mas, ao mesmo tempo, muito perigosa, né? De magoar a outra filha e, também, o genro, né? [...] Então, existe uma competição nessa relação sogro e genro entre as irmãs, né? Uma compara, cobra dele, né? [...] E ele não faz segredo disso, pelo menos pra gente. Mas, é o jeito dele, né? Ele é muito espontâneo, muito verdadeiro. Ele tem, assim, a facilidade muito grande de colocar coisas que ele pensa de uma maneira muito transparente."*

Quanto à relação com Lua, sua nora, o sogro comenta que tem uma comunicação direta com ela, sem precisar da mediação do filho, para acessá-la e, nas redes sociais também têm estreitado laços de trocas de mensagens com ela: "Nós estamos tendo assim uma rede social bastante ativa".

Depois da Avosidade:

O sogro considera Lua uma mãe zelosa, mas muito rígida. Também traz no seu discurso a crença de que "avô existe para deseducar": *"Ela é uma mãe zelosa, cuidadosa, com Raio, mas muito boa. Quando o menino cresceu, acho que era um pouquinho rigorosa demais, entendeu? Tem umas atitudes, assim, com o menino, que eu acho que não é necessária. Mas também diz que quem cria é pai, então, o avô fica na permissividade de ir além da conta, né? ... Ela tem algumas questões também muito duras, talvez por conta também da criação que ela recebeu... Ela fica muito rigorosa com as crianças. Entendeu? Sim. É mãe, é o jeito que ela foi criada, é o jeito que ela fica sendo. E, comigo, quando chego aqui em casa, eu boto um pouquinho a perder."*

Assim como sua esposa, o sogro também compreende o lugar que a nora ocupa na educação dos seus netos, como mãe que é, e procura não a desautorizar em nada: *“É mãe, exatamente. A gente não desautoriza ela. A gente não concorda, a gente não entra em confronto, não comenta na frente do menino. Então, ela é mãe. Se ela está dizendo isso, ela que está criando, né? A gente, lógico, depois, entende.”*

Quando se expressa como sogro, sempre usa o plural, incluindo a postura de sua esposa, como se combinassem, juntos, a forma ‘de ser sogro e sogra’: *“A gente acha que tem essa dificuldade, assim, de em algum momento dela ser muito rigorosa com a criança, entendeu? Muito mais do que a gente acha que seria necessário”.*

O sogro consegue responsabilizar a rigidez da nora como mãe à postura mais passiva que o seu filho tem na educação dos netos, como forma de compensação: “Mas o pai também é uma pessoa, assim, muito tranquila. Acho que ela repreende por ela e pelo pai. Não vejo, assim, alterar a voz com o menino, nada. É muito difícil. Ele (Sol, seu filho) ameaça um castigozinho: Vou te botar de castigo, tá? Mas Lua é muito mais dura com as crianças.”

Da relação sogro – nora, o sogro destaca o aumento da importância que sua nora passou a ter à medida que também se transformou na mãe dos seus netos, valorizando, inclusive, sua postura como esposa e parceira do seu filho: *“ [...] da importância que ela tem para a família, ela cuidando do meu neto, muito bem também do meu filho, eu acho que também é uma coisa interessante, eu acho que ele também não só dos netos, mas também ela com o pai, ele tem uma parceira, uma esposa que chega junto, tem uma dificuldade nos momentos difíceis, nos momentos bons também, ela está sempre colada, e isso para a gente também é um pouco positivo”.*

Sobre a forma de atuação como rede de apoio desses netos, o avô/sogro, comenta que, pela sua rotina de trabalho, a ele não existe uma obrigação em desenvolver qualquer atividade, mas, quando solicitado, ele tem prazer em servir: *“Não, não. Eu trabalho o dia todo, trabalho fora, trabalho em laje. Então, geralmente, o meu horário, eu saio de manhã, retorno à tarde. Às vezes, eu chego aqui em casa às sete horas da noite. Aí, não dá para conciliar, assim, uma agenda... Agora, como obrigação assim... não. Eles jogam futebol aqui dia de quarta. Tem negócio da escola. Às vezes, quando não pode levar na escola, eu pego e levo na escola.”*

O sogro conta, com alegria, as programações pré-fixadas que existem para movimentar essa relação avós-netos: *“Mas o cinema, a gente sempre vai com ele somente. O hambúrguer, vamos andando no Bob’s. O futebol, às vezes, que tem. Aqui, se eu estou, eu levo, eles que estão aqui em casa, eu deixo a hora, eu levo, acompanho...”*;

“Domingo, a pizza na casa do vovô é uma coisa já... Quando a gente não liga, ele fica chateado. Aí, eu digo: ‘- Não vem comer a pizza?’, ‘-Você não me chamou’. Eu digo: ‘- na casa do seu avô, você não precisa se chamar’. Aí já é, acho ,que é regulação da mãe, entendeu? ‘Na casa do seu avô, você não precisa ser chamado. Você pode vir a hora que você quiser. Você fala para sua mãe: ‘minha mãe, a pizza, hoje, domingo é dia de pizza, na casa do meu avô, mesmo que eu não tenha chamado, que eu, por algum motivo, esqueci ou atrasei, você pode ter um problema’. E eles vêm todo domingo, praticamente. Todo domingo é quando tem futebol do Bahia, que assiste aqui no quarto, assiste lá embaixo, e depois tem a famosa pizza de domingo”.

Vento resume quem é Lua, sua nora, como alguém que ele gosta muito, e diz que releva sua rigidez, procurando compreender quem ela é: *“Minha nora, mãe dos meus netos. Eu gosto muito dela. Gosto dela. Ela tem esse temperamento, o temperamento dela também não é fácil não. Ela não é fácil não, ela quando encasqueta com algumas coisas... por exemplo, eu sempre que resolvo o Réveillon, mas ela já quer marcar o Réveillon da agora. Então, se a gente for fazer alguma coisa, tem que programar com ela com um mês, se você tiver uma atividade para ir amanhã. Qualquer ‘atividadezinha’ tem que programar com, no mínimo, uma semana.”*

2) NORA – SOGROS

Antes da Avosidade:

Lua, a nora, expõe o quanto a afinidade de valores entre as duas famílias: a sua, de origem, e a do marido, por afinidade, foi crucial para o sucesso da relação amorosa e das relações que se construíram a partir dela: *“Minha família é bem tradicional, a dele também. E aí, como eu te falei também, minha sogra e meu sogro sempre foram assim, muito, acho que isso que encaixou muito com a minha família, porque a família de Caio é uma família muito tradicional, assim, em relação a costumes. Então, assim,*

nunca chocou muito essa questão, assim, dos atos, dos costumes, dos princípios, né? Sempre foi muito igual, muito tradicional, assim, muito semelhante aos meus.”;
“Eu tava noiva já, mas eu nunca dormi com o Caio no mesmo quarto. Eu dormia num quarto, ele dormia no outro... Minha mãe, minha sogra, meus pais, né? Ficaram muito amigos... Eu acho que isso foi uma coisa bem importante, assim, pra minha relação com o Caio, porque eu acho que quando você tem de família esse comportamento diferente, eu acho que talvez isso... você fica meio que sem saber como se comportar, né?”

Da relação com a família por afinidade, ela pontua que foi decisiva para definir sua mudança geográfica: *“Eu acho que essa minha boa relação com a família dele foi assim. fundamental, assim, pra eu aceitar vir realmente pra Santo Antônio porque não só minha sogra, mas assim, a família dele como um todo, mas principalmente minha sogra e meu sogro assim... são realmente maravilhosos comigo [...] eu não tenho nada para falar...”*

Vinda de uma experiência traumática com a sogra da relação amorosa anterior a essa, comenta que chegou nesta família com muitos preconceitos acerca da relação nora-sogra: *“E eu vim... como eu citei com você no começo... de uma relação pregressa... em que minha relação com a minha sogra anterior era péssima... ela era péssima... no começo, quando eu conheci Brisa... eu inclusive falava... não é possível... essa mulher é falsada... eu vim assim meio desconfiada, porque eu falava, gente, ela é tão meiga... ela é... tão doce, né, que não é possível que ela seja assim o tempo todo, mas ela é assim, né?”;* *“Eu namorei um tempo e realmente já tinha visto que o comportamento dela era diferente. Apesar de que quando você casa e que você convive é que você vê realmente o que é...”*

A nora identifica a afinidade comportamental entre seu esposo e sua sogra, cuja postura discreta facilita a ausência de qualquer intromissão na vida deles: *“Às vezes eu digo a ela, eu falo, sogra, agora quase 20 anos de convivência, depois eu falo, sogra, às vezes eu brigo com ela, falo, você tem que reagir, porque ela é muito, né, e Caio tem muito isso dela, então a gente graças a Deus sempre se deu muito bem, sabe? Não vejo ela interferir muito na minha relação”.*

Lua relembra a fase em que morou com seus sogros, noiva, antes de casar, e o quanto de esforços eles realizaram para que ela se sentisse em casa: *“Eu trabalhava aqui quarta, quinta e sexta. Aí eu dormia aqui duas noites, mais ou menos. Às vezes, quando tinha alguma coisa aqui, a gente emendava e ficava no final de semana. Então eu dormia mais de duas noites. Então aí ela fez um quarto para mim, separou o quarto da casa e deixou para mim. Foi assim, super atenciosa. Então, ela me deixou realmente em casa, sabe?”*

Sua apreensão quanto ao nível de intromissão que poderia ocorrer, por compartilharem moradias, num mesmo terreno: *“Eu ficava meio, eu fiquei meio preocupada. preocupada naquela coisa de... ai meu Deus... vai ter um portão que comunica a minha casa dela... como é que vai funcionar isso... esse portão vai ficar... tipo... aberto... todo mundo tem acesso o tempo todo... era uma coisa que eu ficava meio preocupada... e aí a gente tinha a chave... teoricamente o portão ficava trancado... e aí, no começo, eu ficava com essa... essa preocupação... e até... a gente até ficava com isso de... o portão ficar trancado... mas depois de um tempo... eu fui vendo que realmente não havia essa necessidade... porque... ela era... meus sogros... como eu falei... são muito tranquilos...”*

Sempre trazendo passagens somente de como a sogra a havia recebido: *“Bem difícil pra mim, psicologicamente falando, hoje eu vejo que tive uma depressão, assim né, já consigo observar isso. No começo, quando você tá, era uma depressão, não conseguia identificar exatamente, né, não queria aceitar porque eu tenho um distúrbio de ansiedade já, né, diagnosticado, mas eu vi que realmente era e ela foi maravilhosa comigo. Assim, foi muito difícil pra mim esse começo, e ela me deu todo o apoio, sabe... E, hoje, ela me diz: ‘-Isso que você sentia era muito pelo distanciamento dos seus pais.’”*

“Então, ele continuava viajando... aí ele passava uma noite fora... uma ou duas noites fora. Então aquilo para mim era um horror... era um terror. Aí essa noite que ele passava fora eu ficava com a minha sogra. Ela sempre ficava comigo... ou ela dormia comigo, ou ela pedia para eu ir para a casa dela...”

Ou, trazendo um panorama geral de como ela se sentia ali, naquela família: *“Nunca imaginei na minha vida, eu tô saindo do meu ninho e me sentia, tipo, uma estranha no ninho, sabe? Assim, tava, tipo, apostando, assim, numa relação que, querendo ou*

não, apesar de o Caio ser maravilhoso, eu tava construindo ali, então eu tava, né, investindo, apostando naquilo ali, né? Foi uma coisa construída, né?”

Só falou do sogro após uma provocação da pesquisadora: “Minha sogra é mais delicada, mais carinhosa, ela é mais meiga. Meu sogro é mais, vamos dizer assim, mais... não vou nem falar esquentado, que ele não é, não acho nem que é isso... ele é mais bruto, eu brinco com ele dizendo sempre que os brutos também amam. Ele é mais bruto, ele é de falar alto, não sei o que, mas, comigo, assim, eu não posso falar absolutamente nada.”

Com o sogro, Lua pontua que estabelecem uma relação de muita brincadeira, mas, que ele conseguiu construir um lugar de confiança, típico de alguém que ela sabe que pode contar: *“Sempre ele vem na brincadeira [...] não tenho nada pra falar dele. Se eu disser assim, já me fez alguma coisa que eu não gostei, me ofendeu, não. Com a minha sogra já, mas, com o meu sogro, nunca tive nenhuma situação específica de ter ficado assim, chateada, magoada... Tem essas maluquices dele, que ele fala alto às vezes, ele é meio grosso, mas é o jeito dele, porque meu pai também é assim, então acho que eu já tô meio que... acostumada, sabe? Mas ele é muito tranquilo. Inclusive tem situações... algumas situações específicas, por exemplo, quando a gente foi comprar a nossa casa, depois, já mais pra frente, isso, e a gente precisou, né, pedir ajuda deles, Sol não quis pedir, eu fui lá e pedi a ele: ‘Sogra, a gente precisa de ajuda’. E ele não pensou duas vezes. Ele não me negou. E não tem nada que eu ligue pra ele, ou que eu peça a ele, que ele não vá lá, e me peça.”*

A nora faz um paralelo entre os temperamentos do sogro e da sogra, revelando o ponto de conflito maior na relação nora-sogros, que é quanto ao hábito de não programarem a rotina da família, como ela gostaria que funcionassem: *“Uma outra questão que eu falei para você é que aí eu nem culpabilizo tanto ela. Eu vou culpabilizar mais meu sogro. Mas também culpabilizo ela. Porque minha sogra é uma pessoa muito pacífica. Que às vezes é demais. Meu sogro é uma pessoa que só resolve tudo aos 45 do segundo tempo. É uma característica da família de Sol.”*

Comparando à sua família de origem, que tem um funcionamento hiper planejado, e revelando a sua estranheza: *“É uma coisa que me enlouqueceu, no começo. Minha família [...] A gente já está com um calendário do ano, do Natal, do Réveillon, a gente*

já tá com a viagem do Carnaval do ano que vem, de 2025, programada. Meu sogro não sabe, se ele tiver uma viagem amanhã, ele não sabe o que ele vai fazer, ele não tem a menor ideia. E minha sogra, às vezes, ela até tem vontade de fazer, mas ela não faz, porque ele não quer fazer. Então, tudo que meu sogro quer fazer, ela acolhe... A família dele é assim. O máximo, do tipo, assim, não existe programação, e a minha, é o máximo da preocupação de tudo.”

Contrariando as expectativas históricas sustentadas pelos estereótipos acerca dessa relação nora-sogra, Lua revela, em 15 anos, só terem tido duas situações de conflito: *“Eu acho que a gente... de convivência... eu acho que eu tive umas duas situações, talvez, com a minha sogra... que eu tenha ficado chateada assim... sabe... chateada, assim mesmo, de passar alguns dias assim...triste assim... não brigada... mas, assim... aquela coisa de... vou ficar um pouco na minha... e ela percebeu... tanto, que ela veio na minha casa depois, me pediu desculpa, chorou, disse que entendia... que eu tinha ficado... e que ela tinha feito sem perceber... e tudo... mas... eu acho que foi uma ou duas vezes...”*

Espontaneamente, Lua comenta, também, sobre a relação dos pais dela com o genro, seu esposo (Sol): *“ [...] E a gente precisava de outro livro pra poder escrever, porque a relação de meu pai e minha mãe com o Sol já é uma questão mais... já é patológica, já ultrapassa [...] A relação dela (da mãe) com o Sol, e de meu pai com o Sol, realmente, eu acho que ultrapassa mesmo a relação de sogro, de sogra, é uma relação mesmo filial mesmo, né?”*

Depois da Avosidade:

Lua relembra sua 1ª gravidez, quando se tornou mãe, e, conseqüentemente, seus pais e seus sogros, avós: *“Eu engravidei com nove meses de casada. Quando eu soube que eu estava grávida de Raio, não foi sem querer e querendo. Foi sem querer, total. A gente parou o remédio, mas eu achei que eu ia demorar um pouco mais [...] E aí, quando eu soube que eu estava grávida, eu fiquei mal. Mas eu fiquei mal, mal, mal. Minha cabeça foi lá para baixo. Minha primeira gestação... foi bem complicada...”*

Da relação nora-sogra, as recordações são muito positivas, após a avosidade de seus sogros, mesmo morando num mesmo terreno: *“Acho que com os meninos ela (a sogra) sempre me ajudou muito... depois que eu engravidei... aí piorou... aí ela me*

pedia... ‘- Não... não vou te deixar sozinha’... acredito que ela já sacava que eu já não estava muito bem... e aí ela ficava muito comigo... tanto, que a casa da gente... a casa que eu morava... a gente brincava dizendo que tinha uma passagem secreta... porque era tipo um village, no fundo da casa dela... e aí tinha uma ‘passagemzinha’ pelo jardim, que a gente fazia para não ter que atravessar a rua inteira [...] e aí [...] era uma passagem emergencial [...] então, a gente sempre [...] a gente sempre se comunicava...”

Não houve modificação quanto às intromissões da sogra, antes e depois de ter se tornado avó: *“Minha sogra nunca foi de se meter na minha casa... nunca foi... nem antes dos meninos nascerem, nem depois dos meninos nascerem... assim... poucas vezes... ela foi lá sem me avisar antes... assim... ‘Estou indo aí’, sabe, no máximo, era uma coisa assim [...] No máximo, como a janela comunicava, ela avisava. Então, assim, quanto a isso de intromissão e tudo, eu realmente não tenho o que falar.”*

Da análise da relação com os sogros após a avosidade, Lua considera que houve até mais união entre todos, não só entre elas e os sogros, mas também entre ela, os pais e o marido: *“Eu acho que só pro bem, eu acho que só acrescentou, a gente só se uniu mais, eu não vejo sinceramente, se eu lhe disser que houve alguma, que eu percebo alguma dificuldade, não, eu não, realmente eles... ajudam tanto meus pais quanto meu sogro e minha sogra, só me ajudam, não vejo nenhuma dificuldade.”*

A nora esclarece que ela e o marido comungam da vontade de assumirem as responsabilidades sobre os filhos, solicitando ajuda da sua rede de apoio apenas em casos de necessidade: *“É raro a gente solicitar alguma coisa, ou pedir alguma coisa, a eles, que eles não possam. Agora eu também evito, eu e Caio evitamos ficar pedindo, eu não gosto de ficar pedindo, para estar sempre deixando na casa deles, ou estar sempre, né, ah, vou sair, vou deixar. Eu evito mesmo, tá?!”*

Considerando que seus filhos são apegados a ambos os casais de avós, Lua defende que, muito ativos, devem desfrutar do convívio com os netos como forma de distração, conforme acordado entre ela e o esposo: *“Meus filhos são super apegados, tanto o Raio quanto o Trovão, aos avós dos dois lados, mas eu evito, porque eu não gosto de dar trabalho [...] meus pais e meus sogros são muito ativos ainda, de trabalho, trabalham muito... os quatro... então, assim... eu fico sempre assim... receosa de estar*

levando trabalho a eles, de estar dando mais trabalho a eles, então, eu e Sol, temos essa postura de ficar evitando, mas tem situações que não têm jeito... por exemplo... a gente nunca teve babá... qualquer coisa que fuja do horário do trabalho, eu preciso de ajuda.”;

“Nós estamos, eu e Sol, acho que a gente consegue se entender bem em relação a isso, para não ter essa dependência. Justamente por isso, a gente sempre tem esse pensamento de não dar trabalho. Não pesar.”

Lua solicita apoio dos sogros e dos pais, considerando suas reais necessidades, com a cerimônia de quem não quer abusar: *“Nessas situações, a gente precisa recorrer, não tem jeito, mas é no máximo, tanto que eu brinco com o Sol, toda vez que a gente vai pedir alguma coisa, a gente fala; ‘vamos pensar direito pra não queimar o cartucho’; não é porque eles não querem que a gente peça, ou que eles aleguem, mas é porque a gente mesmo não gosta de ficar pedindo, pra não ficar sobrecarregando. Eu acho muito chato essa postura...”*

Com uma percepção de que avós não são para cuidar dos netos, mas sim para se distraírem com os netos, Lua opina: *“Eu acho que os avós não têm que ter essa obrigação de ficar o tempo todo com os netos. É o meu pensamento, entendeu? Acho que deixar uma vez ou outra, tudo bem, a gente vai fazer uma viagem, deixa.”*

Ela demonstra não ter resistência, nem preferência, quanto à escolha de com quem deixar seus filhos, quando se refere aos avós: *“Eu canso de deixar com minha sogra. Não é só deixar com minha mãe. Às vezes, a depender, eu deixo com minha sogra. Por quê? Porque como a gente mora em Alagoinhas, para os meninos não perderem aula, quando eles eram menorzinhos, que não tinha tanto essa questão de perder aula e tudo, eu deixava mais em Salvador, com minha mãe. Porque assim, para pegar avião e tudo, eu deixava lá. Mas agora, como eles já estão maiorzinhos, perder um, dois dias de aula é complicado.”*

A distância geográfica de seus pais, de acordo com Lua, não interferiu na afetividade dos seus filhos com os avós maternos: *“Os meninos são super apegados aos meus pais. Inclusive, minha irmã, que mora em Salvador, muitas vezes a gente comenta sobre isso, que às vezes meus filhos veem mais meus pais do que meu sobrinho, que mora em Salvador.”;*

“Eles são altamente presentes com os meninos e o vínculo deles com os meninos é lindo, é muito forte. Os meninos são loucos por eles, então acho que... Acho que essa questão da distância geográfica que me preocupava, até foi uma das coisas que me preocupou quando eu vim pra cá, pelo menos, assim, a meu ver, não afetou em nada, não. Não tem afetado em nada. Mas porque eles deram muito apoio. Acho que se eles não tivessem dado esse apoio todo de se fazer tão presente, talvez sim.”

Quando questionada sobre possíveis intromissões dos sogros após a avosidade, Lua esclarece que o maior receio de comportamentos assim envolve as incertezas quanto à postura do pai dela, e não dos sogros: *“É porque meu pai, ele tem essa característica de ser muito expansivo. E pra ele é uma coisa normal, ele acha que é normal, ele tá ali, ele opinar, ele falar tudo. Então, eu já tenho outras dificuldades de relacionamento com meu pai desde a adolescência. Por esse jeito dele, por essa coisa estourada. Então, é mais por isso aí. Mas os outros, eu nunca tive nenhum problema. Fora ele, nenhum problema em relação a isso. Eu acho que se for uma questão de aceitar ajuda para ter medo dessa intromissão, é mais relacionado a meu pai mesmo.”*

Então, ela termina ficando mais rígida, na posição de não requerer ajuda, para evitar correr risco de vivenciar situações desagradáveis, que ela mesma repugna, vinda de quem for: *“Eu fico naquela situação assim, de aceito ajuda, mas ao mesmo tempo eu sei que se eu der muita abertura, eu vou estar dando lugar também para ter uma certa intromissão. E eu não suporto intromissão. Eu sou muito fechada em relação a isso. Nas minhas resoluções com o Sol, e com os meninos, entende? Eu adoro estar em família, mas eu preservo muito esse espaço de resolução minha com o Sol. E eu acho que, dos quatro, sendo muito sincera, dos quatro, o que mais me preocupa é meu pai.”*

De forma mais ampla, Lua considera que as relações entre noras e sogras se apresentam de diferentes maneiras porque o perfil dessas mulheres se modificou ao longo dos tempos, e reforça que o compromisso das noras deveria ser o de não sobrecarregar suas mães, sogras ou sogros: *“Eu acho que o perfil hoje das mulheres mudou completamente. Não existe mais. Aquela vovozinha que fica ali [...] Minha sogra e minha mãe, acho que se existirem avós boas, são tão quanto elas, né? Mas, elas são avós, elas não são mães. Elas já cumpriram o papel delas. Então, eu não tenho que estar ali, levando uma sobrecarga excessiva em mulheres que já estão*

altamente ativas, graças a Deus, trabalhando, trabalham tanto ou quanto eu, tanto eles quanto elas, e ali elas têm que utilizar aquilo, têm que usar desse momento, desfrutar desses momentos com os netos como uma coisa... leve uma coisa positiva. Eu não quero estar ali levando para eles uma questão de obrigatoriedade. Eu quero levar aquilo com uma coisa leve, uma coisa positiva.”

A nora, em reflexão sobre os estereótipos que norteiam os sogros, considera que não se justifica mais sustentar essas opiniões, e que, assim como em qualquer outra relação social, cabe às pessoas irem se articulando em torno de promoverem vínculos saudáveis, a ponto de cada nora ou genro poder se sentir como filhos desses casais de sogros, e os sogros a eles confiarem essa construção: *“Em relação exatamente à relação com sogro e sogra, eu acho que... deve, de fato, sem ser uma coisa assim... aquela coisa clichê... mas, realmente, a gente deve quebrar esse preconceito. Eu, por exemplo, fui a prova viva que eu cheguei com preconceito. Quando eu falei com a minha sogra a primeira vez, eu falei... essa mulher é falsa... só pode ser. Mas não é. A gente tem que realmente experimentar... a gente tem que realmente conviver, para a gente ir conhecendo e vendo como é que são as pessoas... e tentando se encaixar dessa forma. Porque, graças a Deus, [...] pode ser uma relação maravilhosa. E é como é. Na verdade, [...] pode virar uma relação de filhos. Filhos e pais.”*

Lua admite que é este tipo de relação que ela tem hoje, e que desejaria que todas fossem assim: *“Porque eu acho que só vem a acrescentar [...] eu acho [...] para todo mundo.”*

3) SOGROS – GENRO

SOGRA – GENRO

Antes da avosidade:

A sogra confessa que já houve identificação com o genro desde o primeiro momento, e, com o tempo, o afeto só foi solidificando: *“Quando Sol chegou, foi um amor de pessoa. Sol, à primeira vista, você olha, já é a calma em pessoa. Então, quando ele chegou, eu já gostei dele de cara. Esse afeto só fez se fortificar, se consolidar mais.*

Considera que, enxergar nos genros a possibilidade de desfrutar deles como filhos que não teve é o que guia a relação entre sogra-genro: “Sol é um filho para a gente. A gente costuma dizer que ele é o filho homem que a gente não teve.”; “O meu princípio, também, básico, é de que eu vejo eles dois, os genros, como filhos também. Eu gosto de fazer para eles o que eu gosto que façam para as minhas filhas. Então, o tratamento que eu dou aos genros é o tratamento que eu gostaria que minhas filhas tivessem.”

Estrela (a sogra), fez questão de se validar como boa sogra, trazendo a experiência dela com o outro genro: *“Eu tenho uma filha de 44 anos, que é casada também; casou dez meses antes da segunda. E ele (outro genro) diz que eu sou outra mãe para ele. E Sol também. Acho que temos a maior afeição, temos a maior ligação, eu e Sol. Aliás, Sol é com a família toda. Então, eu acho que o básico é você tratar o genro como se fosse o seu filho.”*

Seu casamento longo é considerado, por ela, a inspiração para que as filhas e genros se esforcem em manter suas relações amorosas, então, acredita que esse equilíbrio entre todos os membros se dá, por todos se sentirem responsáveis e comprometidos em fazer dar certo, vivendo em harmonia: *“Esse casamento longo, que eu já considero longo, esse casamento meu para os dias de hoje, partiu da premissa de respeito ao próximo e de querer o que a gente quer que faça a gente, por exemplo. Então, aí eu dou esse passo, essa minha realidade, esse exemplo para os dois, para as duas filhas e para os dois gêneros. E aí, talvez assim, eles já vão estabelecendo também esses laços mais... permanentes, mais duradouros, né? A nossa relação, graças a Deus, é assim, a melhor possível com eles todos, com os dois, e com as filhas.”*

A sogra desabafa que não consegue compreender por que existem pessoas que têm uma relação tão conturbada com seus genros. Segundo ela, o que assegura a manutenção da funcionalidade entre eles, é a decisão de tratar o filho dos outros como gostaria que sua filha fosse tratada: *“Eu acho que isso é uma grande bobagem. Todo dia eu falo isso: que eu não consigo entender por que determinadas sogras são tão... Existe essa relação tão conturbada, nora e gênero, sogra, sogro, porque é o que eu comecei falando, parte do princípio de o que eu quero para minha filha, eu quero para*

ele também, porque eu sei que do outro lado tem uma mãe também, que ama e que quer cuidar do seu filho, que quer ver seu filho feliz.”

Como se quisesse se defender, expõe que não se considera ciumenta com sua filha, revelando o quanto a mãe do seu genro é: *“Agora, eu percebi ao longo da minha vida de vó e de sogra, que eu não sei se é impressão minha, mas que mãe de homem é mais ciumenta do que mãe de mulher.”*

Mas, em contrapartida, também reconhece o quanto sua filha ganhou uma mãe, com a sogra que tem, e ela, uma amiga: *“Eu ganhei, com Brisa, com o casamento de Lua, eu ganhei não só uma família nova para minha filha, eu ganhei uma mãe para minha filha, porque Brisa me substitui em tudo. Brisa é um amor de pessoa. E com Brisa, eu ganhei uma amiga.”*

Depois da avosidade:

A sogra considera que a relação com o genro, que já era boa, ficou melhor: *“Tinha uma ligação durante, e, agora, com a chegada dos netos, estreitou ainda mais. Neto, pra mim, é a coisa mais deliciosa do mundo. Eu sou apaixonada, são três.”; “Eu acho que eu me completei com os netos. E aí, por causa disso, a nossa relação ficou mais sólida ainda com os dois.”*

Comenta que têm uma rotina juntos, um convívio constante: *“Vivemos muito juntos. Então, os nossos finais de semana são juntos, quando eu estou aí, o tempo todo.”; “Quando a gente viaja, viaja todo mundo junto, está todo mundo junto.”*

Sobre esta relação com o genro, a sogra valoriza a confiança que ele tem nela, como avó, e comenta que tem liberdade para usar da sua autoridade com eles, mas comunica aos pais, caso tenha precisado tomar alguma atitude punitiva, já que tem consciência de que não é mãe, mas sim, avó: *“Saber que ele jamais iria me repreender, me recriminar, por alguma coisa, agora eu própria acho que a gente tem que ter a nossa coerência. Eu não sou a mãe, eu sou avó, então, jamais tocarei e nem toquei a mão no neto, apesar de que hoje em dia não se faz, não se fala mais em dá uma palmadinha, eu acho. Eu fui criada e nunca fiquei revoltada por tomar uma palmadinha no bumbum né, mas jamais tocaria no meu neto, e quando eu tiver que*

falar alguma coisa, eu falo, converso com eles, mas passo para os dois, entendeu? Passo para os dois, acontecendo, olha, eu tive que falar isso, eu tive que fazer isso.”

Mas, perpetua a ideia de que avó existe para ‘deseducar’: “Se bem que você sabe, a gente, a avó, protege, né? E já é conhecido que mãe e pai educam, e a gente deseduca. Mas eu não passo do meu limite. Acho que eu fico muito na minha. Eu faço muita vontade, eu denngo muito, mas quando eu tenho que falar alguma coisa, eu falo. Mas não passo pro papel de mãe, que eu não sou mãe, sou avó.”

A sogra, depois que virou avó, recebeu da filha e do genro o aval para ajudar, com os netos, como puder: “Ela me dá total liberdade. Ela e ele me dão total liberdade para fazer tudo. Agora, como eles moram em uma cidade ou na outra, é mais difícil, entendeu? Quando eu tenho a oportunidade de estar em Santo Antônio, eu vou buscar na escola com ela, entendeu? Mas, o que precisar, eu estou aqui.”

Se considera a vovó da alegria, da risada, da bagunça: “Tudo que eles querem na bagunça é com vovó. A avó da alegria, a avó da bagunça, a avó dos segredos que vem me contar, entendeu? E aí eu participo. O de cá, de Salvador, está precisando levar na escola? Vamos levar na escola. Está precisando buscar um lugar? Vamos. Apesar de que eu trabalho ainda, né? Então, eu não tenho disponibilidade, tempo disponível para tudo. Mas, nos momentos vagos, eu estou aqui com elas.”

Por ter memória de quando as filhas estavam pequenas, e o quanto é importante ter uma vó para contar, Estrela não mede esforços para ajudar, mesmo tendo uma rotina ativa de trabalho: “Eu entendo que eu fui da idade delas. Eu entendo que eu tive as minhas filhas pequenas. Eu entendo o quanto foi luta para mim conciliar profissão com criação de filho, entendeu? Com cuidar de casa. Então, eu dou a mão, eu ajudo assim que precisar de mim. Se tiver alguma coisa, eu faço.”

Estrela sente saudade do convívio com os netos que moram distantes, mas tenta amenizar essa distância com o uso da tecnologia, que tem sido uma grande aliada, dela e do esposo, quanto a avosidade: “Fico louca, louca de saudade, quando vão embora. Louca, mas todo dia eu falo. Mas a gente acompanha o crescimento deles, acompanha, assim, através da tecnologia, principalmente as peripécias do mais novo! Então, todo dia tem que se falar, tem que se ver, liga de vídeo, e aquela coisa, eu e

meu marido, a gente se vê toda semana. Meu marido vai pra lá toda semana, agora, com a casa lá...”

Com alegria, conta um pouco de como é recebida, pelos netos, a cada 15 dias: *“Agora, por exemplo, quando a gente chega lá, em Alagoinhas, eles já me esperam com a mochilinha na mão. Quando eu paro na porta da casa, eles já entram no carro e se mudam para a minha casa. Dormem com o vovô e vovó, só. Isso é maravilhoso. É colchão no chão. É aquela farra que a gente faz. Que a cama não dá para todos. Que maravilha! Então, a gente bota colchão no chão e faz aquela farra! E é assim, todos os dias.”*

SOGRO – GENRO

Antes da avosidade:

Céu relata sua relação com seu genro, Sol, como um vínculo de pai e filho, que começou com uma sintonia imediata, tendendo a melhorar, com o passar dos anos: *“Minha relação com o Sol sempre foi muito boa. Sol é um menino muito bom. E cada tempo que vai passando, a afinidade vai aumentando mais, né? Sol, hoje, eu agradeço a Deus ter Sol em minha vida. É um filho que eu não tive. É uma pessoa maravilhosa, meu companheiro, meu parceiro, viaja comigo, participa das coisas comigo, então, é uma pessoa que me ajuda muito e eu quero muito, muito bem a ele.”*

Naturalmente, relembra da experiência que teve com o namorado anterior de sua filha, assim como suas vivências com o outro genro, do casamento da filha mais velha:

“Teve um namorado antes de Sol, que a relação da gente era uma relação normal, não com tanta afinidade quanto Sol, né? Sol é fora de série. Sol, hoje, é o filho que eu tenho, entendeu? Outro genro meu, eu convivo com ele bem, mas a afinidade que eu tenho com o Sol é muito maior do que a que eu tenho com ele, entendeu?”

“Não é que o outro seja um rapaz ruim, é um rapaz bom, mas, a maneira de se comportar, a maneira até de desenvolver atividade profissional, em todos os sentidos, que eu sou pecuarista, e Sol adora a fazenda, e, também, sou médico, entendeu? Então, a gente vive muito junto, eu e ele. Entendeu? Saímos, passeamos, montamos a cavalo, juntos. Nós somos parceiros um do outro. O outro não. O outro é um

tratamento mais formal. Não é um tratamento como pai e filho, como eu tenho com o Sol.”

A importância do relacionamento com a família por afinidade da filha também foi um conteúdo bastante presente nas falas de Céu, como um fator determinante para o fortalecimento desse vínculo com o genro: *“A família de Sol, eles são muito amigos meus. É uma família muito estruturada, entendeu?... Então, encaixou igual uma luva, né? Nós, o irmão de Sol, a irmã, quer dizer, a família se entrosou muito bem. A avó é uma pessoa maravilhosa, entendeu? O avô de Sol foi um grande amigo meu... os tios, principalmente um deles, é muito amigo meu. Então, é uma afinidade muito grande, entendeu? Com a família do outro (genro), eu convivo bem, harmonicamente, mas eu não tenho os laços de amizade que eu tenho com a família de Sol, entendeu? Não é só o Sol, é o irmão, a família toda, entendeu? Com a família... Se uniu duas famílias e formou uma família unida só.”*

Depois da avosidade:

Céu demonstra muito orgulho de ser avô e comenta ter tido a sorte de ter 3 netos, homens, já que teve apenas filhas mulheres. Se refere aos netos como filhos e considera que participa ativamente da vida deles, e que isso acontece por filhas e genros confiarem nele como avô:

“Quando a gente vira avô, a gente conhece a real felicidade, entendeu? Porque a coisa mais deliciosa do mundo é ser avô. Eu tinha filhas mulheres, e hoje eu tenho três filhos homens. Então, todos são muito apegados comigo, agarrados. Apesar de ter 70 anos, eu ando com a saúde boa, em forma, jogo bola com eles, entendeu? Então, eu participo demais da vida deles, eles gostam muito de mim, são muito apegados comigo, todos três.”

Ao ser convidado a uma autoavaliação como avô e como se desenvolveu sua relação com o genro após a avosidade, naturalmente, Céu inclui a relação do outro avô (pai de seu genro) na sua narrativa, o que demonstra certa lealdade com seu genro e a família de origem dele, expressando que não existe competitividade na atuação desses papéis sociais: *“O mesmo amor que eles têm por mim, eles têm por Vento, entendeu? Não existe isso com a gente, não... Não tem disputa de parte à parte, não. O relacionamento é muito bom, e dos meninos também [...] Acho que o que eles gostam, o que eles pedem a Vento é o que eles pedem a mim. Vento participa muito*

com eles, dentro do dia a dia deles. E é a mesma coisa, não tem diferença não. Não existe diferença nenhuma no convívio deles com o Vento e comigo [...] Eu sou de futebol, o Vento também gosta, entendeu? Eles são doidos por futebol! Então, a gente tem uma afinidade praticamente parecida. Eles com o Vento e o Vento comigo.”

Céu também revela os pré-requisitos que, para ele, considera importante existirem numa relação sogro-genro: afinidade, respeito e admiração pela forma de tratamento que dispendem às suas filhas e netos:

“Primeiro, a afinidade. É uma coisa muito importante você ter afinidade com outra pessoa. Segundo, o respeito mútuo entre os dois, entendeu? O companheirismo, a amizade... Isso é muito importante! Então, eu olho hoje meus genros como duas pessoas boas, que tratam bem minhas filhas. O importante é isso, né? Que ninguém gostaria de ter um genro e uma filha maltratada, né?... Eles não maltratam minha filha. Cada um tem uma maneira de ser. Um é mais parceiro comigo, o outro é menos, mas são pessoas decentes, pessoas honradas, entendeu? Bons pais. Então, isso me dá muita tranquilidade. Eu agradeço muito a Deus por isso, né?”

E, inevitavelmente, Céu se remete à importância da sua relação com sua esposa, como responsável por toda a harmonia que a família vive, com essa qualidade dos vínculos: *“Quase 50 anos convivendo com ela. Uma pessoa maravilhosa comigo, que me ajudou muito, entendeu? Em todos os sentidos. Uma avó nota mil. Uma mãe maravilhosa, entendeu? Então, isso tudo a gente tem que agradecer a Deus, né?”*

4) GENRO – SOGROS

Antes da avosidade:

Sol relembra como os laços com os sogros foram construídos... o fato de Lua sempre ter tido uma relação mais próxima com a mãe, o aproximou, naturalmente, da sogra, que atuou como mediadora na relação entre o sogro e o novo genro, na época: *“Lua sempre teve uma relação muito forte com a mãe dela, né? E quando a gente se conheceu, tanto com o pai quanto com a mãe, eu sempre me dei muito bem com ele, assim, logo, de cara. Mas, o fato de Lua ter muito mais proximidade com a mãe do que com o pai, eu acho que acabou, primeiro, me aproximando da mãe dela, e depois do pai, e, na medida que a gente foi se conhecendo, ainda mais que a gente foi criando cada vez mais vínculos, aí a coisa acho que, hoje, já meio que se equilibrou, da minha*

parte, com eles dois, porque a Lua continua tendo uma relação ainda mais forte com a mãe, mas, de início, acho que a mãe foi quem fez essa ponte, porque o pai era mais reservado, porque não tinha muito contato com ela assim. Assim, comparando com a mãe, né? A mãe sempre foi mais apegada. Então, tudo partia sempre pelo lado da mãe dela e depois, conseqüentemente, com o passar do tempo, foi ficando meio que equiparando essa relação aí, de sogro e sogra.”

A afinidade entre ele e o sogro foi tão grande, que proporcionou a aproximação da filha (sua esposa, Lua) com o pai (Céu), permitindo, também, ao fazerem (ele e o sogro) algumas programações juntas, que mãe e filha pudessem desfrutar de um tempo exclusivo para elas: *“Mas sempre foi muito tranquila... não tive nenhuma dificuldade pra estreitar relações com eles. Depois, a gente foi descobrindo muita coisa em comum, muito discurso em comum, com o pai dela, inclusive. Hoje, eu tenho uma relação muito próxima com ele, inclusive, a Lua até brinca que a minha relação com o pai dela é boa porque tirou um pouquinho do peso das costas dela, e que ela falava: ‘- Você divide, pega um pouquinho desse fardo para você também, e aí, eu pego o pai dela, e a gente viaja, vai pra fazenda... Aí, ela fica com um tempo só para ela e a mãe, que sempre foi apegada com a mãe. E aí, meio que eu tirei o pai, que é quem atrapalhava a relação das duas. E aí, eu vou pra fazenda com ele, passo no final de semana e volto.”*

Sol considera que o convívio harmônico da família de origem dele com a da esposa trouxe como contribuição para os sogros o hábito de realizarem muitos passeios e viagens em comum, que já é um legado intergeracional que a família dele transmitiu: *“E hoje, o fato do pai dela ter uma boa relação comigo, acaba que a gente, muitas vezes, acaba incluindo ele até nas nossas programações. Por exemplo, agora no dia 19 de outubro, a gente foi viajar e, inicialmente, só ia viajar eu e ela. Aí, a gente foi, chamou eles, eles foram com a gente, e meus pais foram também, e acabou viajando todo mundo.”*

“Aqui em casa, eu sempre tive isso. Desde antes de Lua, assim, na minha família, né? A gente sempre teve aquilo de estar sempre junto, ia pra Ilha, ia todo mundo pra casa da Ilha, pra casa dos meus avós, né? Ia meu pai, minha mãe, ia os primos todos. Então, sempre teve relação de lazer, de ‘vamos fazer uma coisa’. Ia muito a família; viajava muito a família toda.”

O genro se considera filho dos sogros e garante que é como eles também o sentem: *“Eu me sinto filho. Inclusive, eles verbalizam isso sempre. Então, eu me sinto.”*

Um dos pensamentos que ilustra a boa relação de Sol com os sogros é a sua preocupação com a velhice deles, e a possibilidade de ser suporte, nessa fase, já que os sogros não fazem questão de disfarçar o fato de serem os preteridos: *“Porque o fato da gente ter essa relação, assim, da filha que tem mais essa proximidade ser ela, e o genro que tem mais proximidade ser eu, eu acho que, pensando no futuro, seria mais interessante que eles estivessem perto. O pai de Lua tem uma fazenda que são 700 quilômetros daqui. Distante, muito distante. E ele já está com 70 anos. Então, eu acabei assumindo esse papel de estar indo com ele para poder ir dirigindo, para poder ir para lá e tal, para ele não estar se arriscando sozinho na estrada. Enquanto o outro genro, ele nunca nem se disponibilizou para isso. Então, eu penso que, com o passar dos anos, a tendência é que a gente meio que passe a cuidar deles. Então, eu acho que eles estando mais perto, para a gente, vai ser até uma tranquilidade maior, para o futuro mesmo.”*

Depois da avosidade:

Para Sol, a avosidade permitiu que a relação entre eles ficasse ainda melhor, e, prova disso, foi a decisão dos sogros, após o nascimento dos netos, de adquirirem um imóvel no mesmo condomínio que ele e Lua moram: *“Eu acho que mudou pra melhor, porque eu acho que Raio, e depois Trovão, na sequência, aproximaram ainda mais. Porque, assim, o fato deles quererem estar com os netos também, né? Recentemente, meu sogro e minha sogra compraram uma casa aqui, em Alagoinhas. Então, vieram pro mesmo condomínio, na mesma rua.”*

O nível de confiança nos sogros enquanto avós é comparado, por Sol, à confiança que ele e a esposa têm em si mesmos. Sol considera uma vantagem a vitalidade dos seus pais e dos seus sogros como determinante para a relação de trocas entre eles e os netos, além de valorizá-los como rede de apoio com os quais podem contar:

“O fato deles serem, ainda, tanto meus pais quanto o delas, por serem jovens, serem ativos, para as crianças é muito bom. Eles têm uma relação excelente, ainda brincam, jogam bola, vão na piscina, e tudo mais. E, para a gente, também dá uma tranquilidade, porque acaba meio que dividindo algumas coisas. A gente, às vezes, por exemplo, a gente vai para Salvador e aí vamos sair com os amigos e tal, os meninos podem ficar com eles, eles ficam, eles levam para algum lugar. Então, acaba

que eles assumem também um pouco desse papel, né? E isso para a gente é bom. A gente também se sente tranquilo estando com a avó, né? E a avó. Então a gente sabe que vai estar tão bem cuidado como se estivesse com a gente mesmo.”

Sol faz uma avaliação das particularidades de cada avô, mas, em geral, comunica não haver preferência, da parte dele: *“Tanto faz, pra mim não faz muita diferença não. Eles são diferentes: meu pai é mais... eu acho que por ter dois filhos homens, e os meus meninos serem homens, meu pai é mais ousado. As brincadeiras, as coisas assim, são mais radicais, podemos dizer assim... a brincadeira com meu pai é, eu diria assim, mais arriscada, não sei, mais radical. O outro avô se preocupa mais com as coisas, porque teve duas meninas, né? Então, vê menino naquela proximidade toda, naquela correria, subindo em coisa, pulando, jogando bola, dando um carrinho, enfim... então, meu pai é mais... ousado.”;*

“Minha mãe, eu acho que ela é a vovó mais permissiva, assim, sabe? Deixa os meninos fazerem as coisas, eles levam ela mais no bico, sabe? A minha sogra menos, minha sogra menos, minha sogra é o contrário. Já, meu pai, na hora que ele vai chamar atenção, na hora que ele vai dizer uma coisa, ele chega junto mesmo e fala com os meninos. Meu sogro já não. O meu sogro, os meninos dobram ele fácil, fácil, fácil. Então, eu inverti o papel do meu lado com o lado de Lua.”

Sol não sente que exista nenhum tipo de disputa entre os avós, apenas formas diferentes de se comportarem: *“Eu não sinto essa disputa, não. Eu sinto que eles têm formas de experiência de... de querer agradar os meninos, sabe? Sim. Mas eu acho que não é disputa de um com o outro, não. É porque são formas diferentes mesmo, de querer demonstrar que se preocupa, demonstrar que gosta, sabe?”*

O genro explica, em tom de humor, como ele sente, atualmente, essa relação com os sogros, o que revela abertura entre ele e a esposa para falarem dos pais dela (seus sogros): *“Eles tão fazendo uma reforma na casa que eles compraram aqui próximo, e meu celular hoje não parou. Eu brinquei com ela. Falei assim: ‘- Olhe, sabe um pacote de biscoitos? Você quer comer um biscoito, mas tem que levar o pacote todo? É a minha situação. Aí eu brinquei com ela. Eu atrás de você, e tenho que levar esse pacote todo aqui, como brinde. Como brinde, tem que levar tudo. Não tem como dividir. Tudo ou nada. Mas eu falo brincando.”*

Sol inclui os sogros como pessoas importantes na sua vida, sendo, para eles, tão prestativo como para as pessoas com as quais ele desenvolve afeto. Habitualmente, demonstra esse afeto através de atos de serviço, e, com os sogros, segundo ele, não seria diferente, inclusive comparando o que faz pelos sogros, cunhada e esposa, com o que, certamente, faria pelos seus próprios pais e irmãos, representando o quanto os sente como pessoas da própria família: *“Se eu me sinto filho... me sinto realmente. E tem coisas que quando eu sinto que falta alguma coisa, que as filhas não podem fazer, ou não podem ajudar de forma nenhuma, ou tem alguma dificuldade para fazer isso, e eu posso, eu me proponho logo. Eu sou muito assim, isso é uma questão minha, mesmo. Então, eu acho que o papel que eu faço seria um papel de filho mesmo. Eu acho que é algo que a gente escolhe: fazer ou não, nunca foi imposto nada, nunca foi pedido nada para mim, mas eu sou assim, quando eu vejo que precisa de alguma coisa, eu já vejo a dificuldade das filhas para fazer, eu já me proponho para fazer, eu não gosto de esperar ninguém fazer ou propor algo, é uma forma que eu tenho de lidar com isso, entendeu? Então, da mesma forma que eu faria com meus pais, eu faço com os pais dela, não tem diferença também não... mas, eu estou ali, para o que ele precisar... ele (o sogro) sabe que, se ele precisar, ele vai contar comigo. Então, a minha forma de demonstrar é essa. E para sogro, para sogra, para pai, para mãe, para irmão... comigo sempre foi assim mesmo.”*

Sol também avalia que os estereótipos que se perpetuam quanto a relação genro-sogros, para ele, não se referem, necessariamente, aos papéis sociais de genros, sogros, noras ou sogras, mas sim, às características pessoais de cada um que está envolvido nas relações, e as impressões que as partes têm, umas das outras, independente de qual papel social ocupe: *“Eu acho que o problema não é o sogro e a sogra, sabe? Eu acho que o problema é a pessoa. O problema é que você vai encontrar com o sogro, pode ser o problema que você vai encontrar com o vizinho, o tio, entendeu? O vizinho chato, às vezes não é um vizinho chato, às vezes é um vizinho ótimo. O sogro, às vezes, pode ser um sogro chato, pode ser um sogro que não seja. Graças a Deus, eu dei sorte, acredito que sim. Mas, eu acho que esse estereótipo de sogro e sogra, que tem que ser chato, acho que não existe, não. É uma pessoa, e aí você pode dar sorte de ter uma pessoa que você vai ter uma afinidade, que vai ser uma pessoa que você vai querer estar perto, vai querer estar junto, vai querer estar ali, ou uma pessoa que pode ser que você não tenha essa afinidade, né?!”*

Descrição do CASO 2:

1) SOGROS – NORA

SOGRA - NORA

Antes da Avosidade:

Aurora achava que sua nora seria mais uma das namoradas do filho, porque relembra que o início do relacionamento amoroso não foi nada fácil. A nora se sentia à vontade para se abrir sobre as fases de conflitos da relação, e, segundo ela, sua postura sempre foi a de não se envolver: *“Eu achei que não ia demorar, que ia ser passageiro como outras namoradas que ele tem. Eu estava crendo, né? Eu achei realmente que não fosse durar, porque brigavam assim. Ela chegava em casa, daqui a pouco você vai ver... Aí brigavam, aí chegava em casa e dizia: ‘minha tia, agora terminei mesmo, agora não quero mais saber. Aí, ela tocava a campainha, entrava: ‘minha tia, agora a gente desmanchou mesmo, e ficava... daí, daqui a pouco, tava conversando de novo, então, eu não sou uma pessoa muito que dá palpite, nem me intrometo, sabe, eu acho que cada um sabe da sua vida, porque quem vive são eles.”*

A sogra considera que filho e nora viveram todas as fases de um relacionamento amoroso, e, este percurso contribuiu para que ela se acostumasse a ter Onda como nora: *“Ele apresentou essa namorada e me disse pra receber ela bem, e, desde o início, foi tudo bem, eu conheci também bem no comecinho mesmo, aí eles foram morar no Rio, aí, quando foi em 2016, eles voltaram, ela se formou e tal, aí voltaram para cá, teve o noivado e em 2017 eles casaram. Eu acho que foi uma transição bem natural, sabe?... Foi uma festa bonita, foi tudo, eu acho assim, e hoje eu não tenho nada que reclamar da minha nora, porque eu acho que cada um tem uma cabeça.”*

Atualmente, ainda se mantém discreta, mas sente falta de uma interação maior, e um convívio mais frequente, com seu filho e nora, preferindo se queixar com o esposo, do que com o próprio filho, sobre alguma insatisfação: *“Eu posso até não concordar com muita coisa que é feita e que é dita, mas eu não me intrometo, sabe? De vez em*

quando, eu deixo escapar alguma coisinha assim, mas é coisa bem que não tem muita relevância não.”;

“Mesmo algumas coisas que eu não concordava, que eu achava errado, mas eu nunca falava. Falava só com meu marido. Comentava muito com ele, mas nunca comentei assim com meu filho, nunca fui de falar, sabe? De falar para ele mesmo, não faz isso, faz de jeito diferente, não. Eu acho que cada um tem que seguir o seu próprio rumo.”

Mas, Aurora também acredita que exista algo relacionado a gênero nessas relações, reforçando a crença de que filhos homens, quando casam, naturalmente, são levados pelas esposas a conviverem mais com suas famílias de origem, logo, ela, como mãe de homem, compreende seu filho conviver mais com a família de Onda, do que conseguir que Onda conviva mais com a deles: *“Acho que é uma coisa normal que tem em toda família. Eu tenho amigas que têm filhas mulheres casadas e filhos homens, e elas têm muito mais convivência com a filha e com os genros, do que com seus filhos homens e suas respectivas noras. E aí é o que eu não sei se é, mas isso eu acho que é normal.”*

Ela só não deixa de perceber, e de sentir, e de se perceber impotente diante disso, por julgar que caberia ao filho o bom senso de tentar equilibrar esse convívio entre a família da esposa e a sua própria família: *“E lá no Rio, acho que eu fui umas duas vezes. Ele que vinha mais. Então, tipo assim, eu achava, naquela época, né? Eu achava que ele vinha pra cá, e que ele tinha que ficar na minha casa, pra ficar um pouco comigo. E não, ele ficava na casa dela, e no começo foi assim, eu, nessa parte, ficava magoada um pouco, mas só que não tinha jeito, então, melhor deixar para lá, entendeu, e a gente vai se amoldando, na verdade, porque não vai levar a nada Eu sempre pensava comigo; ‘ele vem para cá’ e me frustrava. Então, não adianta eu brigar com ele, eu discutir com ele, porque ele vai embora, então, eu tinha que aproveitar ao máximo o que ele fazia para mim.”*

Depois da Avosidade:

Assim como fazia quando ainda não era avó, Aurora se esforça para não interferir na dinâmica da vida conjugal do filho com a nora, inclusive, no que se refere aos netos: *“Mesmo a criação dos meninos, eu acho que cada mãe tem que criar o seu filho do jeito que acha que é certo”;*

“Às vezes, a criança está com muita febre, aí eu pergunto se já levou ele no médico. Eu faço só assim, não sou de falar ‘você tem que levar ele no médico’, aí não, aí não não não não, sabe?!”

Como rede de apoio para os netos, Aurora está trabalhando no restaurante do filho a semana inteira, mas, nos fins de semana, quando é chamada a ajudar, ela se prontifica e, mesmo considerando que os meninos convivem mais com a família materna, reconhece que não percebe preferência deles por nenhuma das famílias, tratando todos os avós com o mesmo carinho, inclusive quando passam muito tempo longe deles: “Com os meninos também, os netos, o que a gente pode ajudar... eu, não tanto, porque estou aqui o dia inteiro, mas, nos finais de semana...”;

“Como, às vezes, você pensa assim: ‘- ah, eu vou lá e eles nem vão ligar, né, porque faz tempo quer não me veem, eu fiquei agora, um mês longe, ou, às vezes, eu vou para casa de minha filha e fico o mês meio fora, e aí, quando eu volto, é a mesma coisa entendeu, eles, não é que dá pra falar assim, esqueceram de mim...’”;

“Eu não tenho muita convivência com os meninos, então, eu os vejo, assim, às vezes, quando eles vão em casa. Por exemplo, amanhã eles vêm aqui, almoçar, aí eu vejo. Ou então, se tem alguma coisinha na escola, aí eu vou e vejo, entendeu? Mas eu não tenho aquele convívio como tem do outro lado. Eu não estou preocupada, porque eu acho assim, neto, você aproveita muito enquanto ele é pequeno. Daqui a pouco, quando ele fizer os seus 7, 8, 9 anos, ele não vai nem querer saber de você, entendeu, então, eu vivo assim: se dá para eu ver, eu fico muito feliz, porque vejo meu neto, mas, não fico chorando.”

Sobre o convívio mais frequente com os outros avós, Aurora comenta que não ocorre uma disputa pela avosidade, porque ela e o esposo não conseguiriam nem acompanhar: “Os meninos ganham coisa todos os dias, entendeu? Eles têm tanta coisa aqui, tem coisa que nunca nem brincou...se eu for lá, eles vão brincar comigo. Vovó, vovó Têza, vovó Têza. Eles brincam comigo, normalmente, como se eu tivesse estado lá ontem.”;

“E não tem essa disputa, eu acho que é besteira, porque eu acho assim, eu sou da opinião que a gente não deve dar tudo que a criança pede, e não encher a criança de coisa. Então, o que eu faço hoje? Hoje, eu compro um livrinho para cada um. Com caneta para eles brincarem. Eu não vou competir com brinquedo, mas não tem como. Se um avô dá um carro motorizado, eu vou dar o quê?”.

Aurora, a todo o tempo, se refere à avosidade do esposo, que sente e sofre muito com a diferença entre o convívio dos netos com as duas famílias, comparando com a maneira que ela encara este aspecto: “... *que é diferente dele, meu marido, ele morre de saudade, mas, também não sei se é porque eu já sou diferente: eu, sabendo que eles estão bem, para mim tá bom.*”;

“*Tudo bem, assim, quando ele (Mar, o filho) diz: ‘Ah, porque eu vou para casa de minha cunhada, ou eu vou para casa do cunhado’, tudo bem, pra mim, tá bem, sabe, não vou ficar nem magoada, nem com raiva, mas, às vezes, eu comento pouco com o Ciclone, mas nessas vezes, ah, puxa vida, Ciclone fica super chateado, porque eles não vão lá, é muito difícil levar os meninos lá, eu até concordo que em casa não tem nada para os meninos fazerem, e lá na casa da tia tem piscina, e, quer dizer, para os meninos é muito melhor, né, mas eu não tenho mesmo pensamento que o dele, eu já sou diferente, porque não se tem tudo na vida, e tô bem assim, sabe?!’*”;

“*Hoje, talvez eu vá até ficar com os meninos, porque ele falou pra eu ir, pra ficar com eles. Que Onda, acho, que vai ter aula, ou vai fazer alguma coisa. Ele (filho) fica aqui no restaurante até tarde. Então, talvez eu vá pra lá. Mas, se falar pra mim, não, não precisa ir porque eles foram pra casa de Suzana, pra mim, também, vai estar bem. Já ele, vai reclamar, entendeu?’*”.

Apesar de reagir diferente do esposo quanto a forma como filho e nora dão assistência aos pais/avós, Aurora não deixa de se sentir magoada, mesmo querendo provar o contrário: “*Tanto que a família dela, quando a gente tá em algum evento, alguma coisa, a gente sempre fica um pouco isolado, sabe, não é nunca uma coisa que agrega tudo... porque eu sei que, hoje, a família dele (do filho) é Onda e os meninos, mas, a família dele também sou só eu e Ciclone, em Salvador, não tem mais ninguém, entendeu, então, eu fico, às vezes, um pouco chateada porque, de fato, eu vou te dizer, não é falta de atenção, mas eles poderiam ter um pouco mais.*”

Aderiu a postura de não confrontar filho e nora quanto a aspectos que envolvem a conjugalidade e a parentalidade deles, para garantir a boa convivência, ainda que, particularmente, também sinta que ela e o marido ficam, em algum nível, desassistidos: “*Tipo, no batizado, eu acho que eles podiam ter escolhido uma pessoa da minha família pra um, e o da outra família pro outro. Foi todo mundo do lado de lá.*”

Mas o que eu vou fazer? Eu vou brigar? Essas coisinhas assim, que a gente com o tempo vai relevando. E não adianta porque não leva a nada.”

Esponaneamente, Aurora compara a rede de apoio que a nora dispõe, com a rede de apoio que ela própria dispunha, quando engravidou: *“Então, eu sempre falava pra Onda, eu falei assim: ‘- Você não pode nem reclamar muito, porque você tem toda a estrutura em volta. Ela tem a mãe, a família dela é imensa, ela tem a irmã, né? Eu não tinha ninguém, porque eu vim pra cá e não conhecia ninguém. Entendeu? E nem por isso eu eduquei mal, ou eu morri, ou eles morreram.”*

Também avalia como era sua relação com a nora, e não considera que houve grandes modificações, ao longo do tempo, porque a maneira como a nora se comporta reflete a personalidade que ela sempre demonstrou para a sogra, desde o início: *“No começo, ela conversava comigo, mas, não teve outra grande mudança, porque Onda é uma pessoa muito, como que eu vou te dizer, não é que não tem sentimento, ela é ela, não tem apego, nunca ligou para mim, pra saber se eu tô bem, se eu tô com alguma coisa, entendeu, não é de, por exemplo, se eu vou na casa dela, ela não fica conversando; se tem uma festa ela se isola um pouco com a família dela, entendeu, então, eu acho que não mudou muito, porque sempre foi assim.”*

Como se falasse para si mesma, Aurora defende a ideia de que as sogras devem respeitar as escolhas de seus filhos, e que sogras e noras não precisam ser íntimas, mas deve existir respeito, acima de tudo, nessa relação: *“Se teu filho escolheu essa pessoa, se ele se dá bem com ela, e ama de paixão, e é com ela que ele quer viver, eu acho que você tem que aceitar. Eu não tenho que ficar: ‘- Ah não, porque eu não gosto dela, porque ela é ruim. Não sou eu quem estou vivendo com ela 24 horas. Eu acho que ela tem muitos defeitos, eu me sinto, é uma coisa minha pensar que eu posso até achar, mas nunca vou dizer pra ele (filho).”;*

“Eu acho, assim, eu acho que nora, você tem que conviver bem. Não precisa beijinhos e abraços, mas sim, respeito.”.

SOGRO - NORA:

Antes da Avosidade:

Ciclone, o sogro, assumiu que, no início do relacionamento do filho, julgava que Onda seria apenas uma namorada, e não pensava que chegariam a casar, por causa das discussões frequentes que existiam entre ela e seu filho. Mas, ao longo do tempo, foi sentindo que teria ganho uma filha, bastante sincera e com a qual ele não se recorda de que tenha tido qualquer desavença, apesar de algumas chateações: *“Quando chegou, na verdade, eu era sempre assim, uma namorada, tal, negócio a mais. E ela toda vez que brigava, ia lá, nunca mais foi...Então, na verdade, eu acho assim, mais uma filha que eu também acabei ganhando, né?”*;

“Eu não tive problema. Eu encarava as coisas, as brigas, não sei o que, com normalidade, com naturalidade... A Onda é muito aberta. O que ela tiver que falar, ela fala e acabou. Ela não economiza, não. Ela falou. Eu nunca tive problema. De repente, você fica chateado com um negócio ou outro, mas não... Ah, briguei com Onda, tal, isso nunca existiu na minha vida, entende? Nunca existiu. E nem existirá, né? É mais uma filha, né? Que soma com a gente.”

Ciclone considera que não tem o direito de se envolver na vida do casal, e adota a postura de só opinar quando é consultado: *“Eu acho o seguinte: a vida é deles, eu não abro, na casa deles, eu não abro a boca sobre nada, a não ser que seja chamado. O que o senhor acha, aí, eu falo, senão, eu não abro a boca. Se Camila fizer alguma coisa pra Silvinho que eu não gostei, ou vice-versa, eu não abro a boca. Na casa deles eu não abro a boca, não tenho esse direito. É uma maneira minha de pensar. Não, não abro a boca. Se ele tá certo, se ele tá errado, depois até posso chamar de lado e conversar. Mas, na casa deles, quem manda são eles, porque, na minha, também, que manda sou eu. É uma maneira de encarar, sou muito tranquilo nisso daí.”*

O sogro acha que deve oferecer à nora um tratamento compatível ao que o filho dele recebe na família por afinidade, e demonstra certa admiração pela personalidade da nora: *“Como meu filho é acolhido na família dela, é assim que eu vou acolher a filha deles... Onda é uma boa moça, trabalhadora, sabe? Então não tem... e acho ela muito mais impetuosa do que o Mar. O estilo dela é mais perto do meu.”*

Existe uma relação de trabalho e convívio, durante a semana, que envolve ele e o pai da nora, já que ambos estão, juntos, no restaurante do filho de Ciclone, ajudando-o na retomada financeira após a pandemia: *“Eu me dou muito bem. A Chuva, a gente se vê menos, mas, o Granizo está aqui com a gente direto. Ele também ajuda a gente*

aqui. Então, a gente sai juntos. A gente sai muito juntos. Nós conversamos muito... Eu não vou mudar a forma do Granizo. A gente pode mudar algumas coisas, aprender e mudar, e, vou te falar, poxa, ele é legal, ele é muito mais controlado do que eu. Então, poxa, ele trabalha, mas eu sou muito mais voluntarioso.”

Mas, aos finais de semana, não têm muito contato, porque Ciclone deixa claro que seu filho prioriza estar com a família da esposa, o que, pra ele, traz muitas dores reconhecer isso, e, como forma de sobreviver com essa mágoa, escolheu deixar à cargo do destino: *“Não tem muito contato... assim, no fim de semana não junta tudo, apesar daqui tá junto, lá não. Vão para churrasco todo mundo junto, mas não têm esse hábito de convidar a gente, e a gente acaba descansando, usando o fim de semana mais pra dormir.”;*

“Isso a gente não se acostuma. Mas eu tenho uma teoria. O que eu fiz ontem, eu estou pagando hoje. O que eles vão fazer hoje, eles vão pagar amanhã. Eu entendo que, de certo modo, naturalmente, é uma proximidade maior filha, mulher, com a avó, a família, com a mãe, normalmente é isso, né?” – ele confessou a esperança de que, por ter tido 2 netos do sexo masculino, provavelmente, o destino vai se encarregar de transmitir essa dor de abandono, que ele sente, ao seu próprio filho e nora, quando os meninos se tornarem adultos e tiverem uma parceria amorosa.

O sogro evita ir na casa do filho e da nora, mesmo tendo a chave do imóvel, e esclarece que ele e a esposa só vão onde são convidados: *“Nem na casa dele eu fui (no final de semana), sabe, não vou, só vou sobre convite.”*

Depois da Avosidade:

Ciclone apresenta, na sua narrativa, um respeito maior por Onda, sua nora, como esposa do seu filho e integrante da família, tendo o nascimento do 1º neto como um marcador para esta percepção, acompanhada da noção de que, só a partir daí, seu filho teria construído sua própria família, e, como sua filha mora em outro estado, a impressão de ninho vazio também se instalava: *“Mas hoje ela é mãe dos meus netos, e isso é fundamental, né? Então, isso, eu acho assim, que, de um lado aproxima, mas eu também entendo que, assim, acaba havendo um distanciamento, porque hoje é um outro núcleo. O meu núcleo tá se desfazendo. Uma filha mora em São Paulo, outro casou, mora aqui, mas é uma outra família. Com outras obrigações, com outras responsabilidades...”;*

“Ela passou a ser mãe. Meu filho passou a ser pai. É outra vida. E aí, eles começam a sentir o peso da vida, o meu começou a se sentir o pai, né?! Aí depois veio o segundo neto, então, chamando para pagar escola, para sofrer, para trabalhar, para correr, para mim é isso né... E agora que é a fase deles, eu, como avô, o que eu puder ajudar, dou o mundo, né... e, às vezes, sinto falta, queria ver mais eles, né, eu gostaria, um pouquinho, de ver mais...”;

“Aí, ela deixou de ser aquela menina que namorava meu filho, passou a ser uma mulher, né... gosto da maneira como ela trata os meninos.”

Ciclone coloca a força de trabalho dele na empresa do filho como uma forma de estar contribuindo para o futuro dos netos, ansioso pelo momento que poderá se retirar do negócio, para estar mais disponível durante a semana, para servir aos netos: *“Agora, a gente tá ajudando aqui, trabalhando e tal, não sei o quê, eu acabo vendo menos os meninos. Eu até entendo, mas isso é um momento, né? Porque hoje as coisas aqui, o mercado, o trabalho, então nós estamos dando uma ajuda para os filhos.”;*

“Estamos concluindo uma etapa. E a conclusão dessa etapa é a felicidade. O equilíbrio financeiro dos meninos.”;

“Agora, para mim, hoje, a minha meta aqui é arrebentar a boca do balão.”.

Ele reconhece seu papel de avô e a responsabilidade dos pais das crianças, filho e nora, valorizando-os nos papéis de pai e mãe, principalmente os esforços da nora:

“Quem tem que cuidar dos filhos são eles. Eu só sou pai e avô”;

“Eu gostaria até me deixar ajudar, buscar um dia ele (o neto) na escola, para coisas desse tipo, que às vezes, nesse aspecto, ela (nora), vai, ela leva, ela busca na escola e ele tá aqui E a gente está aqui o tempo todo, porque está precisando.”;

“Nós estamos no meio deles. Ela vai precisar lutar muito, ela está correndo, ela está estudando, ela está se virando, sabe? É um momento deles de esforço, de determinação, de sacrifício, nada é fácil.”;

“Tenho orgulho dos meus filhos, né, orgulho dela (nora) também.”

2) NORA – SOGROS

Antes da Avosidade:

Onda relembra das impressões iniciais que teve, quando foi apresentada à família do marido, como namorada, e da expectativa de que a dinâmica familiar fosse

semelhante à da sua família: *“Quando eu conheci eles, na verdade, eu já sabia que... Assim, era uma família estruturada, já estavam juntos há muito tempo, e tinham os dois filhos, né? E aí, imaginava que fosse uma família normal, igual a minha. Você sempre imagina que seja alguma coisa muito parecida com o seu.”*

As primeiras lembranças que tem da sogra foram de uma sensação de evitação, que, com o passar dos anos, percebeu ser um traço da personalidade dela, e não se referia, diretamente, a algo ligado à pessoa, Onda. Mas, até essa descoberta, algumas mágoas as deixaram distantes: *“E aí... e em vários momentos de contato com eles eu ia lá, ela não recebia, dizia que tava com enxaqueca e não saia do quarto, e já existiam esses relatos de que ela tinha essa enxaqueca e que não saia do quarto, de que se isolava mesmo, e fui tocando... não achei que era nada, e foi aí um dia que eu a conheci, acho que foi normal, não consigo lembrar não, mas foi acho que foi uma apresentação normal, que não me marcou, não foi nada marcante para mim, entendeu, deve ter sido alguma coisa muito natural de ‘essa é minha namorada’”*.

Contava com seu esposo para ir se apropriando em como saber lidar com essa sogra, afinal, era mãe dele, e ninguém melhor do que ele, para esclarecer seu funcionamento: *“O que acontecia era ela sempre alfinetado, assim, alguma coisa, sempre... várias vezes sempre afetava, sempre dava uma cortada, sempre dava alguma coisa, e eu falava para ele (esposo): sua mãe tem uma coisa contra mim, qualquer coisa eu preciso entender, para viver dentro desse ambiente. Aí ele falava: ‘- Não é nada com você, não é mesmo, é que ela é assim mesmo, sempre foi assim, com todo mundo, nunca foi muito de socializar, e tal...’”*;

“E aí eu fui levando, só que chegou a hora que você cansa de ouvir, aí teve um dia, nesse dia eu já tava azeda e falei: ‘se sua mãe ficar falando qualquer coisa para mim agora, ela vai ouvir, porque eu não vou mais ficar calada, já tô de saco cheio, tô cansada, se ela é grossa, e não é comigo, então ela tem que deixar dessa maluquice... se tiver que ouvir, ela vai ouvir.”

Mas, Onda também responsabiliza a postura do marido diante da mãe, que, por muito tempo, ele teve medo de desagradar: *“Aí, eu fui sentindo que ele não tava resolvendo, ele não quer desagradar nunca”*.

Até que um dia, após muitos pedidos de Onda, aconteceu uma conversa entre os 4 membros da família do marido (sogra, sogra, marido e nora), já que Mar, não conseguia, sozinho, confrontar a mãe, e esse fato que marcou um período de mudança na relação entre nora-sogra, porque houve uma melhora no tratamento da sogra com ela, principalmente porque ocorreu um distanciamento geográfico entre eles, já que Onda e Mar, no período de namoro, foram morar em outro estado, ela para estudar, e ele para trabalhar: *“Mas, eu vou me posicionar, que eu não acho certo. E você é uma pessoa que eu escolhi pra estar comigo. Entendeu? E aí deixava, eu não conversava. E aí, até que chegou esse dia. Aí ele falou: “Então vamos conversar agora. Eu falei, se você quer ... O certo é você conversar. Se você quer que a gente vá conversar agora, ela vai ouvir tudo que eu tenho pra falar porque eu vou falar. Aí ele, então tá. Ele me botou na cozinha. Eu, ela, ele e meu tio (sogra). E aí, ela não me compreendia, porque dizia que não era nada comigo, e, foi, então, que eu falei: ‘- Então, eu vou pontuar tudo que você fez comigo: isso, tal dia, isso e isso outro dia...’; “Aí ela me disse: ‘eu só quero te dizer uma coisa, se eu tivesse alguma coisa contra você, você não estaria na minha casa’, aí eu falei: ‘Então pronto, se você não tem nada com a mim, tudo que acontecer, a partir de agora, todas as suas reações que eu acho que são erradas, eu vou ignorar, vai entrar no ouvido e sair pelo outro, então que bom que você não tem nada contra mim.’; “Nossa relação ficou meio assim, de tipo, eu ignorar. Ela continuou dando as patadas, que realmente era uma coisa que era dela [...] mas ela mudou comigo. O divisor de águas aí a gente for morar fora de uma melhorada.”*

Onda esclarece que a forma de conduzir o namoro deles era diferente, entre as duas famílias, o que, naturalmente, o fazia optarem por estar mais tempo com a família dela: *“E, assim, sempre que a gente ia na minha casa, éramos mais tratados como um mais casal, e a gente sempre teve privacidade, meus pais nunca tiveram nenhum problema com isso, e, pelo contrário, eles preferiam até que ficássemos lá em casa, do que andássemos, aí, de motel em motel, entendeu, e aí, na casa dele, era uma cama, e a gente tinha que dormir de porta aberta...Então, são criações totalmente diferentes, eles são muito possessivos.”*

A nora se sentiu compreendida quanto às dificuldades de relacionamento com a sogra quando sua cunhada revelou sua homoafetividade perante a família, assumindo sua companheira, antes apresentada à essa mãe como uma amiga. Neste momento, a

sogra tinha ganho uma nova nora e, os percalços que cunhada e namorada percorreram, lembraram a elas as intrigas que Onda se queixava com sua sogra, comprovando a complexidade que é, para essa sogra, se relacionar com as noras e aproximando Onda da cunhada: *“A irmã dele é homossexual né, namora com uma mulher e essa mulher tem uma filha...Foi quando ela contou pra mãe, e essa mulher ficou louca. E ela tratava a outra nora como uma puta e não lida bem com isso até hoje. Ela deu cada patada na menina! E aí, minha cunhada ligava pra mim e falava: ‘-velha, como é que você aguentava?’; aí, eu falei: ‘Olhe, diga à sua namorada que tá só começando, porque, pra ela, ainda é pior, que é homoafetiva. Então, diga pra ela que tá só começando, mas mande ela ignorar, deixar pra lá. E você tem que se posicionar, porque seu irmão não se posicionava’; “Melhorou muito minha relação com minha cunhada quando ela conseguiu ver o que eu passei, quando ela se uniu, então, ela só conseguiu ver quem sou eu depois que ela tá vivendo a mesma coisa que eu vivi, entendeu?!”*

Apesar das dificuldades na relação entre elas dominar quase toda a narrativa de Onda quando questionada sobre a relação com seus sogros, em que o sogro quase não é citado, essa nora consegue valorizar a essência de ambos, sogra e sogro, reconhecendo suas qualidades e o quanto eles se dedicam a ela, que só deseja que essa relação fosse, de forma geral, mais leve: *“Eu fico vendo que são pessoas boas, ela é uma pessoa muito legal assim, pra fora, ela é companheira, ela é pau pra toda obra, o que você chamar, ela vai, independente da limitação dela, e ele também, se eu falar com meu tio agora que eu tenho que ir pra Feira de Santana, o meu pai não me levaria, mas meu tio larga tudo e me leva. Com eles você pode contar, entendeu, então, isso me angustia, não poder, assim, não conseguir ajudar eles, porque eu acho que eles seriam pessoas bem melhores. E pra eles mesmo, sabe? Se eles se doassem mais, se eles deixassem ser mais leve, deixar ser mais leve, entendeu? Pô, a vida, sinceramente, a vida pra mim tá bem difícil. E eu acho que se você tornar ela ainda mais difícil, pô, tá louco...”*

Onda comenta que tanto sogra quanto sogro dificultam que os agregados se sintam da família quando exigem convites para frequentarem os mesmos lugares nos fins de semana, e quando se comportam com bastante cerimônia ao estarem nos eventos familiares, fazendo questão de se distanciarem, para, depois, se posicionarem como se tivessem sido excluídos: *“E da forma como eles direcionam, eles não fazem com*

que a pessoa de fora se sinta parte daquilo, entendeu? E isso para tudo, para tudo eles são meio fechados. O discurso é de quererem que eles façam parte, entendeu, é o discurso. Eu queria tanto a gente junto, queria muito que eles fizessem parte, e é uma coisa que angustia, porque ele (Mar, o marido) fala: 'Pô, eu queria que eles tivessem, pra mim é tão mais leve quando eles estão, entendeu', mas, pra ele, quando eles estão, é pesado, entendeu, mas, para mim, já estão lá, e a gente não tem cerimônia para levar na casa de meu irmão, por exemplo, cada um se vira, mas eles não..."

A nora também reconhece seu jeito mais bruto, que é um traço próprio dela, na vida, que precisa de uma dosagem entre ser verdadeira e grosseira, mas se vangloria de, apesar de tudo, ter conseguido ser validada por sua sogra, que aceitou sua forma de cuidar dela, quando se preocupou por ela não fazer atividade física, e já seguiu o conselho da nora: *"Eu sou meio bruta, eu confesso que eu sou grossa, e eu tenho uma luta comigo mesma, mas eu sou, na verdade, eu sou muito direta, eu falo, eu tô sentindo, eu falo, entendeu. E aí, às vezes, eu não sei falar, realmente, mas, às vezes, eu falo, tô aqui e estou incomodada com uma coisa de seu filho."*;

"Uma coisa que me incomoda muito é atividade física. Pra mim todo mundo tem que fazer. Me incomoda, assim, a pessoa que não faz atividade física, que foi uma coisa que eu transformei nela: eu consegui fazer com que ela entrasse na academia, e aí eu fico doente, se eu não treinar, e falo assim: 'você tá dentro do shopping, uma academia ali do lado."

A nora é consciente de que, tanto ela quanto a sogra, não são pessoas de expressões de amor ligadas ao toque físico, apesar da sogra estar sempre à espera disso, no discurso, sendo que nem ela mesma dá espaço para isso: *"Não é pessoa que vou chegar, vou abraçar, fazer um carinho. Não é uma pessoa com quem eu vou fazer isso, entendeu, e ela quer isso, mas ela não dá espaço, ela sonha, mas ela não dá espaço, entendeu?"*

Depois da Avosidade:

Onda resume sua relação com a sogra, enquanto avó, como algo guiado pela indiferença, mas confessa sentir afeto: *"Gosto, só não tenho relação com ela. É indiferente, entendeu?"*

A nora relata a transformação pela qual a sogra passou, quando se tornou avó. Confessa ter ameaçado seu esposo de que, se a sogra não melhorasse com o nascimento do neto, ela provocaria um afastamento, mas, como uma profecia que se cumpria, a melhor fase da relação nora-sogra se deu com a experimentação da avosidade: *“Eu dizia pra Mar: ‘- Quando Ciclone nascer, se continuar me tratando assim, eu vou afastar. Não vou trazer, não vou levar pra ver, entendeu?’ E aí que foi o divisor de águas, quando Ciclone nasceu, que ela mudou. Então... eu acho que tem que ser uma coisa natural, aí achava que na hora que Gabriel nasceu, ela se deu conta”*;

“Depois que Gabriel nasceu, foi a melhor fase dela. Quando Gabriel nasceu, ela me ajudou muito, ela vinha lá em casa dia e noite, me ajudava demais, demais, demais... não era só mais o sogro, mas ela também, ela foi muito legal!”

Então, junto a seu esposo, Onda celebrou a mudança positiva, confiantes de que pudesse ser algo definitivo, mas, após o nascimento do segundo neto, a sogra retomou a postura de um certo distanciamento, que ela julga desconhecer a causa, e sente-se impotente por não conseguir ajustar isso, até hoje: *“Na época de Ciclone (1º neto,) foi uma coisa assim, transformadora, que eu falei com meu marido: ‘- eu acho que agora vai’. A gente falava isso; ‘-acho que agora vai’, mas ela quebrou tudo de novo, não sei o que foi que aconteceu, mas foi a nossa melhor fase’.*

Onda supõe que o afastamento da sogra a partir do nascimento do seu 2º filho, 2º neto dela, se deu por conta da aproximação geográfica da mãe dela, já que, grávida, ela e Mar se mudaram para perto dos pais de Onda, que fez com que fosse possível uma disponibilidade maior da mãe de Onda como rede de apoio. Então, sabendo da postura mais ciumenta, da sogra, Onda imagina ter sido esse o motivo: *“Mas, quando Vulcão nasceu, ela recuou de novo, aí eu não sei o que foi que rolou, entendeu, e eu acho que é porque minha mãe começou a ficar mais, também, ajudar mais, aí ela se afasta, ela quer o momento exclusivo dela, entendeu, e isso é péssimo.”*;

“Então, depois que o Vulcão nasceu, ela voltou um pouco a ser o que era. Ela mesma se afastou, eles não frequentam tanto, tipo que antes, quando o Ciclone nasceu, ela ia lá em casa, do nada, ela aparecia do nada. E era leve, era bom, entendeu? E aí, depois, ela voltou a ser o que era, não sei, bloqueou de novo, acho que foi um gap aí bom na vida dela, e depois ela voltou, regrediu, voltou a ser o que era.”

A nora, então, faz uma pequena retrospectiva da relação nora-sogra: *“Tipo assim, se eu sei que não é comigo, eu ignorei realmente, entendeu? Então, eu vivia a vida normal, só que, no tempo que ela me dava só patadas, eu não me relacionava tanto, entendeu? Mas quando eu precisei, ela tava ali, eu achei ótimo, foi maravilhoso, e eu não fico com rancor, não sinto essas coisas, entendeu? E aí pronto, vivia na minha casa, muito prestativa, na hora que eu pedia ia de madrugada, qualquer hora ela surgia, e aí, ela me ajudou muito, muito com o Ciclone. E aí quando o Vulcão nasceu, ela deu uma afastada.”*;

“Ela deu uma super afastada quando o Vulcão nasceu, e o fato de minha mãe e minha irmã me ajudarem muito, incomoda ela, porque, tipo assim, minha família não se incomoda com esse tipo de coisa, a gente tá aqui, você, minha mãe aqui, a gente com os meninos, se ela chegar, minha mãe vai achar ótimo, mas, agora, se for o contrário, ela estiver, e chegar minha mãe depois, ela acha que, tipo, invasão, entendeu, acho que ela acha que eu sou muito dela, só ela, aquela coisa, e minha família não tem isso, você chegar, chegou, tá ótimo.”

Onda revela que a sogra é sempre, para ela, a 2ª opção de rede de apoio, a ser chamada, e considera que a mudança financeira pela qual os sogros passaram, explica as crenças, receios e costume que guiam a relação deles com o social, incluindo os amigos dos seus filhos e noras: *“A segunda opção de cuidar, de cuidados, sempre, mas, se eu precisar, com certeza, entendeu, mas não é uma coisa que tem outras pessoas e com ela eu vou ficar com receio, né não, eu vou deixar os meninos com eles e não tem receio nenhum. E não deixo mais por eles, mesmos, porque eles se fecham, e eu acho que tinha que ser uma coisa mais natural, mas é algo que tem a ver com a história deles. Eles tinham um amigo que a gente visitava muito, ali, no Rio Vermelho. E aí, tipo, eles tinham muita condição, e aí, quebraram. E, quando eles quebraram, eles se afastaram de alguns amigos, entendeu?”*

Ela e o marido conseguem compreender os traumas que norteiam as posturas dos sogros, e, também, são conscientes de que não seja algo específico direcionado a eles, mas que a ‘forma de funcionamento’ deles faz com que o convívio fique comprometido, devido a cerimônia que os sogros esperam deles, enquanto a família dela não depende de cerimônia alguma, tornando os momentos de lazer mais prazerosos: *“Eles ficam muito sozinhos. Sozinhos o tempo inteiro. Aí, ela acha que no fim de semana tinha que ter mais convite. É, eles ficam aguardando. Só que a gente*

não pára. E tipo, eles não conseguem encaixar com a gente, entendeu? Porque eles querem exclusividade. Eles querem só eles. E é muito difícil, porque estar com minha família é alegria, entendeu? E estar na casa dele, pra mim, é uma coisa apática. Eu fico esperando a hora passar, e, para mim, é ruim, velho ... o bom é que às vezes eu consigo tirar um cochilo.”

O desejo de que fossem pessoas com menos protocolos no convívio é algo trazido de forma recorrente, por Onda. O sonho de ter as duas famílias convivendo, juntas, é algo que raramente ocorre, exceto em celebrações de aniversário dos filhos/netos, ou apresentações da escola: *“E outra, se eu combinar aqui, e mudar de última hora, não pode. Não pode mudar de última hora.”;*

“Eu queria que tivesse, porque seria menos dor de cabeça. Estava ali, todo mundo junto, pronto, e acabou, entendeu? Todo mundo está vindo, todo mundo está curtindo o mesmo, e pronto. Mas, eles não conseguem.”

A nora demonstra não estar disposta a moldar sua forma de se relacionar para corresponder às expectativas dos sogros sobre a maneira correta de acioná-los como rede de apoio. Ela revela não ter paciência para pessoas ciumentas, desde a época da escola, quando tinha amizades assim, e confessa que, se depender disso, vão continuar afastados, porque não vai partir dela a mudança de atitude: *“Eu acho que essa coisa do financeiro deles colocou eles num lugar de se sentir inferior, entendeu, e ninguém tá olhando para isso... eu acho que isso impacta, mas eu acho que já era deles o tipo de exclusividade de ter que ser exclusivo, ter que ser só eles, só deles, e em tudo eu via isso, em amizades e tudo, sabe.”;*

“E é tipo assim, época de escola, eu odiava mesmo o ciumento. Eu não gosto, eu não tenho amizade com ciumento. Eles são esse estilo, né? Eles são esse estilo. Eu não tenho paciência pra ciumento, entendeu? E eu não tenho ciúme também, não.”

Para Onda, a relação nora-sogra deve ser algo que envolva respeito às escolhas do filho, e, à medida que a relação amorosa vá se transformando, essa nora, na condição de esposa, precisa conviver com a sensação de acolhimento, por parte da família, já que a previsão é de que algo sólido esteja sendo construído, e não se trata somente de mais uma namorada: *“Este novo membro, enquanto namorada, você pode até ter a distância, já que você não sabe que pé que vai dar, mas, casou, você vê que é uma relação sólida, que não tem vai e vem, que não tem quebra, então, a tendência é que*

aquela pessoa vai conviver com você, vai dar vida, então, você tem que trazer para um acolhimento, que é bom fazer com que se sinta fazendo parte, realmente, e não fingir que faça parte.”

3) SOGROS – GENRO

SOGRA - GENRO

Antes da avosidade:

Chuva recebeu o genro como namorado da filha com alegria, já que via nele a possibilidade da filha desacelerar, já que seu esposo trabalhava e morava em outra cidade, e cabia somente a ela a responsabilidade de tomar conta das 3 filhas e do filho caçula: *“Era muito rueira sim, né, e Granizo não morava aqui e trabalhava fora, né, então, ele só vinha vezes de 15 em 15 e eu que tinha que ficar para baixo para cima com ela, né, e na condição de 4 filhos, né?!”*

De acordo com Chuva, o seu genro, Mar, sempre foi mais retraído, de pouca conversa, o que gerou nela um pouco de desconfiança sobre o futuro da relação dele com a filha, cujo temperamento é mais agitado: *“Ele é de conversar pouco, né, mas E aí eu gostei dele, né, calmo, tranquilo, ficava preocupada que talvez não desse certo com o temperamento dela, achei que ia misturar, assim... misturar.”*

Mas, desde o início, Mar foi muito bem-vindo por toda a família, e tratado como mais um filho, assim como geralmente é habitual na família dela. Chuva demonstra, na sua narrativa, um senso de justiça, em querer conceder às duas filhas, e aos 2 genros, o mesmo tratamento e as mesmas regalias: *“Ele foi bem-vindo, todo mundo, a família inteira, meus pais, todo mundo gostava dele [...] É mais um filho, né? [...] O Mar era difícil de conversar. né? [...] Depois, começou a ficar mais, a vir mais, e aí foi a fase já de dormir aqui, né, o outro já dormia, porque eu preferia que ele dormisse aqui, do que isso de estar em qualquer lugar, né, como não era um menino, tava namorando... então, o namorado de Onda também vinha em casa, né, a mais velha da mesma forma, como meu outro genro, e eram esses dois e pronto.”*

Chuva relembra quando foram morar juntos, já que Mar foi trabalhar num outro estado e Onda prestou vestibular pra lá: *“Começou, cada um, morando com amigos. E aí*

resolveram morar juntos depois, que acho que não estavam se entendendo com os amigos. O grupo que moravam tinham pensamentos diferentes. Depois, foram se conhecendo, aí, né? Ele com os amigos, e ela com as amigas. Depois, foi que eles se juntaram. E quando voltaram pra aqui, depois de anos, é que teve o casamento.”

A relação do genro com a filha não lhe causava preocupações, por isso, ela nunca interferiu, e, inclusive, Chuva já havia reparado, desde o início, como Mar tinha carinho por crianças, o que, para ela, lhe trouxe um conforto de que ele poderia ser um bom pai: *“É, não tinha muito. o que falar. Primeiro que eu trabalhar também o dia todo, até de noite. E eu via que eles não brigavam, não tinha essa de briga de namorados. Se tinha, eu via que era algo entre eles mesmos, que a gente não participava. Eu nunca interferi. Eu só queria que eles ficassem bem, enquanto ficassem juntos. Era pra estar bem... A gente já via que ele ia ser um bom homem. Ele é apaixonado por crianças, então vi que ia ser um bom pai.”*

Chuva comenta, com alegria, que nunca teve nenhuma briga com o genro, reproduzindo uma prática intergeracional de nenhum parente interferir na vida dos casais, mas se colocar, sempre, à disposição de qualquer necessidade: *“Não brigamos, nunca discutimos nada de que não gostasse, e acho que eles dois que têm que resolver qualquer coisa deles. Eles nunca tiveram um problema que chegasse a mim, para eu ou o pai ter que falar alguma coisa.”*;

“A gente tem esse costume na família: ninguém mexe com ninguém, tá todo mundo bem, tá todo mundo feliz, e, se precisar de alguma coisa, você me fala, e eu acho que é ótimo, entendeu, então, tudo que ela precisar, eles todos precisarem.”;

Além disso, Chuva confessa não compreender sogras que têm tantos problemas com genros: *“Nunca entendo sogras que brigam com genros, com noras, e que abre armário de casa. Nunca, na minha família, a gente nunca tomou partido de ninguém, né, e a gente, todas nós, procuramos cuidar da nossa vida.”*

Depois da avosidade:

Chuva contou mais da sua relação com os netos, do que da sua relação com o genro, após a avosidade. Sempre dizendo que tudo está ainda melhor entre eles, a única informação sobre questões com o genro, após o nascimento dos netos, limitou-se à forma como ele conduz a fiscalização da avó sobre a alimentação: *“Só no início a comida, o leite, o negócio ruim, enganado. E como o Mar é comilão, gosta, aí eu digo:*

‘prove, é sem açúcar, é sem sal, não sei o quê. Fale, coma aquele pouquinho, já que você gosta muito, vê se tá bom aqui’. Aí, ele fala: ‘Ave Maria’. Pois, é isso que você quer que eu dê ao seu filho, eu não dou. E a família também, não pode comer. Pode, vai comer tudo. A gente foi criado comendo tudo. Eu criei vocês comendo tudo. Como é que agora não pode comer? E aí ele aceita e diz: ‘a senhora sabe o jeitinho.’

Relembrou como era sua rotina de avó quando Onda e Mar tinham apenas um filho, e o que mudou quando nasceu o 2º, contando, com entusiasmo, o quanto os netos ficam à vontade em sua casa: “Eu ia para lá, eu ficava lá com ele, carregava, trocava a fralda, ia ajudar, dar um banho. Mas ela não trabalhava, ela só está trabalhando agora. Ela fazia residência depois, foi depois que ela fez residência, e depois de Ciclone ela emendou o Vulcão. É muito atrapalhado, mas eles adoram vir para cá, brincam, corre, porque aqui tem muita gente, né, e ele pode fazer um monte de besteira, meu Deus, que bom, e comer o que não deve.”

Causa curiosidade perceber a relação que essa vó desenvolveu com os netos quanto a forma de nutri-los, em que demonstrava algum prazer quando contraria as ordens dos pais dos meninos, sustentada por crenças de que avô e avó existem para deseducar, ilustrando uma certa aliança com os netos, a partir desse aspecto, e conquistando a autorização do genro, com muito jogo de cintura, sem se sentir desautorizando sua filha: “O aniversário dele, esse ano, eu dei uma cesta com tudo que ele pediu. Eu disse, eu vou fazer a cesta e vou levar tudo que Onda dizia que não podia. Eu fiz aquela cesta! Tinha nego bom, ele adora nego bom, uva passa, castanha, tudo que ele adora. Aí foi uma felicidade que ele ficava brilhando o olho para mim assim.”

Muito orgulhosa em poder servir ao genro e à filha, como rede de apoio, relatou a rotina com os meninos, e o que coube a ela assumir perante solicitação da filha, como responsabilidade de avó: “Vou, ligo para a babá, olha, desça para ir buscar o menino na escola, porque são dois... Aí passo, pego ela, vou pegar ele na escola, deixo em casa para ela dar o almoço, dorme, toma banho, dorme um pouquinho. Aí quando eles acordam, ela me liga, eu vou buscar. Ela vai embora, a babá, e eu fico até 21:00 horas, ou até a Onda chegar.”;

“Todo dia, eu levo para a natação um dia na semana, eu pego na escola todo dia, para poder ela ter como se organizar. Agora, ela está trabalhando todas as horas do dia.”

Outro aspecto interessante é a forma que Chuva conta como são os pedidos da filha para que ela dê algum apoio extra aos netos, dizendo que caso ela não possa, vai chamar a outra avó (paterna), o que faz com que Chuva se sinta desafiada a aceitar, sob a justificativa de que os netos ficam mais à vontade com ela: *“Você não pode ficar, então eu vou pedir a Tereza para ficar. Tereza fica, porque ela gosta dos meninos. Também gosto. Quem disse que eu não posso ficar? Ela pode até poder mais do que eu, do tempo, mas se bem que agora ela tá também trabalhando... mas, aqui a casa não pára, então, tá sempre em movimento e eles ficam à vontade aqui.”*

Da relação sogra-genro, Chuva aconselha que as sogras devem ajudar apenas quando são chamadas a isso, porque é fácil pegar para si as dores e acabar se excedendo nas palavras: *“Espere eles pedirem. Ou se você participar de alguma desavença entre eles, você pode, como pai, como eu sou, eu acho que posso, dar um conselho. Para pensar se é isso mesmo, se o que está fazendo está certo. Porque na hora que a gente está nervoso, dizemos qualquer coisa.”*

Aos netos, confessa dar tudo que está ao seu alcance, e também assume que, por ter sido acostumada a estar cercada de parentes, nos fins de semana fica, também, sedenta para estar com eles, incluindo na conta de quantos são as pessoas da família, todos os genros e noras, o que demonstra consideração e pertencimento, da parte delas: *“Eu sou o que eu posso dar, né, e eles quiserem e eu posso dar, eu dou, me pedindo, né?!”*;

“Eu estou aí, cheia de filhos. A família foi crescendo, mas eu não posso mais ser convidada para nada. Éramos seis. né passamos para nós e agora somos 13 né. Quando chega fim de semana, eu não quero ver o que acontece, eu quero estar com eles... olha, a gente foi acostumada assim: a família toda junta assim.”

SOGRO – GENRO

Antes da avosidade:

Granizo demonstra ter bastante intimidade com o genro, a ponto de ter morado junto com ele, em outro estado, e hoje estar trabalhando na empresa dele, para ajudá-lo a reerguer o negócio, junto com os pais de Mar, após a crise que o genro enfrentou com a pandemia. Assim como reconhece as virtudes do genro, também pontua o que

considera serem seus defeitos: “É uma pessoa muito boa... ele é muito passivo, passivo demais. E às vezes me dá nervoso. Eu estou vendo lá no restaurante.”; “Ele é bem organizado, eu também”;

“Mar é um cara tranquilo, demais até. Ele tem, eu não sei se é autismo, mas ele é rápido de raciocínio, mas ele não fala. E isso não é bom, porque você não sabe o que está acontecendo, o que está passando na cabeça dele. Mas eu gosto dele. É uma boa pessoa. Não maltrata a minha filha, não maltrata meus netos. A parte financeira é um pouco meio conturbada, mas acho que é da fase. Ele quis dar um passo maior do que a perna, não quis ouvir ninguém. E está aí numa fase financeira conturbada. Por isso que eu estou lá no restaurante. Eu, o pai dele e a mãe dele. Para tentar reerguer aquilo.”

O início do relacionamento entre Onda e Mar é contado por Granizo como uma retrospectiva de como esse genro foi aceito pela família, e como, mesmo enquanto esteve separado de sua filha, ele continuou frequentando sua casa e fazendo parte da rotina: “[...] incluindo um período de separação, que enfrentaram, Onda passou um ano na Austrália. Eles separaram antes dela viajar. Mas, ele, todo fim de semana ia lá pra casa dela, da minha outra filha, que, nesse momento, era ex-cunhada dele, jogar videogame. Não vivia em farras. Sempre foi passivo, muito passivo. Então, pensei: vai ser uma tranquilidade pra Onda [...] Ela tinha, acho que um ano e pouco namorando com ele. Aí ela foi pra Austrália. Ela ficou balançada pra voltar... Aí, ela voltou até do aeroporto, e voltou com ele no carro. Voltaram conversando... Aí ficaram morando juntos, o tempo da faculdade dela, os seis anos. E eu, nesse ínterim, eu peguei um serviço no Rio de Janeiro também... Eu morei com eles, acho que dois meses. Acho que foi dois meses só... eu fiquei dois meses lá com eles, aí um colega meu me chamou pra dividir um apartamento comigo em Niterói, e eu falei, ‘bora’”.

Granizo compara seu relacionamento com o genro com o relacionamento dos próprios pais de Mar com ele, como forma de demonstrar a intimidade que eles construíram (sogro-genro): “O pai dele fala menos com ele do que eu...Eu sinto que o pai e a mãe têm medo, às vezes, de falar com o Mar. Aí eu digo a eles: ‘Gente, é isso. É filho de vocês. Falem. O máximo que pode acontecer é ele dizer ‘não quero saber disso, não’. Mas, tem que falar, eu sempre falei, sempre.”.

O sogro se sente validado pelo genro, que sempre o escuta e pede conselhos, e a quem já recorreu, também, para ajuda financeira: *“Ouve, ele, comigo, ele conversa, ele fala das coisas, das necessidades dele, do que ele está precisando, como é que faz. Eu tento ajudar, a parte financeira já ajudei, mas não consigo mais, eu cheguei no meu limite...”*.

Sobre a vida conjugal dele com sua filha, Granizo pontua que nunca se meteu, assim como faz com a vida conjugal de qualquer casal, por achar que pertence apenas ao casal, a menos que seja solicitado um conselho: *“Eu não me meto de ninguém. De nenhum deles [...] Eu sempre fui muito liberal e não costumo me meter... eu acho que a gente não deve interferir, porque quem conhece é a filha, que está convivendo com aquela pessoa, com aquele namorado... não adianta a gente querer interferir na vida deles, porque não vai mudar a opinião deles. Se existe um atrito entre eles, e eu for interferir, eu não vou mudar esse atrito. Eles têm que resolver. Eu posso até tentar ajudar a resolver o atrito, mas eu não vou interferir na decisão deles. Não tenho como interferir nisso. É complicado. Então, eu sou passivo. Nesse ponto, eu sou passivo. Eu dou conselho, mas acate se quiser. Conselho é bom.”*

Da relação sogro-genro, Granizo considera importante o genro sentir seu sogro como um outro pai, que ele possa confiar em desabafar e pedir ajuda: *“Ter o sogro como um pai... Porque eu acho que o filho tem que conversar com os pais. Então, se ele tem algum problema, que ele converse, ele procure o sogro, procure o pai. Sim. Se a ideia do pai não foi boa, vamos conversar com o sogro, deixa eu ver como é que ele pensa. Pode ser uma outra alternativa de acesso, de ideias. É mais fácil. São soluções...”*

Depois da avosidade:

Granizo considera que manteve a postura com o genro após a avosidade dos netos, optando por não interferir, mas sim orientar: *“Eu acho que a gente não deve interferir. A gente deve orientar... Quando é conversado. Quando não é conversado... Porque se eles não trouxeram... como, vamos dizer, procurando uma solução, ou procurando um apoio, é porque ele já tem a decisão tomada. Então, executem.”*. E exemplificou como procede como um avô que orienta: *“Onda chegou aqui dizendo que existe a possibilidade deles passarem o dia inteiro na escola. E ela mandar a babá embora. Que está apertado, que o dinheiro está curto. Eu falei: ‘-Olha, filha, é uma decisão de*

vocês. Eu entendo que ele, na escola, está com pessoas mais capacitadas do que a babá. Então, a minha linha de raciocínio é por aí. Então, não vou nem concluir. Você que tome sua decisão. Aí, estão vendo, vai mudar de escola, não vai..."

Com os netos, suas maiores questões são na negociação com a filha, e não com o genro, também ligadas a questões alimentares com os netos, sustentado, assim como Chuva, a vó, na crença de que avós existem para deseducar: *"Onda reclama muito que a gente estraga, né? Ela nos diz: 'Não pode fazer isso. Chega aqui e faz. Não pode fazer aquilo. Não pode comer doce. Chega aqui e come. Meu neto já sabe até o nome do doce que ele quer: uva passa, nego bom, torrada do vovô... E não tem confusão. Tipo, se eu tava fazendo uma coisa que eles dois não concordam mais, meu genro não briga. Onda é que reclama, mas... deixa. Dá risada na hora e deixa. Não tem, não adianta ela querer. É aquela história, pai cria, avô deseduca."*

Granizo comemora estar saudável para acompanhar o crescimento dos netos, e vive essa experiência como uma compensação do período em que esteve ausente, por motivos de trabalho, que o impediram de acompanhar, de perto, a infância e adolescência dos seus 3 filhos e da sua enteada: *"O gostoso é ver a satisfação deles. Eu não peguei os meninos pequenos, porque eu viajava, eu ficava fora. Então, eu não vi crescer. Eu falo, eu estou vendo agora. brincando, senta aqui, ele levanta, senta lá, vovô senta aqui, aí eu vou, levanto. É complicado esse 'senta e levanta' pra gente, mas é diferente, e eu tô curtindo agora, o que eles mesmos não tiveram. Curtia o fim de semana, a cada 15 dias quando eu vinha em casa... E aí, eu fiquei fora, né? Vamos dizer, fora do núcleo familiar."*

4) GENRO – SOGROS

Antes da avosidade:

Mar pontua que ele e Onda se casaram após 17 anos juntos, e, desses 17 anos, 10 foram morando geograficamente afastados dos sogros, o que pode ter facilitado a não interferência na relação deles: *"Foram uns 14 anos, né, entre o começo do namoro e o casamento, efetivamente. Então, nesse período dos 14 anos, a gente morou basicamente 10 anos longe, né, tanto eu quanto Onda, e a gente passou a morar junto em 2008. Aí, em 2016, voltamos pra Salvador, já morando juntos, também. E com 21 anos é que tivemos o 1º filho. São os marcos, que eu posso dizer, né?"*

Pensar em como era sua relação com o sogro fez lembrar do quão interessante foi esse início, e como tudo se desdobrou de forma tão diferente: *“O primeiro dia que eu conheci meu sogro e minha sogra, foi muito engraçado. Minha sogra, mais solícita, me recebeu muito bem. Ela me recebeu na porta, e meu sogro estava na cozinha. E aí... eu fui até a cozinha pra cumprimentá-lo, né? Aí, quando ela me apresentou, e eu lembro de eu ficar com a mão estendida assim, ó. Ele olhou pra mim e aquilo pareceu uma eternidade, eu com a mão estendida, sabe? E aí ele me cumprimentou, deu boa noite, virou de costas e entrou pro quarto. Eu fiquei meio... Eu já pensei, né? Vai ser uma batalha difícil.”*

Mar considera os sogros como pais que a vida conjugal lhes proporcionou, e os elogia pelo senso de justiça na mediação de situações em que não percebeu tomarem partido da filha deles, mas, sim, se comportarem com bastante neutralidade: *“A gente tinha as nossas brigas e às vezes eles até nos ajudavam nessa mediação. Então, eu vejo o meu sogro e minha sogra como pais mesmo, né? Uma segunda mãe e um segundo pai. A gente sempre teve uma relação muito boa e eles sempre se posicionaram de forma neutra quando eu tinha algum tipo de divergência com Onda, né? Isso eu sempre percebi isso deles.”;*

“Não são pais com paternalismo, aquele cego que fala: ‘Não, a minha filha tem sempre a razão e eu vou sempre estar errado. Não, eles sempre foram muito justos com relação a isso, e me ajudaram, muitas vezes, em algo que, de repente, Onda não enxergava, que a gente tinha divergências, e eles acabam sendo contra divergência e nos dão esclarecimentos. E Onda respeita muito o posicionamento deles.”;

Mar considera que a relação com os sogros se intensificou a partir do momento em que ele e Onda resolveram morar juntos: *“A fase inicial de namoro, né? Você tem menos relação com os pais... a gente passava muito tempo juntos, mas eu ia para casa no final da noite, eu também já trabalhava, enfim... não tinha tanta intimidade. A partir do momento que a gente passou a morar junto, aí realmente parece que foi um marco.”.*

A intimidade se construiu a tal ponto que, o sogro, por uma necessidade de trabalho, precisou morar no mesmo estado em que genro e filha residiam, e, então, confiou que pudessem viver uma experiência de coabitação. A filha finalizou os estudos e retornou à sua cidade de origem, e, ele, então, residiu sozinho com o sogro por 1 ano, ainda

que, na entrevista com o sogro, o mesmo só recordasse de ter coabitado com o genro por 2 meses.

Mar relembra desse momento como algo bastante prazeroso, em que ambos (genro e sogro) puderam se conhecer melhor, o que favoreceu a construção da relação entre eles, como pessoas que, provavelmente, pertenceriam a uma mesma família, caso acontecesse o matrimônio: *“Até que em 2015, Camila se formou, aí voltou para Salvador e eu fiquei sozinho lá. E nesse meio tempo, Granizo, que é meu sogro, foi para o Rio trabalhar onde eu estava trabalhando. E aí morou comigo, eu morei com ele. A gente morou um ano com ele lá. Então assim, aí a gente se treinou em relação... aí moramos um ano junto, até eu sair da empresa, ele também saiu. Mas assim, foi um prazer muito bom, porque é uma pessoa muito tranquila de se dar, né? Então, aí, nesse tempo, morando junto, aí você passa a conviver mais, conversar, e aí você vai conhecendo mais, né? Os problemas, as angústias, os calos, né? As qualidades, os defeitos. Então, você acaba tendo mais intimidade.”*

Mar revela um equilíbrio na relação genro-sogros, tendo, ambos, como referências de apoio para ele: *“Mas, assim, sempre foram um ponto de apoio muito importante para mim e para a Onda, os dois.”*. Com os sogros, sempre pôde contar, inclusive, financeiramente. Além de ter Granizo trabalhando com ele, a sogra entrou como avalista num contrato comercial, que, como é algo que nunca fizeram, nem pelos filhos, comprova a confiança que existe entre eles: *“Tanto é que, hoje, ele está aqui com a gente, né? É óbvio que também a questão dele estar aqui com a gente tem um lado, também, da utilidade, porque a pessoa que ele é hoje sempre foi muito ativa, está aposentada, aí fica em casa, se sente um pouco desocupada por não estar fazendo nada, então, vem para cá, e é o cara que gosta de consertar tudo, então, ele vem aqui e mexe na tomada, e mexe na iluminação, me ajuda pra caramba, e também, financeiramente, me ajuda demais, ajuda tanto a mim quanto a Onda, nunca se negou a ajudar, em momento nenhum, mas é uma pessoa muito muito pé no chão, e ele não vai além do que a perna alcança.”*;

“Hoje, eles são avalistas de um contrato eu tenho. Eles nunca foram. E aí, vai, minha sogra, no dia que assinou, e me conta que era uma responsabilidade, porque nunca foram avalistas na vida, então, eu tenho uma responsabilidade muito grande em honrar com esse contrato, também, pra que não cause nenhum tipo de prejuízo para

eles, em caso de inadimplência né, porque quando você é avalista, está é o seu CPF em jogo, né, então, é pra mostrar, realmente, a consciência que a gente construiu.”

O sogro, para Mar, é um parceiro, com quem ele tem lições de vida: *“É parceirão, um professor, é parceiro mesmo, assim, tá? A gente tem muita liberdade de conversar, eu converso muito sobre a situação daqui. Ele me fala também sobre o dia a dia dele, as férias dele. Então, a gente tem uma relação bem aberta mesmo.”*

O genro esclarece que seus pais também não interferem na vida conjugal dele, e, na relação com a sogra, esclarece que as maiores questões são entre ela e a filha, sua esposa. *“Meus pais não se metem. Então assim, zero problema. Já, minha sogra, minha sogra não se mete muito, mas minha sogra é difícil. Briga muito com a Onda, porque tem que fazer isso, aquilo [...] Mas, a aporrinhção é mais para a Onda. Só quando eu falo com a minha sogra, ela me olha, assim, sei lá. Nunca tive um arranca-rabo. Eu nunca briguei com minha sogra.”*

Mar considera que uma relação saudável entre genros e sogros envolve aceitação e respeito pelas escolhas dos filhos, para que o novo membro possa se sentir pertencente ao núcleo familiar, que, para ele, é essencial: *“Você não pode ser responsável pela escolha do seu filho e da sua filha. Você não tem esse poder de responsabilidade, então, cabe você aceitar, obviamente que você orienta né, porque é o seu dever de pai. E tem aquele instinto de proteção também. Mas, depois que a filha, ou filho, escolhe, e você vê que realmente a pessoa é aquela que ela vai se relacionar, vai casar, criar uma relação, ter filhos, você tem que absorver aquela pessoa, para ela se sentir como um filho seu. Porque o casal é uma entidade sagrada.”*

Inclusive, Mar também lembra que a previsão é de que, quem é genro, um dia será sogro, então, é importante fazer por onde essa relação aconteça da forma mais natural possível. Ele confessa que não conseguiria estar numa família que não o aceitasse: *“Você vai ser sogro! Tente, de alguma forma, uma aproximação, mas não uma coisa cansada. Com naturalidade, a sensação é verdadeira, e as coisas vão acontecer. Se você está em um ambiente que a pessoa não te aceita, tem alguma coisa errada. Talvez não seja aquele ambiente para você. Para uma relação ser boa, o ambiente tem que ser saudável. Eu não tive experiência ruim. Eu não sei nem o que falar. Eu*

não ficaria em um casamento se eu não pudesse falar com a minha sogra, eu não consigo imaginar.”

Depois da avosidade:

Para Mar, os avós são rede de apoio e apego seguro para o casal. É algo que se consagrou desde quando ele virou pai e a esposa, mãe. Sem preferência de serem avós maternos ou paternos, vão administrando o cotidiano conforme o que for mais prático para o casal: *“Aí vira base de apoio. Avós, né? Sogra e sogra, tanto os meus quanto os de família, viram base de apoio. Então, a gente... é uma questão logística. Como hoje eu moro muito próximo a meu sogro e minha sogra, eles acabam virando essa base de apoio imediata. Porque até meus pais já moram mais longe, então é mais difícil deixar os meninos lá pra pegar. Então, a casa de minha sogra é aqui.”*

O genro considera que essa dinâmica já é algo consagrado entre eles: *“Já está automático, certo? Tipo assim, minha sogra não está disponível, meus pais. Meus pais vêm. Meus pais não estão disponíveis, a gente leva pra casa de minha sogra. Então, já automatizou. Já é automático. E a minha cunhada também é um baita de um apoio.”*
“No final de semana, a gente não tem babá. E aí, nesses momentos que a gente precisa ir para uma festa, um aniversário, a gente deixa na cara de um, deixa na cara de outro. Tanto faz. Na verdade, quando a gente precisa de meus pais, eles vão lá para casa. Quando eu preciso de meus sogros, eu levo eles. Essa é a grande diferença. Meus pais são sozinhos, meu pai tá sempre saindo, minha mãe com os dois não dá conta.”

Mar faz uma retrospectiva de como era a dinâmica com os avós antes e depois do nascimento dos filhos, sinalizando o empenho que existe, da parte dele, para que os filhos possam desfrutar da companhia dos avós por mais tempo do que o que ele gozou com seus próprios avós: *“O domingo, eu tinha que ir na casa da minha sogra, o outro domingo, na casa de meus pais. Então, é meio que... aí, juntava tudo na casa de minha sogra, juntava tudo na casa de meus pais. Havia esse elo, assim. Mas não era um compromisso, até porque a gente... Não era um compromisso, porque... Casal, se não tem filho, é pegada, né? Então, viaja, vai pra Ilha, vai pra Ilha, vai pra onde? Com os moleques, a partir de 21 de casados, aí você cria aquela necessidade de você estar presente com os avós. Porque o período é curto. Eu digo por causa própria. Os avós morreram muito cedo, então, e eu morando longe, eu... tinha pouca convivência*

com meus avós, então, esse período agora, o que eles puderem conviver, eu vou ficar lembrando essas coisas para os mais velhos. Então, hoje sim, todo domingo a gente se encontra, pelo menos com um dos casais de avós.”.

E percebe que os sogros e os pais são mais presentes no dia a dia deles desde que viraram avós: *“Eventualmente, a gente vai lá, ia lá almoçar, tipo, um dia de semana, a gente teve uma reunião, lá vamos na casa de sua mãe, tem comida aí? Tem. Hoje, a gente já não faz isso, por quê? Porque, para almoçar lá com os moleques tem que ter comida para eles, tem que ter mochila, fralda. Então, é toda aquela estrutura para você conseguir ir para a casa de alguém. Então, é mais certo aos finais de semana.”;* *“Eles são muito mais presentes hoje no nosso dia a dia por poder ficar com os meninos, entendeu?”*

Mar explica que o fato da casa dos sogros ter um número maior de pessoas para dar suporte nos cuidados dos filhos, gera um contato mais assíduo dos filhos com seus sogros: *“Acaba que a gente tem mais confiança com minha sogra e com meu sogro, porque tem mais gente na casa. Tem mais uma tia que mora, tem carro, então, assim, meus pais são só os dois. Então, como são dois, hoje, moleques, acaba que demandam mais. Uma coisa é você ficar duas horas com o moleque, uma coisa é você ficar o dia inteiro. Demanda muita energia, né?”;*

“E minha sogra, ela é assim, é tudo na casa dela. Ela até vai lá em casa, mas ela quer que todo mundo vá pra casa dela. Ela gosta de receber as pessoas. Então, se minha sogra precisa ir lá pra casa, ela prefere que os meninos fiquem lá o dia inteiro, na casa dela, do que ela ficar duas horas lá em casa.”.

O genro também assume que o convívio é maior com os sogros, como avós, por achar que é a ordem natural de um casamento, reforçando a crença de que filhas provocam o contato maior com suas famílias de origem, do que os filhos. E recorda que foi assim com ele, na infância: conviveu muito mais com a família materna do que com a paterna: *“Meu pai vive reclamando: ‘eu participo menos da vida dos moleques’. Assim, de 1 a 10, minha sogra é 7 e 3, sabe? Minha sogra vê 7 vezes o moleque e meu pai vê em 3. Mas, eles entendem que os moleques têm mais intimidade com a família da mãe, porque é algo que aconteceu comigo também. E deve ter acontecido com eles.”* E faz questão de alertar que, quando se está na posição de pais, há um esquecimento de que estes avós foram responsáveis pela educação dos filhos, então, precisam ser

validados enquanto avós, sejam eles seus pais, ou seus sogros: *“A gente fala dos avós como se eles não tivessem experiência, mas é, pô, tem uma baita experiência. Tudo bem que eles estão enferrujados, mas criaram, né, dois filhos e, enfim.”*

Análise comparativa dos casos:

Visando esclarecer os objetivos da pesquisa, didaticamente optou-se pela apresentação dos resultados dispostos em 2 blocos de análise:

- a perspectiva dos sogros/avós sobre a relação com seus genros e noras, e
- a perspectiva dos genros e noras sobre os sogros/avós.

Para isso, realizou-se o seguinte percurso metodológico:

- 1) Para apresentação dos resultados acerca da perspectiva dos SOGROS/AVÓS:

Cruzaram-se os dados da relação SOGRA-NORA do caso 1 com SOGRA-NORA do caso 2, chegando à apresentação de como SOGRAS e NORAS relacionam-se.

Em seguida, cruzaram-se os dados da relação SOGRO-NORA do caso 1 com SOGRO-NORA do caso 2, revelando como SOGROS e NORAS estabeleceram seus vínculos.

A partir do agrupamento desses dados, que levavam em conta questões de gênero, foi possível, então, finalmente agrupar os resultados e apresentar a relação SOGROS-NORA.

O mesmo procedimento foi adotado quando a investigação se deu em torno das relações entre SOGROS e GENROS.

- 2) Para apresentação dos resultados acerca da perspectiva dos GENROS e NORAS:

Cruzaram-se os dados da relação NORA-SOGROS do caso 1 com NORA-SOGROS do caso 2, chegando à apresentação de como NORAS e SOGROS relacionam-se.

Em seguida, cruzaram-se os dados da relação GENRO-SOGROS do caso 1 com GENRO-SOGROS do caso 2, revelando como GENROS e SOGROS estabeleceram seus vínculos.

O aspecto da avosidade foi parâmetro de análise comparativa para investigar as modificações nessas relações, a partir de pontos de similaridade e de diferença entre os 2 casos investigados.

Para melhor organização dos dados, a apresentação da análise comparativa seguirá a mesma ordem:

- **Sob a perspectiva dos sogros/avós: seus genros e noras:**

SOGROS-NORA:

A relação sogros-noras, como evidenciada nos dois casos, são influenciadas por normas sociais, papéis de gênero e pelas diferentes fases do ciclo de vida familiar. A adoção de estratégias baseadas na não interferência, na aceitação da autonomia familiar e em limites bem definidos, revela-se como condição importante para manter o equilíbrio nas relações intergeracionais. Nos dois casos, sogros e sogras evitam interferir diretamente nas decisões conjugais e parentais, priorizando a autonomia do casal.

As diferenças de gênero refletem abordagens distintas: sogros assumem posturas pragmáticas e distantes, estabelecendo limites claros desde o início, só oferecendo opiniões quando solicitados, demonstrando maior foco em respeitar o papel do casal dentro de sua própria casa, enquanto sogras, mesmo quando reservadas, tendem a aprender a controlar o desejo de opinar e lutam mais com a gestão emocional de sentimentos de exclusão e a percepção de distância.

A relação do casal de sogros com as noras, nos dois casos, evolui com o tempo, especialmente após o marco da avosidade, que intensifica o reconhecimento das noras como figuras centrais no novo núcleo familiar. No caso 1, o vínculo com o sogro se baseia em proximidade, humor e uma relação familiar calorosa, em que o sogro equilibra seu papel com respeito às decisões parentais da nora. No caso 2, o

relacionamento é mais formal e distante, focado no respeito à autonomia do casal, mas também marcado por uma admiração crescente e recíproca.

Nos dois casos, a avosidade não altera radicalmente a postura dos sogros, mas intensifica sentimentos e ajusta expectativas. Ocorre uma transformação na percepção das noras, passando de "a esposa do filho" para "a mãe dos netos", o que aumenta o reconhecimento de sua importância na família. Essa mudança é evidente nos relatos dos casais de sogros, que passam a admirá-las por seus esforços parentais e a respeitar mais suas decisões, marcando o reconhecimento de suas contribuições e responsabilidades como mães e parceiras.

Apesar das diferenças nos estilos de relacionamento, os sogros e sogras sentem diminuição do contato após a constituição do novo núcleo familiar, mas adotam estratégias de resignação e racionalização, priorizando a harmonia e o respeito como pilares para manter relações familiares saudáveis e duradouras. Enquanto sogros tendem a aceitar essa realidade como parte do ciclo natural, sogras sofrem mais intensamente com o afastamento percebido, especialmente quando ocorre uma maior integração da família da nora na rotina familiar, como no caso 2, em que Aurora demonstra uma aceitação resignada de sua posição, mas, ainda assim, demonstra carinho e desejo de participar, tendo cuidado para não se frustrar. Já Estrela, do caso 1, demonstra uma evolução para um equilíbrio emocional mais consciente e adaptativo.

A transição para os papéis de sogro e sogra implica adaptações nas interações com noras, especialmente no contexto do novo papel parental desempenhado pelos filhos. Isso envolve uma discussão sobre "papéis sociais", que são as posições ocupadas por indivíduos em uma estrutura social, e que são definidos pelas expectativas culturais associadas a uma posição em um sistema social, que se refere ao "status": os comportamentos esperados associados a essas posições (LINTON, 1936).

Parsons (1951) explora a importância da internalização de normas e a adaptação funcional dos papéis familiares, destacando o equilíbrio entre a solidariedade e a autonomia conjugal nas relações intergeracionais, que foi um movimento encontrado aqui, pelos depoimentos dos sogros. Essas ideias são fundamentais para entender as

expectativas nas relações familiares e intergeracionais, como no caso de sogros e noras.

Fingerman et al. (2011) exploram as complexas dinâmicas familiares intergeracionais, enfatizando que os relacionamentos entre pais, filhos adultos e seus cônjuges são frequentemente moldados por normas sociais e expectativas sobre papéis familiares e sugerem que as sogras estão socialmente condicionadas a buscar mais envolvimento afetivo, enquanto os sogros tendem a adotar uma abordagem mais prática e distante, priorizando limites claros. Por isso, ainda se encontra mais tensões nas relações sogra-nora do que nas relações sogro-nora, por tantas expectativas de intimidade e proximidade, muitas vezes ainda não correspondidas.

Segundo os autores, o envelhecimento e as transições familiares, como a chegada de netos, podem intensificar tanto os laços afetivos quanto os desafios associados à proximidade emocional e ao envolvimento no cotidiano familiar. As estratégias de não interferência e de manutenção de limites claros, como discutido nas relações entre sogros e noras, são consistentes com os achados da pesquisa, que identificou um esforço dos sogros em torno do equilíbrio entre apoio emocional e respeito pela autonomia do casal de filhos/genros/noras, para minimizar tensões e preservar a harmonia familiar (FINGERMAN et al., 2011).

Conforme Arpino e Bordone (2014), a avosidade modifica as relações familiares, e há uma tendência dos avós maternos estarem mais envolvidos que os avós paternos, devido à proximidade, tradicionalmente maior, entre as mães dos netos e suas próprias mães.

Essa dinâmica reflete-se nos relatos dos sogros, que reconhecem a prioridade dada à família materna, aceitando-a com certo pesar. Ciclone, por exemplo, sente uma dor profunda pela falta de contato com os netos e pela priorização da família da esposa do filho, com esperanças de que o ciclo se inverta quando os netos crescerem. Ou seja, para alguns sogros e sogras, essa maior proximidade com a família materna ainda é uma fonte de mágoa, alinhada aos achados empíricos sobre as diferentes dinâmicas de envolvimento avós-netos.

As duas famílias estudadas mostram que a avosidade pode aumentar as tensões entre as gerações, com uma percepção de uma desigualdade no convívio com os netos. Outro fator comum em ambas as famílias, e que envolve questões de gênero, é a responsabilidade que as noras assumem pela relação com os pais do marido, e que é mais notável na visão das sogras.

SOGROS-GENRO:

A dinâmica relacional sogros-genro é um campo rico em diversidade, moldado pela personalidade dos genros e pela abordagem de apoio dos sogros. A relação sogra-genro é fortalecida pela aceitação e pelo esforço em construir laços afetivos equivalentes aos de pais e filhos, em que a sogra assume um papel integrador, buscando harmonia e valorizando o papel do genro como esposo e pai. O sogro, por sua vez, como figura de referência masculina, adota uma postura de companheirismo, podendo assumir um papel de guia prático, ou de parceiro afetivo.

A análise comparativa dos dois casos revela dinâmicas variadas, influenciadas por aspectos de afinidade pessoal, personalidade, e pelo papel desempenhado pelo casal de sogros, antes e após o advento da avosidade. Apesar das diferenças, prevalece o apoio, a comunicação aberta e a importância do equilíbrio entre proximidade afetiva e respeito à autonomia dos casais.

Em ambos os casos, as relações sogra-genro são marcadas por acolhimento e esforço mútuo, com dinâmicas afetivas distintas, que diferem no grau de intimidade e envolvimento emocional: enquanto Estrela constrói uma relação emocional forte com Sol (genro), pautada em carinho e com muita proximidade familiar, Chuva mantém uma relação respeitosa e prática com Mar (genro), centrada em apoio funcional e não intrusão. As estratégias adotadas refletem valores familiares e temperamentos distintos, mas convergem na busca por harmonia e pelo fortalecimento dos laços familiares.

Quanto à relação sogro-genro, o grau de afinidade pessoal molda a profundidade do vínculo e a satisfação relacional. No Caso 1, a relação entre Céu e Sol (genro) demonstra uma afinidade natural que se desenvolveu de forma quase paternal. Desde o início, houve sintonia entre eles, e a participação conjunta em atividades de trabalho,

e no lazer, contribuiu para a construção de um laço emocional forte e carregado de admiração mútua. O senso de parceria entre sogro e genro é um aspecto marcante dessa relação, consolidando um vínculo profundo e um respeito recíproco, que enriquece a convivência familiar.

No caso 2, a dinâmica entre Granizo e Mar se baseia em respeito e suporte prático. Mesmo não tão permeada por um envolvimento emocional intenso, a relação se solidificou gradualmente, por meio do convívio e da superação de desafios profissionais. A colaboração mútua, especialmente no ambiente de trabalho, permitiu que a confiança fosse construída sobre uma base de apoio contínuo e orientações construtivas, prezando pelo respeito, comunicação e compromisso compartilhado com o crescimento e o bem-estar familiar.

Céu destaca que a qualidade do vínculo com seu genro se dá pela parceria familiar e interação centrada em interesses comuns. Já, Granizo, atua como conselheiro financeiro e prático para o genro, assumindo um papel de orientador. Ambos se posicionam como figuras de suporte, mas com diferentes ênfases: companheirismo e afinidade no primeiro caso, e apoio funcional e estratégico no segundo.

Quanto à diferença de personalidades, Céu declara que admira a proatividade e a iniciativa de Sol, e que isso só fortalece a admiração e o respeito mútuo. Granizo, por outro lado, observa e comenta de forma crítica a passividade de Mar, enxergando nesse traço uma limitação para a liderança no ambiente familiar e profissional.

Sobre o advento da avosidade, os dados comprovam que representa uma mudança significativa nas relações familiares, aliviando tensões, aproximando e fortalecendo a confiança entre sogros e genros, solidificando ainda mais os laços existentes. Os casais de sogros investigados mantêm uma postura clara de não interferência direta nas decisões parentais, mas se permitem orientar e dar conselhos, quando solicitados. Enquanto avós, não têm as mesmas responsabilidades parentais diretas e, portanto, podem cultivar uma relação mais afetuosa e menos disciplinar com os netos. Esse fenômeno é refletido no ponto comum apresentado entre eles, que é o comportamento típico de “deseducar” os netos com carinho, reforçando o papel mais permissivo e lúdico dos avós, criando um espaço de afeto e descontração para os netos.

Na família contemporânea, o papel dos sogros mudou, e suas funções evoluíram de figuras de autoridade tradicionais, para papéis mais colaborativos e de apoio. A Teoria do Apego (BOWLBY, 1969) sugere que as relações afetivas primárias moldam a forma como os indivíduos se relacionam com outras pessoas ao longo da vida, incluindo figuras de autoridade e figuras familiares mais distantes, como sogros. Nos casos 1 e 2, as dinâmicas de apoio (tanto emocionais como práticos), refletem essa mudança. Por exemplo, no caso 1, em que a relação entre Céu e Sol, descrita como quase paternal, reflete a ideia de que a confiança mútua e a proximidade emocional, criadas ao longo de experiências compartilhadas, são fundamentais para a formação de laços intergeracionais sólidos.

De forma ampla, nessas relações sogros-genro percebeu-se um entendimento maduro e equilibrado das dinâmicas intergeracionais, sustentadas por uma visão colaborativa e respeitosa das relações familiares. O equilíbrio e a harmonia nas relações sogra-genro e sogro-genro se mostraram não apenas possíveis, mas também altamente desejáveis e enriquecedoras para todos os envolvidos.

- **Sob a perspectiva dos genros e noras: os sogros/avós:**

NORA-SOGROS:

A natureza do vínculo entre noras e sogros pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo os próprios valores culturais, as expectativas sobre o papel de cada um na família e a capacidade de adaptação das pessoas aos novos papéis. No caso 1, a nora relata um relacionamento mais direto com a sogra, enquanto no caso 2, o relacionamento é marcado pela frieza e formalidade. Com o sogro, no caso 1 a relação é mais neutra, enquanto no caso 2 é igualmente distante, mas sem tanta tensão explícita.

As diferenças nas relações entre as noras e as sogras, nas duas famílias estudadas, podem ser explicadas pela maneira como as expectativas e os papéis familiares foram ajustados diante da avosidade, assim como pela habilidade de adaptação dos membros das famílias aos novos papéis e necessidades emocionais inerentes a eles. A presença dos netos tem o potencial de fortalecer os vínculos intergeracionais, mas,

o impacto dessa mudança pode ser temporário ou prolongado, dependendo das expectativas e das características individuais das famílias envolvidas.

A transição para a avosidade pode representar um novo espaço para o envolvimento familiar, e, geralmente, altera a proximidade física e emocional com os avós, podendo gerar modificações nas relações entre noras e o casal de sogros, principalmente quando os sogros se tornam mais envolvidos com o cuidado e bem-estar dos netos. A figura da sogra, antes associada à autoridade e ao conflito, passa a ser vista, também, como uma cuidadora e fonte de apoio emocional, o que altera as interações.

Nos 2 (dois) casos estudados, a mudança nas percepções das noras sobre os sogros, especialmente a sogra, pode ser explicada pela 'teoria da proximidade afetiva' (BELSKY, 1984). Esta teoria sugere que a chegada de um bebê (neto) pode gerar um fortalecimento emocional nas relações familiares, criando oportunidades para os sogros demonstrarem afeto e apoio.

Os 2 (dois) casos mostram uma transformação positiva na relação das noras com o casal de sogros após a chegada dos netos, mas a intensidade dessa mudança varia. No caso 2, a nora descreve uma relação marcada por críticas e conflitos, que pode ser vista como parte de um conflito geracional que é comum em algumas famílias, especialmente quando as expectativas e o controle são mais rígidos. Com a avosidade, a nora sentiu a sogra mais carinhosa, mais próxima e menos crítica, só que essa mudança foi temporária e acabou retrocedendo após o nascimento do 2º neto.

Fingerman et al. (2012), exploraram as relações intergeracionais e como os laços familiares se transformam ao longo da vida, com foco específico em como os pais e filhos adultos se apoiam mutuamente. O estudo examina a natureza bidirecional das trocas de apoio e os impactos emocionais dessas interações. Então, o que ocorreu com a sogra do caso 2, Aurora, e sua nora, Onda, pode ser explicado por estudos sobre a saturação do papel de avós (FINGERMAN et al., 2012), que sugerem que o entusiasmo com a chegada dos netos pode ser temporário, e as expectativas podem gerar frustração quando o apoio necessário não é fornecido da maneira que os sogros ou noras esperavam. A mudança para uma relação mais fria após o segundo

nascimento pode indicar um ciclo de expectativas frustradas e adaptações mais difíceis.

Em ambas as famílias, a percepção da nora sobre o sogro não muda significativamente após a avosidade. O sogro permanece uma figura mais passiva e distante nas duas situações. Mas, em famílias em que as relações já são tensas antes da avosidade, a chegada dos netos oferece uma oportunidade para reduzir esse conflito, à medida que o foco da interação se desloca para o apoio à nova geração. Bengtson et al. (2002), com sua 'teoria do conflito intergeracional', ajuda a compreender a modificação das percepções iniciais das noras sobre o casal de sogros. A teoria destaca o papel da socialização familiar, e como as experiências vividas moldam as atitudes de pais e filhos, alisando como valores, crenças e comportamentos variam e causam tensões ou conflitos entre pais e filhos (ou entre avós e netos).

De maneira geral, a relação das noras com os sogros não é tão próxima, quando comparada com as que envolvem suas famílias de origem, com um destaque para a figura do sogro, que permanece passivo em ambas as situações. Logo, no caso 1, em que a figura da sogra é descrita como mais envolvida, podemos entender que, ao tomar um papel mais ativo, o sogro também poderia mudar sua posição no relacionamento com a nora, o que pode ser generalizado quanto a outras famílias, já que, o papel do sogro, de, muitas vezes permanecer mais distante e menos envolvido nas questões relacionais dos filhos casados, tende a ser mais estável, com menores expectativas de proximidade emocional, principalmente quando ocupa um papel mais distante na convivência diária, como foi apurado no caso 2.

GENRO-SOGROS:

Nos contextos de ambas as famílias, antes da avosidade, as trocas entre genros e sogros eram limitadas, com pouca reciprocidade de apoio mais direto. Essas trocas tornaram-se mais frequentes e significativas após a avosidade, especialmente em relação a apoio emocional e financeiro, o que gerou uma transformação na dinâmica relacional.

Antes da avosidade, os papéis de genros e sogros nas duas famílias eram mais limitados e formais, como se observa no caso 1. No entanto, após o nascimento dos netos, há uma reconfiguração desses papéis, especialmente no caso 2. A avosidade não alterou substancialmente o papel dos sogros estudados no caso 1, o que indica uma estabilidade no ciclo de vida familiar, sem a necessidade de modificações profundas, porém, no caso 2, a chegada dos netos trouxe uma mudança perceptível à medida que os sogros assumiram papéis de apoio mais ativos (emocional, financeiro e logístico), com maior envolvimento na criação dos netos, e que moveu os membros da família à um redesenho de papéis (avós, genros e noras) e adaptação às novas demandas.

Seguindo o pensamento de Bowlby (1969), o vínculo entre genros e sogros antes da avosidade pode ser inicialmente mais frágil, pois o papel de "figura de autoridade" ou "suporte familiar" ainda não foi consolidado. Após a chegada dos netos, o vínculo com os sogros tende a se fortalecer, como aconteceu no caso 2, uma vez que há uma interação mais constante com os sogros, que assumem um papel importante no apoio ao casal e ao cuidado dos filhos. Esse fortalecimento do vínculo está relacionado ao aumento da confiança e da proximidade, que são elementos essenciais para o desenvolvimento emocional da família, especialmente dos netos.

Nos 2 (dois) casos, os genros experimentam, inicialmente, uma relação distante com seus sogros, mas, com o tempo, foram construindo uma base de respeito e apoio. Com a chegada dos netos, a relação em família do caso 1 manteve uma constância em termos de apoio e respeito, enquanto no caso 2, a avosidade provocou uma transformação significativa, com o casal de sogros se tornando pilares fundamentais no cotidiano do casal, em que a sogra assumiu alguns cuidados com os netos, e o sogro aceitou ajudar o genro nos negócios da família, deixando a dinâmica familiar mais fluida e integrada.

Assim, a dinâmica familiar antes e após a avosidade, no caso 1, mostra um maior grau de autonomia, com as interações entre genros e sogros sendo mantidas, o que não exigiu grandes modificações nas relações. Por outro lado, no caso 2, as relações familiares se tornaram mais interdependentes após a avosidade, com os sogros proporcionando suporte contínuo, o que pode ser visto como um processo de

renegociação de autonomia, onde o apoio é recíproco e assume uma maior importância para o bem-estar do casal e dos netos.

A partir da avosidade, os achados empíricos demonstram um aumento no grau de motivação dos sogros, para se envolver mais no cotidiano dos seus netos, criando uma nova dinâmica de cuidado intergeracional, e fortalecendo a conexão e promovendo o aumento das trocas de apoio entre genros e sogros.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após serem agrupados e aprofundados, os casos apresentaram alguns aspectos emergentes, comuns, quanto ao que norteia as percepções da avosidade e os impactos disso na conjugalidade, envolvendo todos os atores sociais dessa dinâmica familiar, na qual ocorre uma vivência simultânea de múltiplos papéis, o que indica que as relações familiares possuem uma interdependência muito forte.

Esse padrão pode ser explicado por diversos fatores culturais, sociais e afetivos, que variam conforme contextos específicos, mas seguem tendências gerais, a seguir documentadas:

<u>Diante do Par de Sogros: Serem Avós, sem deixar de ser Pai ou Mãe e Sogro ou Sogra</u>	<u>Diante do Par Conjugal: Serem Filhos e, concomitantemente, Serem Pai ou Mãe e Genro ou Nora</u>
Tendência a falar das suas relações com os filhos.	Tendência a trazer aspectos da parentalidade dos seus pais.
Tendência a identificar repetições de padrões intergeracionais no 'modo de serem sogros'.	Tendência em comentar sobre a interação do cônjuge com seus pais.
Tendência a identificar repetições de padrões intergeracionais de avosidades: os avós que tiveram; os avós que seus	Tendência a identificar padrões intergeracionais no 'modo dos pais serem sogros'.

pais foram para seus próprios filhos e os avós que são.	
<u>*Tendência a comparar as avosidades (avós maternos/paternos).</u>	<u>*Tendência a comparar as avosidades (sogros/pais).</u>

* Este item será apresentado por último, já que ambos os pares tendenciaram a esse aspecto nos seus discursos.

- **SOGROS/AVÓS:** Tendência a falar das suas relações com os filhos

Na coleta dos dados, assuntos relacionados às interações com os próprios filhos apareciam de forma recorrente, como se fosse muito complexo para esses pais/sogros/avós se referenciar aos seus genros e noras sem associá-los a seus filhos, que são os cônjugês, validando a identidade conjugal fortalecida entre os pares, apresentada em épocas diferentes por Caillé (1991), Féres-Carneiro (1998) e Aboim(2004).

Esse fenômeno pode sugerir que a identidade conjugal se torna um ponto de referência fundamental para as interações dentro da família: ao comentar sobre a relação com seus filhos, os sogros revelam como a identidade conjugal dos filhos influencia diretamente no relacionamento com genros e noras. Quando a relação com os filhos é vista como o eixo central da dinâmica familiar, os sogros podem ter dificuldades em desvincular a identidade do genro ou da nora, da figura do filho, especialmente à medida que a avosidade se incorpora a essa dinâmica.

Como não deixam de ser pais dos filhos para serem avós dos netos, os sogros se veem em um novo papel, o de avós, o que pode modificar suas expectativas e atitudes em relação aos genros e noras, mas, ainda assim, esse fenômeno pode sugerir que a avosidade não se separa totalmente da identidade conjugal.

	Relações com os filhos
--	-------------------------------

<p>CASO 1</p>	<p>“O mais parecido comigo... de calma, de consciência, de respeitar o outro como outro é, de... Sol é muito compreensivo, muito... então, os nossos, os meus netos, os filhos dele, só reafirmaram, né?” (BRISA, mãe de Sol / sogra de Lua)</p> <p>“Ele me ensinou tudo sobre como é ser mãe... e ele se apoia em mim o tempo inteiro. Tanto que ele disse quando ele se casou: ‘- Mãe... preste atenção na música que você vai entrar comigo’. E foi aquela música que você via ‘pro que der e vier, vem comigo... ofereça o sol, e se a chuva cair. Aí, eu disse: ‘- Eu te prometo filho, a gente vai estar junto’. Então, a gente... Aquilo é a gente, a gente é junto...” (BRISA, mãe de Sol / sogra de Lua)</p> <p>“Nós sempre fomos muito coladas, eu e Lua. Dizem que ela é a minha cópia. Eu acho que estreitou mais ainda a nossa companhia, porque eu me vi nela, de novo. E ela me deu os netos homens que eu não tinha, filhos homens, entende? Então, foi assim, eu respeito ela como a mãe que ela se tornou. Fico orgulhosíssima, entendeu? Porque, além de uma profissional excelente, ela dá conta também, de tudo. Eu fico, assim, orgulhosa, mesmo, de ver que ela administra como eu administrei antes. Eu sou médica. E aí eu trabalhava o dia todo. Tinha uma pessoa que me ajudava, que era minha companheira de muito tempo dentro de casa, Maria, que trabalhou comigo desde que Lua nasceu. E Maria, assim, levava para festinha, preparava, eu só chegava na hora da festa pra assistir. E, hoje em dia, a Lua se vira, mais do que eu, porque ela não tem a Maria que eu tive na vida. Ela tem uma pessoa que ajuda ela, mas não é como era a minha. E ela vai lá e se vira e dá conta do recado. Eu acho que depois que ela virou mãe, ela me mostrou que ela é mais capaz até do que eu fui.”</p> <p>(ESTRELA, mãe de Lua / sogra de Sol)</p>
----------------------	--

<p>CASO 2</p>	<p>“Você sabe aquele negócio de ‘síndrome do ninho vazio’ que falam, eu vivo isso. Minha filha tava estudando, nessa época que ele se formou, e foi trabalhar, no final de 2011, ela foi para fora, foi para Irlanda, aí eu me vi sozinha. Bom, passou. Aí, eu me acostumei. Me acostumei, né? Eu falava muito, mas ainda hoje sinto muita falta dela [...] ela é engenheira civil e administradora. Ela fez duas faculdades. Eu sei que, para resumir, hoje ela tá muito bem, tem um cargo supervisora e tá muito feliz.”</p> <p>(AURORA, mãe de Mar / sogra de Onda)</p> <p>“É de um jeito que, infelizmente, eu digo a ele (ao marido): ‘não reclama com o seu filho, melhor ele falar para mim (alguma queixa sobre o filho), para que eu vá falar para ele, porque eu digo sempre que ele está em outro planeta, que você fala com ele, até ele te responder [...], mas ele está aqui no celular, aí você pergunta, ele continua no celular, aí daqui a pouco ele [...] então, eu não falo, não vou perder meu tempo, porque eu sei que ele não vai ficar ao meu favor, é isso, ele não vai me dá razão, entendeu, por isso mesmo é que tá tudo bem.</p> <p>(AURORA, mãe de Mar / sogra de Onda)</p> <p>“Eu estou ajudando meu filho. E às vezes me aborreço, chateio, fico nervoso, mas eu estou ajudando. E tem que ter um fim isso daqui. A minha passagem aqui é curta. A ideia minha é ajudar, para na hora que começar a desenvolver, melhorar, que é o que já está acontecendo. Eu chamo ele de múmia parálitica. Ele é muito calado.”</p> <p>(CICLONE, pai de Mar / sogro de Onda)</p> <p>“Nós estamos lidando com um grupo, não é pai, filho, mãe, a gente até discute e desgosta das coisas, mas, assim, eu tenho uma meta, e eu jurei pra mim mesmo, tiveram algumas situações</p>
----------------------	--

há pouco tempo atrás e eu prometi pra mim mesmo, agradando ou desagradando, não abro mais a boca, não falo mais nada, sabe? Às vezes, algumas coisas ele faz, que eu também não gosto, mas não falo mais nada, recolho, fico sozinho, porque isso vai acabar e eu estou convicto, né, que nós temos que agora cortar muito só carne e o osso, né, para poder a corrente começar a mudar.”

(CICLONE, pai de Mar / sogro de Onda)

“Quando você se apegou àquela pessoa, à família daquela pessoa, e aí, entra uma outra pessoa, que você não conhece [...] então, foi difícil, porque casou a primeira vez, aí a gente pensou: ‘nossa, agora tá bom’. Quando eu tava acostumado com uma outra, começou a outra, e foi emendando na outra, né, para mim foi muito difícil, eu acho, e eu me apeguei muito à outra, à primeira não, que ele separou, mas, essa segunda, eu ainda tenho contato com ela, mesmo ela longe, ela manda zap [...] e aí, ficou uma situação péssima.

(CHUVA, mãe de Onda / sogra de Mar)

“Pra não dizer que nunca me meti, me meti no primeiro casamento do meu filho. Ele veio morar aqui em casa, uns dois meses ou três meses antes do casamento, e eu vi ela com um descontrole financeiro muito grande. Ela ganhava, sei lá, mil, gastava três mil, e meu filho tentando ajudar. Eu falei: ‘ó gente, isso não vai dar certo, e aí continuaram, sem enchendo de dívidas [...] Quitei uma vez, quitei a segunda vez, aí depois eu falei: ‘chega, agora é com vocês’. E falei para meu filho: ‘- olha, esse relacionamento de vocês, por causa desse descontrole financeiro, não vai dar certo. Mas ele casou. Um ano depois, separou.”

(GRANIZO, pai de Onda / sogro de Mar)

“Ele ligou, até chorando. Falei: ‘- Filho, eu já falei pra você, entre quatro paredes é você e ela. Se não tá dando certo, é você e ela que têm que resolver. Não sou eu que vou dizer nada. Só lhe digo

	<p>uma coisa, gosto dela, gosto dos pais dela, só isso, mas, se pra você é melhor separar, separe.” (GRANIZO, pai de Onda / sogro de Mar)</p>
--	---

Nas narrativas de Brisa e Estrela fica evidente o foco na relação com os filhos, e como as suas escolhas e comportamentos refletem no relacionamento com as noras e genros. A comparação entre o papel dos filhos e suas próprias ações como pais (como Estrela se comparando à Lua como mãe) mostra como a identidade parental se estende à percepção das noras e genros. A fala de Estrela também revela um orgulho da evolução de Lua, ao se tornar mãe, validando sua capacidade de lidar com as responsabilidades familiares.

Aurora compartilha uma experiência em que sua relação com a filha influenciou sua percepção do genro, e menciona a "síndrome do ninho vazio", ilustrando como a ausência da filha trouxe à tona uma dependência emocional significativa, que a fez refletir sobre a separação entre a identidade do genro e da filha.

Além disso, os pais mencionaram suas tentativas de resolver ou de mediar conflitos entre seus filhos e os genros/noras, como Ciclone e Granizo, que compartilharam relatos sobre como tentaram intervir, em momentos de dificuldade financeira ou emocional, nos relacionamentos dos filhos. Nesse caso, a dificuldade em separar o papel de pai ou mãe, do papel de sogro ou sogra, fica clara, já que algumas decisões sobre os relacionamentos dos filhos são influenciadas por suas próprias experiências como pais.

Essa tendência em falar das suas relações com os filhos, ao pensar nas suas relações com genros e noras, possibilita o entendimento de como as interações entre sogros, genros e noras não são apenas influenciadas pelas individualidades de cada um, mas também pela qualidade dos vínculos familiares preexistentes. Cria-se uma teia de

relações que, muitas vezes, promove uma percepção do genro e da nora através da lente de "filho" ou "filha", e essa interdependência pode ajudar a explicar algumas dificuldades em separar papéis familiares e como as relações com os genros e noras podem ser um reflexo de como os sogros se percebem como pais, e percebem, também, os seus filhos.

- **SOGROS/AVÓS:** Tendência a identificar repetições de padrões intergeracionais no 'modo de serem sogros'

Bowen (1978) corrobora, a partir do modelo de sistemas familiares, que as dinâmicas familiares têm uma forte tendência de repetição, uma vez que os membros internalizam padrões de interação observados em suas famílias de origem. Essa internalização influencia como eles próprios atuam em novos papéis familiares, como o de sogro ou sogra.

A partir das falas, foi possível identificar diferentes tendências de continuidade ou transformação de padrões familiares intergeracionais, guiadas por experiências, modelos familiares e um contexto social mais amplo, evidenciando como experiências vividas nas gerações anteriores influenciam as práticas e posturas atuais.

As relações de sogros com noras e genros são fortemente influenciadas por memórias afetivas, exemplos familiares e normas culturais, e o estudo indica que as experiências vividas no papel de filhos e noras/genros influenciam o modo como as pessoas acabam se posicionando quando assumem o papel de sogros no futuro.

	Repetições de padrões intergeracionais no 'modo de serem sogros'
--	---

CASO 1	<p style="text-align: center;">“Minha mãe era até uma pessoa mais seca. Eu acho que talvez por eu não ter aceitado e não ter entendido aquela forma dela de tratar, eu quis fazer diferente. Entendeu? Eu acho que eu fui bem diferente dela. Bem diferente. Meu pai já era diferente. Meu pai já dava outro tratamento para as noras, entendeu? Mas, minha mãe não. Minha mãe era uma pessoa já com a natureza mais fria.” (ESTRELA, mãe de Lua / sogra de Sol)</p> <p>“Eu acho que a relação da minha filha mais velha com a sogra não é 100%. Já foi pior. Veja só, já foi pior. Já foi uma relação de muitas críticas da sogra para ela. Da sogra querendo mandar, querendo se envolver em coisas que ela não tinha que se envolver, porque é um casal, ela não tem que se envolver, e eu acho que, com o tempo, pelo convívio com a gente, que eles já tem 14, 15 anos de casados, ela vendo como eu fazia, como eu trato o filho dela, ela, acho, que foi tomando, assim, um pouco de: ‘- Poxa, eu tô pegando pesado. Não é assim, e hoje em dia as relações delas estão bem melhores, bem melhores, mas acredito que tenha sido a vivência dela, a vivência da nossa família.” (ESTRELA, mãe de Lua / sogra de Sol)</p> <p>“O meu pai foi um sogro maravilhoso, em todos os sentidos, entendeu? Todos os sentidos. Ajudou todos os dois no que... pôde, entendeu? Então, meu pai, eu queria... Eu acho que meu pai como sogro foi 10, como um pai foi mil, entendeu? Minha mãe também, minha mãe era uma pessoa muito boa, uma pessoa desprovida de maldade, entendeu? Tratava os genros maravilhosamente bem, entendeu? Então, eu me criei nesse ambiente harmônico, entendeu? Eu, apesar de ser o caçula, eu fui, vamos dizer assim, o gestor da casa depois que meu pai ficou doente. Ele era dentista, professor da universidade. Ele tinha fazenda no sul da Bahia. Então, teve um AVC cedo, novo, e eu</p>
---------------	---

	<p> passei a tomar conta de tudo dele. Foi eu que aguentei minha mãe até o fim da vida e não deixei nada a ela faltar. Entendeu? E meu pai também. Meu pai era muito apegado comigo. Era uma pessoa assim... Muito, muito, muito gente boa comigo. Eu acho que eu dei sorte, e ele também deu.” (CÉU, pai de Lua / sogro de Sol) </p>
<p>CASO 2</p>	<p> “Também, sabe, minha mãe nunca foi falar assim: ‘olhe, não fique com ele, não namore com ele não, porque eu não gosto dele’. Minha mãe sempre me deixou à vontade, que eu que sabia, apesar da minha educação, e de hoje tem muita coisa diferente, né, porque quando eu namorava, 22:00 horas eu tinha que estar em casa; se eu sair um fim de semana, não podia sair no outro, eu nunca viajei sozinha. É diferente. Se você colocar isso há 50, 60 anos atrás, é muito diferente. Eu acho que eu sou muito igual a minha mãe.” (AURORA, mãe de Mar / sogra de Onda) </p> <p> “Como aconteceu comigo, também. Eu tinha muita ligação com meus pais e não tinha tanta coisa. Apesar que eu vim pra cá grávida dele de 5 meses e a minha família é toda de lá. Então, eu nunca tive nenhum... Eu não tinha muito convívio com a minha sogra e meus pais. Era só quando eu ia para São Paulo mesmo. Ele viajava muito, e eu ficava sozinha, não tinha telefone, foi uma coisa, assim, que hoje eu fico pensando: a gente fala, mas, naquela época, não existia celular, então, mas eu passei e ninguém morreu por causa disso, e nunca tive empregada, cuidei dele, depois engravidei de novo e cuidei dela sozinha.” (AURORA, mãe de Mar / sogra de Onda) </p>

	<p>“Embora nós também tivéssemos uma situação assim, um pouco peculiar, porque nós casamos, e um ano e pouco depois já fomos pra Bahia. Meu sogro e minha sogra vinham para cá, meu pai e minha mãe menos. Mas meu sogro vinha aqui, ia para a praia. Então, eu não tive problema. E eu me dava, particularmente, com meu sogro, me dava muito bem. A gente conversava, batia papo. Ele mesmo se chamava de calado, e era calado.”</p> <p>(CICLONE, pai de Mar / sogro de Onda)</p> <p>“Eu não posso me intrometer. A minha mãe nunca se intrometeu com a gente, né, e vivia todo mundo bem, se separasse, tava tudo bem, então, ela tem uma mãe que não se mete. Não ajudava muito, não, de ir para minha casa, mas, se eu precisasse deixar as meninas lá, eu deixava, e a ajuda era essa: eu deixava lá, às vezes deixava com babá, quando tinha. Era dureza de botar o dia todo na escola, porque eu trabalhava o dia todo. Mas, ninguém sentiu nada, nem meu pai, nem minha mãe, nunca me falou nada:</p> <p>‘ - Você está fazendo errado!’</p> <p>(CHUVA, mãe de Onda / sogra de Mar)</p>
--	---

A narrativa de Estrela, ao comparar o comportamento frio e distante de sua mãe com sua própria abordagem, mais calorosa, demonstra uma ruptura consciente de padrão, que Bowen chama de diferenciação do self (1989), em que ocorre um esforço para desenvolver uma postura emocional diversa da de sua família de origem.

A experiência de não se sentir compreendida como nora, levou Estrela à busca de um caminho diferente como sogra, influenciada, também, pelo exemplo positivo de seu pai como sogro. A sogra da sua outra filha, após observar a maneira com que Estrela de trata os genros, também ajustou seu comportamento com a nora (1ª filha de Estrela). A convivência prolongada e o modelo de trato respeitoso parecem ter contribuído para uma melhora nas relações. Toda essa constatação ilustra o quanto as pessoas tendem a reproduzir, por modelagem, os comportamentos que observaram em figuras parentais, ou em pessoas significativas, que, pela visão de

Bandura (1997), funcionam como modelos, mesmo que não estejam totalmente conscientes disso.

Considerando a Teoria da Aprendizagem Social (BANDURA, 1977), a exposição a modelos alternativos de comportamento pode levar à mudança de práticas familiares. Então, de forma lógica, pode-se considerar que a forma como os sogros se relacionam com as noras/genros reflete aquilo que foi modelado para eles por seus próprios pais ou sogros, a partir de um esforço de continuidade, ou transformação desses padrões.

Aurora, apesar de reconhecer as diferenças em sua postura atual, revelou, em suas palavras, uma reprodução de atitudes permissivas e de valorização da autonomia emocional que experimentou na relação com sua mãe, o que destaca uma continuidade de valores familiares. Tanto ela, quanto Ciclone, seu cônjuge, ressaltam as especificidades de seus contextos familiares, marcados pela distância física em relação às famílias de origem e pelo convívio limitado com os sogros. Essas experiências resultam em vínculos menos intensos, o que parece influenciar a maneira como desempenham o papel de sogros, com uma inclinação para respeitar limites e evitar interferências.

Nas falas de Céu fica clara a valorização do ambiente harmônico proporcionado por seus pais, a partir da postura deles como sogros, demonstrando como experiências positivas fortalecem ciclos intergeracionais saudáveis, a partir da intenção de repetição desses comportamentos, destacando o que Boszormenyi-Nagy e Spark (1983) definiram como lealdade intergeracional, a partir de um enfoque psicodinâmico das relações familiares. Assim, sustenta-se que a experiência emocional positiva ou negativa, com os sogros anteriores, pode criar padrões que moldam como uma pessoa trata as futuras gerações.

- **SOGROS/AVÓS:** Tendência a identificar repetições de padrões intergeracionais de avosidades: os avós que tiveram; os avós que seus pais foram para seus próprios filhos e os avós que são.

Apesar de nem todos os participantes da pesquisa terem lembrado suas relações com os próprios avós, considerou-se muito relevante o movimento espontâneo e extremamente emocionado de um dos participantes, em trazer memórias das suas

experiências como neto, enquanto algo oportuno e sugestivo de que, em estudos mais extensos, este conteúdo, certamente, aparecerá de forma emergente, como tendência.

Algumas abordagens teóricas das ciências humanas e sociais destacam a transmissão de valores, normas e comportamentos ao longo das gerações, e, pela vivência concomitante de muitos papéis, a avosidade não escapa de ser reproduzida por modelagem (BANDURA, 1977), baseada em experiências vividas com seus próprios avós e pais, influenciando suas práticas atuais como avô ou avó.

A repetição de padrões de avosidade é uma manifestação da dinâmica familiar intergeracional, onde modelos aprendidos influenciam comportamentos futuros, e os relatos de Vento ressaltam tanto a continuidade, quanto as transformações desses padrões, em função de novas realidades e relações.

Essa investigação comprova que, assim como “a forma de ser e estar sogro e sogra” se constrói com base em modelos aprendidos, alguém que observou avós participativos e cuidadosos tende a valorizar essas atitudes, adotando comportamentos parecidos, ao se tornar avô ou avó. E, por questões de Lealdade Familiar (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1983), a prática da avosidade reflete expectativas internalizadas de reciprocidade e continuidade familiar.

A lealdade intergeracional destaca o compromisso entre gerações. O pai de Vento, por exemplo, reflete sobre as diferenças entre o avô que seu pai foi para seus filhos e o avô que ele é para seus próprios netos, reconhecendo não ter tido condições de replicar o mesmo papel de suporte financeiro de seu pai, mas, ainda assim, tendo ele como modelo de cuidado e responsabilidade, compartilhando um legado de compromisso familiar. Esse relato exemplifica a adaptação de um padrão, em que a experiência de apoio econômico é valorizada, mas transformada de acordo com as suas possibilidades e o seu contexto pessoal.

	Repetições de padrões intergeracionais de avosidades
--	---

<p>CASO 1</p>	<p>“Aqui, eles ficam à vontade, aqui sobe o quarto da rua, abre a geladeira, pega o chocolate. E faz a bagunça boa aqui. E aí você vê que é coisa de criança, de infância, que as vezes você não precisa estar tolhendo. Dá uma liberdade [...] eu frequentava a casa do meu avô a vida toda. Minha mãe trabalhava e a gente ficava, ia pra escola de manhã e de tarde ficava lá. Eu tenho memórias maravilhosas da casa do meu avô. Era uma casa muito grande, com quintal, tinha um campo de futebol e várias frutas, como se fosse uma chácara. Então, temos memórias de [...] você criava passarinho, uma rua, me dava passarinho, a gente negociava passarinho, trocava, vendia, comprava. Naquela época, você criava passarinho, na gaiola, né? Trinta e tantos anos atrás. Ele gostava, ele vinha da zona rural, então, ele tinha esse hábito de criar passarinho. E a gente cresceu, praticamente, passava um turno em casa ou na escola. O turno seguinte é da casa dos meus heróis.”</p> <p>(VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p> <p>“Também não sou o avô que meu pai foi pros meus filhos, entendeu?</p> <p>Ele formou Sol e meu outro filho. Ele tinha plano de fazer Engenharia e ele ia montar uma empresa de engenharia com o neto, de concreto, etc. Então ele pagava, pagou a de Sol toda, e cinco anos da do meu 2º filho ele pagou, acho que três ou quatro anos, só pagou dois ou quatro anos, que foi quando ele faleceu, que aí eu comecei a pagar. Mas ele não deixava pagar a faculdade, ele tinha esse compromisso dele. A aposentadoria dele ele dividia com os netos.”</p> <p>(VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p> <p>“É que são diferentes, né? O pequenininho é mais melozinho, mais de abraçar, de beijar. Vicente, como já tá um rapazinho, ele tá naquela fase, assim,</p>
----------------------	--

	<p>interage na questão de assistir futebol junto, indo pra futebol, no Estádio. Algumas vezes já levei no estádio daqui e de Alagoinhas, e quando eles estão jogando, nas aulas de futebol, às vezes que eu posso, eu vou aqui, acompanhar ele.”</p> <p>(VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p>
--	--

A experiência positiva de infância com liberdade, que Vento vivenciou na casa de seus avós, reflete-se na maneira como ele permite que seus netos desfrutem de liberdade e "bagunça boa" em sua casa, explorando seu espaço de maneira descontraída e lúdica. A ênfase na criação de memórias afetivas, sem "tolher" as crianças, mostra a repetição de um padrão (BOWEN, 1989) que valoriza o prazer da convivência familiar e a exploração livre.

As falas de Vento demonstram como experiências vividas influenciam a construção de seu papel de avô, com base na continuidade e adaptações de certos padrões familiares. Cherlin (2010) defende que a modernização das relações familiares trouxe novos papéis para os avós, enfatizando o companheirismo, ao invés da autoridade. E, como bem ilustrado nesse estudo de caso, a prática de Vento em ajustar seu comportamento às preferências dos netos exemplifica a flexibilidade contemporânea no papel de avô e avó, evidenciando o caráter dinâmico e relacional da avosidade.

- GENROS/NORAS/FILHOS: Tendência a trazer aspectos da parentalidade dos seus pais

Em contrapartida, genros e noras mostraram-se confortáveis ao se colocarem diante da avosidade dos sogros, mas, sustentaram muitas de suas falas trazendo aspectos da parentalidade dos seus pais. O conforto em discutir a avosidade dos sogros indica um reconhecimento do papel importante desempenhado pelos sogros como avós, no apoio à parentalidade. Mas, quando tendem a usar a experiência parental vivida em suas próprias famílias de origem como referência para avaliar e moldar os comportamentos dos sogros, no papel de avós, denunciam, de forma inconsciente,

que, apesar de os reconhecerem como avós, ainda estão renegociando suas expectativas no novo arranjo familiar.

As representações internas de apego formadas na infância moldam as expectativas sobre as relações familiares. A teoria da vinculação (BOWLBY, 1969) propõe que os vínculos estabelecidos com os cuidadores primários na infância influenciam as relações ao longo da vida, incluindo os relacionamentos conjugais e com os sogros. Isso reforça a complexidade das relações intergeracionais e a influência duradoura das experiências da própria infância na vida adulta.

	Parentalidade dos pais
CASO 1	<p>“Meu pai é uma pessoa bem difícil de lidar. Você conheceu aí, ele é engraçado, é uma figura, né? Quem não convive todo dia não vai ver. Mas, meu pai é uma pessoa com uma personalidade bem difícil, assim. E meu pai tem essa característica mais de se meter. [...] Eu comentei, vou te dar um exemplo prático, que eu tenho vontade de fazer uma reforma aqui na minha casa. Então, ele internalizou isso, que ele vai fazer a reforma na minha casa. Entenda. Por um lado, eu fico: ‘- Meu Deus, que maravilha que eu tenho o privilégio de um pai que quer me ajudar a fazer a reforma na minha casa. Mas, eu sei que se ele for fazer a reforma na minha casa, ele vai dar pitaco [...]”</p> <p>(LUA, esposa de Sol / nora de Brisa e Vento, filha de Estrela e Céu)</p>

<p>CASO 2</p>	<p>“Acabou que, com essa vinda dos meus pais para cá, também, eu tinha sócios, e os sócios resolveram sair. Então, eu cobri a participação deles. Só que aí, eu precisava de pessoas de confiança. E aí você [...] não é do dia pra noite que você consegue pessoas pra trabalhar com dinheiro, com a parte de compras. Aí, tinha minha mãe e meu pai em casa, aposentados, sem fazer nada. Minha mãe, muito boa em controladoria, ela é financeira, ali, nos centavos, e meu pai é um vendedor, né? Gostava muito de conversar, de comprar. Trouxe os dois pra cá, meu sogro veio junto também nessa.”</p> <p>(MAR, marido de Onda / genro de Granizo e Chuva, filho de Aurora e Ciclone)</p> <p>“Meus pais são muito fechados. É aquela pessoa que eu digo, eles têm a chave lá de casa: ‘Pô, vamos lá ver seus netos, vá o dia que você quiser’. Mas, assim, se eles não forem convidados, não vão. Aí eu falei que se eles esperarem eu convidar, não vão nunca, porque eu chego em casa antes da noite. Então, não vão esperar eu te convidar, para ir lá em casa. Se quer ver seu neto, vai. Mas, eles, aí, têm que me convidar, tal.”</p> <p>(MAR, marido de Onda / genro de Granizo e Chuva, filho de Aurora e Ciclone)</p>
----------------------	---

As experiências de parentalidade que Mar e Lua tiveram com seus pais influenciam suas próprias expectativas e interações (CHERLIN; FURSTENBERG, 1985). Tanto Lua, quando confessa sua necessidade de proximidade, quanto Mar, quando preza por garantir o distanciamento emocional da sua família de origem, demonstram os padrões de interação moldados a partir das experiências com seus pais. Isso reflete os modelos internos de funcionamento, de ambos, que regulam o grau de busca por apoio desses pais, ou a conquista da autonomia em relação a eles.

A fala de Mar sobre os pais precisarem de convite para visitar os netos revela um padrão de apego que valoriza limites e autonomia, contrastando com as interações

mais abertas, promovidas pelos sogros de Mar. Essas comparações intergeracionais podem ser construtivas, permitindo um aprendizado adaptativo, mas também podem gerar conflitos ou frustrações quando os estilos parentais e de avosidade diferem significativamente.

Conforme a Teoria dos Sistemas Familiares (BERTALANFFY, 1976), o casamento é visto como um subsistema dentro do sistema maior da família de origem e os cônjuges trazem para a união suas experiências e padrões de interação herdados. O depoimento de Lua sobre as interações com o pai, por exemplo, evidencia a influência contínua da família de origem e a necessidade de negociação conjugal para gerenciar essas influências. A complexidade em equilibrar a gratidão pela ajuda, com a necessidade de autonomia dentro do casamento, destaca a ambivalência intergeracional, estudada por Lüscher e Pillemer (1998), que propõem uma perspectiva que reconhece a coexistência de sentimentos positivos e negativos nas relações entre pais e filhos adultos, e como isso afeta o espaço conjugal.

Outro aspecto importante, identificado nesse caso, foi a integração dos pais aposentados nos negócios do filho (Mar), demonstrando o que Vern L. Bengtson (2001) denomina de Solidariedade Intergeracional. A decisão de integrar os pais e o sogro nos negócios representa uma expressão de solidariedade, onde a confiança e as habilidades dos familiares são valorizadas, promovendo maior proximidade emocional. Através do apoio prático, e de valores compartilhados nas relações entre pais e filhos adultos, comprova-se o papel ativo que esses pais podem desempenhar, mesmo após a transição de seus papéis parentais tradicionais.

- GENROS/NORAS/FILHOS: Tendência em comentar sobre a interação do cônjuge com seus pais

Como se quisessem complementar informações para a pesquisa, os cônjuges, entrevistados separadamente acerca das suas relações com os sogros, incluíram, espontaneamente, aspectos da relação dos seus pares com seus próprios pais, como se não fosse suficiente o pesquisador entrevistá-los, e, precisassem, eles mesmos, validar como se dava essa interação, na tentativa de apresentar uma visão contextualizada e integrada das dinâmicas familiares.

A tendência em comentar sobre a interação do cônjuge com seus pais (sogros deles), reflete dinâmicas familiares em que diferentes papéis (filho, genro/nora e cônjuge) se cruzam. Afinal, a dinâmica relacional não se limita à díade conjugal: se expande, para incluir sogros, sogras e pais, reflexo da interconectividade desses subsistemas (BOWEN, 1978). Nas entrevistas, essa tendência explica como a relação entre gerações influencia o casamento, destacando desafios e estratégias de negociação.

A dependência excessiva do cônjuge em relação à sua própria família de origem, ou a dificuldade de estabelecer limites, podem causar conflitos, que são observados pelo par amoroso. Bowen (1978) considera que o nível de diferenciação de self do cônjuge influencia a qualidade da relação conjugal.

	Interação do cônjuge com seus pais
CASO 1	<p>“Ele sempre teve uma relação muito boa com meus pais, então eu acho que isso foi, assim, fundamental, porque eles apoiaram, né, desde o começo essa ideia, ele achou que profissionalmente para a gente iria ser melhor.”</p> <p>(LUA, esposa de Sol / nora de Brisa e Vento, filha de Estrela e Céu)</p>

CASO 2	<p>“A gente tem 20 anos juntos. A gente só... Foi um término mais ou menos. Que foi quando eu formei, na minha época de formatura.</p> <p>Um pouco antes de eu formar, eu dei uma pirada.</p> <p>Nesse período, a gente teve tempo de cada um, meio que no seu canto, e aí, ele ligava [...] ‘não, eu vou mudar, sua família é muito importante’. Era o que ele trazia; ‘-sua família é muito importante pra mim. Eu não vou conseguir ficar sem estar no seu ambiente de família’. Então, é uma coisa que pesa demais pra ele. O término em si, acho que, quanto à pessoa, qualquer um se vira, mas o que vai mais impactar pra ele, se algum dia a gente terminar, é a família. Entendeu? Que ele tem como família dele. Que é o que ele gostaria que a família fosse. Entendeu?”</p> <p>(ONDA, esposa de Mar / nora de Aurora e Ciclone, filha de Chuva e Granizo)</p>
---------------	---

Lua valoriza a harmonia e aceitação entre seu cônjuge e sua família de origem, destacando como o apoio dos pais foi fundamental para decisões profissionais e de vida. Este relato ressalta o papel da aprovação familiar como um fator de segurança e fortalecimento do vínculo conjugal, conforme discutido na teoria da solidariedade intergeracional (BENGTSON, 2001), que enfatiza a importância das relações entre as gerações dentro das famílias como fator crucial para a coesão social e o bem-estar dos indivíduos.

Um dos pontos mais interessantes dessa investigação foi a declaração de Onda sobre um período de separação entre ela e Mar, em que ele pôde expressar o significado e o lugar que a família de origem dela (família por afinidade dele) ocupava, emocionalmente, na vida dele. A importância, atribuída por Mar, à família dela como um modelo do que ele gostaria de ter, reflete os conceitos de identificação e idealização intergeracional, e oferece uma visão mais profunda sobre como a família de origem desempenha um papel simbólico na identidade conjugal do parceiro.

O apoio emocional, como o citado por Lua, e o apego simbólico de Mar à família de Onda, reforçam os laços intergeracionais que influenciam a estabilidade conjugal.

- GENROS/NORAS/FILHOS: Tendência a identificar padrões intergeracionais no ‘modo dos pais serem sogros’.

A tendência a identificar padrões intergeracionais no modo dos pais serem sogros aparece nas narrativas dos participantes da pesquisa como uma forma de reflexão sobre as experiências familiares passadas e sua influência nas atuais dinâmicas relacionais. Eles atribuíram significado aos comportamentos e interações que testemunharam entre seus pais e avós, e foram essas memórias que moldaram a maneira deles interpretarem os papéis de sogros e avós, e a possível repetição ou ruptura de comportamentos entre eles.

O papel das noras e dos genros na proximidade com os sogros/avós é determinante. Estudos comprovam que as noras são mais ativas em manter o contato com suas próprias famílias, do que os genros com as famílias de origem deles, e é isso que contribui para a centralidade das famílias maternas na vida dos netos.

	Padrões intergeracionais no ‘modo dos pais serem sogros’
CASO 1	<p>“Assisti algumas... algumas queixas aí... algumas... inclusive algumas brigas... alguns conflitos no relacionamento de meu pai e minha mãe... por causa da relação ruim dela com minha avó (paterna). Da intromissão de minha avó... teve um período em que minha avó ficou morando lá em casa... isso me marcou bastante... porque a relação de meu pai e minha mãe ficou péssima... nesse período em que minha avó morou lá... e... era péssimo... era... era bem complicado. Era bem... Era um ciúme, era uma coisa meio complexa.” (LUA, esposa de Sol / nora de Brisa e Vento, filha de Estrela e Céu)</p>

“A mãe de minha mãe era mais assim, também meio problemática, pelo que eu via, né? Assim, pessoa mais [...] minha visão. Assim, mais fria, mais [...] não sei definir muito bem minha avó, sabe? Mais assim, mais fria, mais difícil de lidar, mais meio ranzinza. Mas que com meu pai, ela meio que levava na brincadeira, ela meio que aquela coisa de... xingava, e meu pai levava na brincadeira, e mantinha aquela relação de tipo, você lá e eu aqui. Entendi. Tá, mas tá tudo bem, e mantinha aquela relação. E meu pai meio que levava na brincadeira, mas se davam.

(LUA, esposa de Sol / nora de Brisa e Vento,
filha de Estrela e Céu)

“Comparando com o meu avô, né, o pai da minha mãe, eu acho que são até bem parecidos. Eu acredito que meu avô é aquele sogro que não se metia muito, sabe, assim, na relação do outro. E meu pai é muito assim, meu pai não dá pitaco, não se mete na minha relação com o Lua. Já a minha mãe é completamente diferente. Eu acho que minha mãe é diferente, porque eu acho que minha avó interferia mais, assim, do que minha mãe interfere hoje, sabe?”

(SOL, marido de Lua / genro de Estrela e Céu,
filho de Brisa e Vento)

“A minha avó por parte de mãe, com certeza, até hoje ela se mete. Inclusive, assim, já tentou algumas vezes se interferir na minha relação com a Lua, mas aí a gente já chegou logo no início, já deu um basta e ficou por aí mesmo.”

(SOL, marido de Lua / genro de Estrela e Céu,
filho de Brisa e Vento)

“A minha avó, por parte de pai, não, eu acredito que ela não tenha sido uma sogra muito ruim, não, mas a minha avó materna acredito que ela [...] não sei, acho que também, assim, minha mãe

	<p>foi mãe muito mais nova do que eu fui pai, né? Então, eu acho que tinha uma questão também de necessidade, né? De ter minha avó, na verdade, tinha uma dependência maior, né? Do sogro e sogra, diferentemente da gente, né? Lógico que a gente ainda tem uma dependência, sempre tem, quando começa, principalmente, mas eu acho que menos.”</p> <p>(SOL, marido de Lua / genro de Estrela e Céu, filho de Brisa e Vento)</p>
<p>CASO 2</p>	<p>“Aí, depois, a gente entendeu. A mãe era brigada, a avó era brigada com a única irmã. Minha tia era brigada com a única irmã. Então, eles têm umas questões familiares, assim, sabe, meio loucas, e aí, é muito doido, porque, tipo, não existe mesmo pegar pelo braço para falar, entendeu [...]”</p> <p>(ONDA, esposa de Mar / nora de Aurora e Ciclone, filha de Chuva e Granizo)</p> <p>“Mas isso é normal, é natural. Pelo menos eu, por exemplo, eu tive de 0 a 10, entre vó paterna e vó materna, era 9 materna e 1 paterna. Eu ia para São Paulo, ficava com a minha avó, ia visitar a minha avó paterna, almoçava lá. Nunca dormia na casa da minha avó paterna. Olha que curiosidade. Muito bom. E eu só dormia na casa da minha avó materna. Minha avó materna e meu avô materno vinham para cá todo ano. Meus avós paternos nunca vieram para a Bahia.”</p> <p>(MAR, marido de Onda / genro de Granizo e Chuva, filho de Aurora e Ciclone)</p>

Lua relembra o impacto negativo da intromissão da avó paterna na relação dos pais, marcando sua percepção sobre como esses padrões de comportamento afetam o ambiente familiar. Sua experiência reforça a importância de limites claros na relação entre sogros e nora.

A percepção de Sol sobre o avô materno, que era discreto e evitava interferências, reflete o quanto isso foi interpretado pelo pai como um modelo positivo que ele compara com o comportamento do próprio pai. A diferença entre a avó materna intrometida e a postura mais reservada do avô paterno ilustra a diversidade de modelos dentro da mesma família.

Mar destaca a desigualdade que existia no seu convívio, como neto, com seus avós paternos e maternos. Ambas as famílias viviam geograficamente distantes do seu núcleo familiar, porém, afetivamente vinculadas de uma maneira bem diferenciada. Essa mesma desigualdade é sentida por Mar, na condição de pai, quando percebe que ele e Onda reproduziram esse padrão, proporcionando aos seus filhos um convívio muito maior com a família de Onda (materna), o que ele atribui como um movimento natural nas famílias, relacionando a questões culturais.

Algumas teorias sustentam essa percepção trazida por Mar, e aprofundam quanto às comparações sobre a convivência dos filhos com as famílias maternas e paternas e suas diferenças na experiência da avosidade.

A Teoria da Proximidade Materna, proposta por Cherlin e Furstenberg (1985), permanece como uma referência central nos estudos sobre avosidades e considera que as mães geralmente são as responsáveis por manter os laços familiares, organizando as interações sociais da família nuclear. Isso inclui o contato com os avós e gera uma constância maior da presença da família materna nas rotinas diárias dos filhos, tornando-os, naturalmente, mais próximos e mais íntimos.

A certeza biológica do vínculo entre mãe e seus filhos também é considerada por eles um fator que afeta a proximidade com os avós paternos, além da propensão, da família materna, em fornecer suporte emocional e cuidados diretos com os netos, que fortalece os laços afetivos e aumenta a frequência das interações.

As normas de gênero posicionam as mulheres como principais responsáveis pelo cuidado familiar e pela mediação das conexões entre gerações. Assim, as mães

facilitam o contato dos filhos com seus próprios pais, enquanto seus maridos têm menos envolvimento na gestão dessas relações (SZINOVACZ, 1998).

De forma geral, realmente ocorre uma maior convivência dos netos com a família materna, explicada por fatores estruturais (proximidade relacional gerida pelas mães), evolutivos (certeza genética) e culturais (normas de gênero), reforçando padrões que se mantêm consistentes nas diferentes gerações.

- SOGROS/AVÓS e GENROS/NORAS/FILHOS: Tendência a comparar as avosidades (avós maternos/paternos)

Na coleta de dados sobre avosidade, de forma recorrente, os participantes dessa pesquisa tendiam a comparar as experiências e os comportamentos dos avós maternos e paternos. Todos os genros/noras/filhos, e todos os sogros/avós, ao tratarem sobre avosidade, em alguns momentos das entrevistas, mesmo que, na maioria das vezes, de forma bem sutil, proferiram comparações quanto a sua forma de ser avô ou avó e a forma com que os sogros de seus filhos atuam como avós (no caso do par de sogros/avós), ou quanto a maneira de seus pais e seus sogros manifestarem suas avosidades (no caso do par conjugal genro/nora/filhos).

A tendência à comparação de avosidades é um fenômeno multifacetado, que reflete dinâmicas complexas nas relações familiares, influenciado por questões de proximidade emocional, divisão de papéis afetivos e normas culturais. As comparações podem surgir em termos de frequência de interação, demonstração de afeto, suporte financeiro e nível de envolvimento prático na vida dos netos, demonstrando que os papéis desempenhados pelos avós variam. Isso contribui para dinâmicas complexas e, muitas vezes, competitivas, nas relações familiares, influenciando o relacionamento com os netos.

A comparação destaca o papel central da avosidade na construção das memórias e se manifesta através de diferentes estilos, ocorrendo sempre quando há uma percepção de que o envolvimento de uma parte da família é maior ou mais significativo

do que o da outra, gerando tensões ou favoritismo, influenciando os vínculos e moldando experiências intergeracionais.

As avós, sejam maternas ou paternas, geralmente assumem um papel mais próximo e afetivo, associado à socialização de gênero, que incentiva o cuidado e a conexão emocional. Os avós, geralmente são lembrados como referência de suporte, ética no trabalho, e para atividades de lazer compartilhadas, tendo, geralmente, estilos de envolvimento diferentes das avós.

O conceito de lealdade familiar (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1983) explica como os filhos percebem e avaliam a contribuição dos seus pais ou sogros/avós em termos de apoio emocional e material, mas, de acordo com a Teoria da Proximidade Materna (CHERLIN; FURSTENBERG, 1985), os avós maternos geralmente mantêm uma relação mais próxima e de participação ativa na vida dos netos, o que é compreendido pelo conceito de privilégio relacional materno, que relaciona o acesso às crianças como algo facilitado pela proximidade natural com a mãe.

Além disso, nas culturas ocidentais, há uma tendência dos avós maternos serem mais valorizados, enquanto a relação com os avós paternos tende a ser mais formal ou distante. A preferência pela família da mãe é explicada pela matrilinearidade, um padrão observado mesmo em sociedades onde a patrilinearidade é a regra formal.

SOGROS/AVÓS	Comparação de avosidades
--------------------	---------------------------------

<p>CASO 1</p>	<p>“Todas as vezes que eles vão para Salvador, eles vão para casa de Estrela e Céu (avós maternos). A gente nunca pediu pra vir pra nossa casa. A gente não disputa nada. Nunca percebi a gente disputando nada.” (BRISA, mãe de Sol / sogra de Lua)</p> <p>“Como eu tenho mais tempo aqui, o outro avô também tá vindo agora, comprou uma casa aqui e ele talvez dispute, viu, ele comprou até uma casa aqui em Alagoinhas pra não ficar por baixo, então, ele vem, acho que quinta, passa quinta e sexta-feira aqui, às vezes, e um ou dois fins de semana no mês, mais ou menos, que ela (a nora) vai a Salvador, que Sol trabalha em Camaçari, mas nunca tive essa atuação, você deve ter que ver com o avô que vive longe, eu acho que, por parte dele, deve ter essa disputa.” (VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p> <p>“Eu acho até que a aquisição da casa aqui foi uma demonstração disso, né? Mas a gente fala abertamente que a questão de morar aqui, para ter uma qualidade de vida melhor, que, em Salvador, você sai de manhã, chega de noite. É uma vida mais corrida. Vindo pro interior, já tá aqui perto, atendendo. Sim. Acho que talvez, não sei, inconscientemente talvez seja isso também, né? Lá eles têm um neto, aqui eles têm dois. Lá eles têm essa dificuldade de relacionamento com o pai do menino.” (VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p> <p>“Eu acho que é muito mais. O Vicente e o Artur viajam, dormem muito na casa deles. Quando eles estão aqui mesmo, eles adoram ir pra casa deles. A casa deles é muito próxima da de cá. Ele comprou a casa pros meninos no próprio condomínio. Então o menino dorme lá na cama dele.”</p>
----------------------	---

	<p>(VENTO, pai de Sol / sogro de Lua)</p> <p>“Quando a gente viaja, viaja todo mundo junto, está todo mundo junto. Agora, por exemplo, quando a gente chega lá em Alagoinhas, eles já me esperam com a mochilinha na mão. Quando eu paro na porta da casa, eles já entram no carro e se mudam para a minha casa.</p> <p>Dormem com o vovô e vovô só. Isso é maravilhoso. É colchão no chão. É aquela farra que a gente faz! É que a cama não dá para todos, então, a gente bota colchão no chão e faz aquela farra! E é assim, todos os dias que a gente está lá.”</p> <p>(ESTRELA, mãe de Lua / sogra de Sol)</p>
<p>CASO 2</p>	<p>“Os meninos ganham coisa todos os dias, entendeu? Eles têm tanta coisa aqui, tem coisa que nunca nem brincou... mas, se eu for lá, eles vão brincar comigo [...] Eles brincam comigo normalmente, como se eu tivesse estado lá ontem.”</p> <p>(AURORA, esposa de Ciclone / sogra de Onda, mãe de Mar)</p> <p>“Eu não tenho essa disputa, eu acho que é besteira, porque eu acho assim, eu sou da opinião que a gente não deve dar tudo que a criança pede, e não encher a criança de coisa. Então, o que eu faço hoje? Hoje, eu compro um livrinho para cada um. Com caneta para eles brincarem. Eu não vou competir com brinquedo, até porque não tem como. Se um avô dá um carro motorizado, eu vou dar o quê?”</p> <p>(AURORA, esposa de Ciclone / sogra de Onda, mãe de Mar)</p>

<p>GENROS/ NORAS/ FILHOS</p>	<p>Comparação de avosidades</p>
---	--

<p>CASO 1</p>	<p>“É uma brincadeira, é diferente, né? Eles, por terem meninas, eu acho que eles são mais cuidadosos. Mas, assim, com relação à preocupação, eu fico tranquilo com um ou com o outro. Ainda bem que é meu pai que é o mais... Porque como eu falei, eu falo com você, eu brinco assim, eu sobrevivi, meu irmão sobreviveu, os meninos da gente vão sobreviver. Aí eu brinco com ela (esposa), né? E já o outro lado, não, o pai e a mãe dela é mais cuidadoso: pode fazer isso, não pode fazer aquilo, tem medo de machucar, tem medo de cair e tal.”</p> <p>(SOL, marido de Lua / genro de Estrela e Céu, filho de Brisa e Vento)</p>
<p>CASO 2</p>	<p>‘Que bom que tem meus pais comigo, porque, várias vezes, final de semana, às vezes, tá todo mundo junto, mas é eles que não vão, porque ela (a sogra) não quer se misturar. E meu tio (sogro) fala: ‘-Ah, pra mim você sabe que eu topo tudo’. Eles precisam de um convite. Eles falaram abertamente. Eles precisam. Aí, eu digo assim, pra Mar: ‘- Você já reparou que as pessoas brotam aqui em casa e seus pais nunca? Aí ele caminha, e fala: ‘Se for depender de convite, eles nunca vão ter. Porque eu já dei total liberdade, os dois têm a chave da minha casa, e eles têm total liberdade para entrar aqui a hora que quiser, obviamente, informando, né, tô indo e tal, não tem problema nenhum, mas, assim, a forma que eles ficam presentes, hoje, já é aceita: quando a gente precisa, tipo, hoje, eu tenho aula até tarde, geralmente, eu peço a minha mãe, e ela (sogra) é minha segunda opção, entendeu? Minha irmã mais velha e minha mãe são as primeiras, e minha tia (sogra) é minha segunda opção. Quando minha mãe vai sair, eu vou viajar, não tenho o que fazer, eu jogo pra eles. E como avó, ela (sogra) é ótima, brinca com ele, interage, meu tio que não tem muito tato, ele liga a televisão, fica lá e gosta de ficar vendo eles brincar, e fica filmando o tempo inteiro [...]’”</p>

(ONDA, esposa de Mar / nora de Aurora e Ciclone,
filha de Chuva e Granizo)

“O que meu pai mais fala é como estão as crianças? Dois anos que eu não vejo. Aí eu falo pro meu pai: ‘- Pega seu carro agora e vai lá pra ver eles, que estão lá em casa. Pega e vai lá, agora’; ‘- Ah, mas não é assim?’; ‘- É assim, você tem chave lá de casa’. Eu fico esperando, mas eles têm uma formalidade. ‘- Ele tem que me chamar’; ‘Você não é vizinho, que está lá em casa, não, porque você é avô.’; eles estão todos os dias, os moleques estão a tarde toda em casa, praticamente. Todo dia. A não ser quando têm natação, eles podem sair daqui meio dia e ficar a tarde toda com eles. Não vai. E aí, não vai, e não tem nada a ver com família. Só não sei se eles têm esse pensamento.”

(MAR, marido de Onda / genro de Granizo e Chuva,
filho de Aurora e Ciclone)

“Estão os quatro aqui, chegam os moleques, cumprimentam igual. Chegam os avós juntos, ele vai ficar acanhado, do mesmo jeito, não vai pro colo de um e não vai pro outro. Aí quando você fala dos dois, eu sempre observei muito isso, sempre observo isso, que é igual, chegam os dois avós juntos numa situação, ele abraça os dois, beija os dois, não é um negócio tipo de... Eu não sei o que falar com o outro. O que nunca aconteceu. Inclusive, quando eu falo lá, quando ele está indo para a escola: ‘- Ah, eu quero ir para a casa de vovó’; ‘Qual é a vovó?’; Aí, ele fala: ‘-Vovó Tereza’; ‘-Ah, você quer ir para a casa de vovó Tereza?’ Aí, eu gravo, mostro lá. Aí ela fica babando! ‘- Mesmo indo com menos frequência, aí, oh, eles gostam de mim’.”

(MAR, marido de Onda / genro de Granizo e Chuva,
filho de Aurora e Ciclone)

As falas dos participantes envolveram alguns pontos frequentes de comparação: o estilo de afeto de cada casal de avô, materno e paterno, que, em cada caso, foi visto como mais carinhoso, ou mais reservado; o tempo de convivência, em que avaliavam a frequência dos netos nas casas dos avós, considerando a conveniência geográfica ou a afinidade emocional, e, o nível de apoio financeiro também foi citado, ilustrando a participação deles em momentos importantes, como nos negócios da família e na educação dos netos.

A comparação de avosidades pode ser entendida como uma forma de comparação social, em que os avós, paternalmente e maternalmente ligados, se avaliam mutuamente. Apesar da tendência à comparação, a declaração de ausência de disputa, por todos os participantes da pesquisa, pode ser interpretada como uma escolha consciente de evitar rivalidade, mantendo o foco no bem-estar dos netos. Essa negação de disputas reflete um padrão comportamental de não confrontação, sugerindo que a comparação pode ser percebida mesmo quando não é verbalizada ou quando não é intencional.

Neste estudo, foi interessante encontrar 4 (quatro) avós que não provêm seus netos, nem tentam conquistá-los com bens materiais para garantir preferência afetiva, ou barganhar com seus filhos/noras/genros a intromissão na educação das crianças. Esse aspecto é comum aparecer em investigações acerca das avosidades (NEVES, 2015; 2020a).

Mas, como Bengtson (2001) sustenta a proximidade geográfica como uma estratégia para reforçar laços, simbolizando a disputa por maior envolvimento com os netos, ainda que implícita (Territorialidade Afetiva), pode-se considerar que a família paterna do caso 1 investiu na compra de uma casa próxima a dos netos para equilibrar o acesso ao convívio com eles, como forma de garantir um envolvimento privilegiado, ainda que inconsciente.

A descrição de momentos de diversão e descontração, observados em ambos os casos estudados, aponta para um estilo de avosidade marcado pela permissividade e pelo afeto: um tipo de relação em que prevalecem a liberdade e a criação de memórias agradáveis. A disposição das crianças em visitar a casa dos avós maternos, mencionada nos dois casos, sugere um forte laço emocional, algo frequentemente

ligado à proximidade afetiva e à maior frequência no convívio. A preferência dos netos por passar mais tempo com determinados avós tem relação direta com a qualidade do vínculo afetivo e com o estilo de avosidade adotado. Avós que proporcionam um ambiente permissivo e divertido tendem a ser mais atraentes para as crianças, o que reforça uma percepção de comparação, especialmente quando outros avós adotam abordagens mais rígidas ou mantêm um relacionamento mais distante.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar que a relação com os sogros é uma relação vitalícia, e que, juridicamente considerando, sogros são parentes por afinidade com vínculo permanente, é um das justificativas que mantém a autora desta pesquisa, e sua supervisora, estimuladas a 're-conhecerem' esta temática, investigando a condução dessas relações no mundo contemporâneo. Há uma combinação de maior liberdade individual, mudanças culturais e busca por um equilíbrio mais saudável e igualitário nas famílias, moldando essas relações, com destaque para uma maior equidade entre os cônjuges, que tem impactado as dinâmicas entre sogros, genros, noras e outros membros das famílias. Mas, então, por que ainda existem tantos mitos e crenças quanto ao exercício desses papéis sociais?

Na verdade, ao longo de 13 anos dedicados ao estudo das novas interações com sogros, e testemunhando, pela atuação clínica com casais e famílias, a ressignificação dessas experiências e as transformações dessas relações no papel de avô e avó, foi possível diagnosticar que novas interações emocionais surgiram, principalmente moldando novas formas de estar na conjugalidade e nas famílias. Esses vínculos variam amplamente, dependendo de fatores como a dinâmica familiar, a classe social, a geração e o contexto regional, e, por isso, talvez ainda seja preciso mais alguns anos de interação social à luz desses novos aspectos, para que fique, aos olhos da sociedade, mais claro esse novo panorama, e, assim, não faça mais sentido algum perpetuar esses papéis como personagens principais de diversas anedotas familiares, socialmente compartilhadas.

As relações entre sogros e genros/noras, no Brasil contemporâneo, são marcadas por uma flutuação entre proximidades e tensões, influenciadas por transformações sociais e pela persistência de laços familiares fortes em muitas culturas regionais do país. Embora ainda existam desafios relacionados a diferenças geracionais, valores culturais e interferências, há um movimento crescente em direção a um relacionamento mais colaborativo, respeitoso e adaptável, com uma intenção de flexibilidade nas expectativas e papéis, comunicação mais direta e respeito às escolhas individuais, fundamentais para superar as dificuldades, criando laços mais sólidos e contribuindo para que essas relações se adaptem ao contexto moderno, com suas novas configurações conjugais e familiares.

As expectativas de comportamento entre sogros e noras/genros são, em parte, definidas por normas culturais, que podem reforçar papéis tradicionais, influenciando o modo como essas relações são conduzidas. Em contextos modernos, a crescente valorização da autonomia e independência nas relações conjugais altera o papel dos sogros. Os relatos dos participantes revelam uma dinâmica complexa, em que padrões intergeracionais são, simultaneamente, reproduzidos e transformados. A continuidade tende a se manifestar em aspectos valorizados, como o apoio e o respeito à autonomia, enquanto rupturas ocorrem em áreas, associadas a experiências negativas, como frieza ou controle excessivo dos sogros/avós.

O conceito de "não intromissão", presente nas falas de Chuva (mãe de Onda) e Aurora (mãe de Mar), reflete as novas expectativas culturais em relação aos limites de interferência nas decisões do casal. Cherlin (2010) observa que mudanças nos padrões de estrutura familiar, como maior mobilidade geográfica e menor dependência financeira, influenciam essas novas configurações de relacionamento.

No caso 2 deste estudo, Mar comenta sobre a relutância de seus pais em visitar os netos sem convite, evidenciando uma dinâmica de distância emocional versus autonomia. Essa atitude revela como alguns pais mantêm limites claros em suas interações com os filhos adultos, influenciados por valores culturais e pessoais.

Os sogros "não são mais os mesmos", como comprovado no estudo doutoral de Neves (2015), ao abordar que sogras e sogros dessa nova geração estão no mercado de trabalho, e, por isso, não reproduzem com a mesma constância e carga o estereótipo

sobre esses papéis. Mas, a grande descoberta é que os casais de filhos/genros/noras dessa geração também não sustentam mais as crenças passadas acerca dos sogros, por compreenderem que, em nome da qualidade das relações, também modificaram suas formas ‘de ser e estar sogros’, dando contornos a uma relação menos hierárquica e mais democrática, na condição de avós.

Num contexto de contração geracional, em que as pessoas estão tendo cada vez menos filhos, e, assim, menor é a presença de primos, concomitante à expansão intergeracional, em que, por uma questão de longevidade humana, ocorre o convívio entre múltiplas gerações (bisavós, avós, pais e netos), um dos achados dessa pesquisa desenvolvida por Neves (2021 - 2025) é a democratização das relações entre as famílias materna e paterna, na intenção de um equilíbrio de lealdades desses atores sociais com suas famílias, no esforço de transmitirem a sensação de que, em torno das avosidades, “somos todos um só”, incluindo o parentesco por afinidade como membros das suas próprias famílias de origem.

No caso 1 desta investigação, tem-se um bom por exemplo: “- *Nossa relação, a minha e o meu marido, com os pais dela, é a relação de irmãos*” (Brisa, a sogra do caso 1), mesmo conscientes das diferenças que existem entre eles: “*somos muito diferentes que a família de lá, é sistemática. Aí a família de cá é família que não tem horário, que marca sete e trinta e sai oito horas e oito e meia. A de lá, se você marcar sete e trinta, é sete e trinta....se ela marcou oito, não pode ser oito e trinta.*” (Brisa, a sogra do caso 1), como se esses sogros fizessem um movimento de inclusão, para que tudo possa caber.

Ao frisarem a consideração pelas duas famílias, a intenção dos casais de filhos apresenta-se como uma maneira inteligente de preservar e fortalecer o que Neves (2015) já havia citado acerca do absoluto do casal (CAILLÉ, 1991), como forma de garantir a família nuclear e a parentalidade sobre os filhos, diante das interferências dos sogros. Esse modelo único de ser casal, encontrado em cada par conjugal estudado, é o que sustenta a definição da existência conjugal deles, e, assim, garante o estabelecimento de alguns limites e o maior êxito quanto à diminuição das intromissões dos pais/sogros/avós na vida conjugal deles.

O absoluto é uma síntese, plena de significado, das diferenças entre duas pessoas. Se essa síntese lhes faltar, essas duas pessoas serão continuamente confrontadas com o fato de terem de viver inexoravelmente

como estranhas [...] fator essencial para que um casal sobreviva é o sentimento de conter esse terceiro, consciência de uma síntese operante. Esse fator supera qualquer dificuldade de relacionamento. Por outro lado, todos os elementos problemáticos de uma relação serão apontados como justificativa de fracasso quando o absoluto do casal enfraquecer ou desaparecer (CAILLÉ, 1991: p. 103).

Interessante ter encontrado este como um movimento natural constatado por cada ator social investigado (sogro, sogra, genro e nora): desejo de comprovar viverem harmoniosamente, como se fossem, todos, uma família só. Um movimento inconsciente para, talvez, impedir que houvesse, por parte dos filhos/genro/nora preferências entre eles.

Os relatos mostram que, para muitos dos pais entrevistados, a relação com os filhos ainda ocupa o centro das dinâmicas familiares, e isso se estende ao modo como eles veem e interagem com os parceiros de seus filhos. A tendência que aparece nas falas dos sogros reflete uma forte conexão emocional e psicológica com os filhos, que influencia diretamente as relações com os genros e noras.

A interdependência entre a identidade conjugal e as relações familiares mais amplas sugere que a dinâmica dos sogros/noras/genros é, muitas vezes, moldada pelas experiências e expectativas sobre os filhos. Portanto, os genros e noras se tornam, de certa forma, uma extensão dos filhos, e sua integração à família é mediada pela relação existente entre o pai/mãe e o filho. Da mesma forma, a presença dos filhos (cônjuges) pode afetar as percepções das noras/genros sobre os sogros e sogras, ao mesmo tempo em que reconhecem a nova identidade de avós.

Então, em que medida os papéis tradicionais estão sendo desafiados por novos modelos de relação sogro-genro/nora? Será interessante que novas investigações surjam, em torno de verificar se essa interdependência é mais forte nos primeiros anos após o nascimento dos netos, ou se há uma adaptação ao longo do tempo, quando os avós começam a desenvolver relações mais independentes com seus genros e noras. Isso pode agregar profundidade na compreensão de como a chegada dos netos altera a dinâmica de forma mais ampla.

Neste estudo, a chegada dos netos teve um impacto positivo em ambas as famílias. As relações se tornaram mais próximas e colaborativas, com um aumento significativo na comunicação e no apoio mútuo. No entanto, é interessante notar que, enquanto a

Família 1 vivenciou uma aproximação mais rápida e evidente, com uma troca mais fluida de cuidados e sentimentos, a Família 2 experimentou uma transição um pouco mais gradual, com uma maior reflexão sobre as diferenças no modo de criar os filhos.

No contexto contemporâneo, relações de poder e os laços afetivos se estruturam, intergeracionalmente, dentro das famílias, como um processo dinâmico, mediado por memórias afetivas, papéis sociais, internalização de modelos familiares e as necessidades únicas de cada neto, construindo uma prática de avosidade enraizada no passado, mas flexível para o presente.

Os padrões identificados evidenciam como as representações parentais moldam a maneira que os indivíduos percebem e avaliam os papéis de avós desempenhados pelos sogros. Esse processo demonstra a continuidade e, às vezes, a ruptura de normas e valores familiares, reforçando a natureza dinâmica e adaptativa das relações intergeracionais e a influência duradoura das experiências da própria infância na vida adulta.

As muitas tendências, apresentadas aqui, representam um movimento natural de genros e noras trazerem à tona aspectos da parentalidade de seus próprios pais, ao se posicionarem em contextos que envolvem tanto seus sogros, quanto sua vida conjugal e familiar, refletindo a interseção que existe entre as relações intergeracionais e os papéis parentais.

Um depoimento importante, de Estrela, mãe de Lua e sogra de Sol (caso 1) ilustra como os indivíduos, ao lidarem com seus sogros e construir suas próprias famílias, frequentemente recorrem às experiências de seus pais para compreender e organizar suas próprias práticas familiares. Estrela se refere a uma comparação que ela própria faz ao assistir a maneira dos seus 2 (dois) genros se comportarem na relação conjugal e familiar. Sol é marido da sua filha caçula (Lua), e, sua filha primogênita também é casada, com um rapaz cujos pais passaram pela experiência de um divórcio. Na sua fala, Estrela confessa o quanto esse genro se esforça para manter-se bastante tolerante a algumas questões familiares conflituosas, como se a prioridade dele seja construir e manter uma família como a que não obteve:

“Não tenha dúvida que desestrutura uma família. As relações podem estar muito modernas, de todo mundo aceitar que hoje em dia tem vários filhos, filhos de uma família, filhos de outra família, todo mundo junto. Mas não tenha dúvida que os princípios básicos são afetados pela questão da separação. Então ela está no terceiro casamento. Isso mesmo. Foi filho, foi o filho do primeiro casamento. E ele tem traumas até hoje. Ele tem traumas, entendeu? Ele tenta, ele quer viver casado. Ele quer superar aquilo que ele viveu. São traumas. Entende? Sim. Então, ele quis sair daquele padrão que ele teve de sofrimento, de família destruída, do pai que sofreu muito quando a mãe quis largar ele. E ele ficou ligado ao pai até hoje. Então, até hoje, ele tem um certo atrito com a mãe.”

Essa fala ilustra o quanto esse processo de comparação e internalização não só influencia a forma como interagem com os sogros, mas também molda os valores, limites e expectativas que trazem para as suas relações familiares e conjugais. Em contextos de divórcio, a guarda dos filhos, ainda na contemporaneidade, tradicionalmente, na maioria dos casos, permanece com as mães, ainda que as responsabilidades sejam compartilhadas, o que reforça a continuidade dos laços maternos e o contato com os avós paternos diminui significativamente, enquanto o vínculo com os avós maternos é mais preservado.

Em estudos conduzidos por Furstenberg e Cherlin (1991) com avós e netos em condições de divórcios, os resultados apontaram que apenas 47% dos avós maternos foram descritos como muito próximos dos netos, em contrapartida aos 29% dos avós paternos que também receberam esta mesma descrição. O restante pesquisado entrou em outras categorias. Conforme sugere a Teoria da Proximidade Materna e Paterna (CHERLIN; FURSTENBERG, 1985), já apresentada anteriormente, o papel emocional desempenhado por avós maternos é mais ativo, enquanto o envolvimento dos avós paternos é mais frequentemente limitado a papéis secundários ou provisórios, o que tendência as relações entre avós maternos e netos serem mais próximas que a relação com os avós paternos.

Com esse entendimento, justifica-se a coerência de uma pessoa que já vivenciou o divórcio dos pais desenvolver uma intenção reforçada em manter seu vínculo conjugal, como forma de evitar o desequilíbrio do envolvimento dos filhos com as duas

famílias, numa possível recorrência da experiência de dissolução conjugal que tenha vivido na infância, como acontece com o genro de Estrela, citado acima.

Mas, assim como ocorre com as experiências de comparações entre avosidades, é preciso se ater que a percepção dessas outras comparações (entre genros, por exemplo, como procedeu com Estrela) também sofre a interferência de normas culturais, projeções de expectativas e de conteúdos de memórias pessoais de quem as faz.

De forma geral, os resultados dessa investigação apontaram para o fato de que, antes da avosidade, a interação entre os sogros e genros/noras tendeu a ser mais limitada e estruturada em torno de normas e expectativas sociais ou culturais, ao invés de ser baseada em uma troca emocional significativa. Isso ajuda a explicar a percepção de certa rigidez nas relações descritas nas entrevistas antes da avosidade.

Depois da avosidade, fica claro que ocorreram mudanças positivas na qualidade das interações, já que o nascimento dos netos cria oportunidade para os sogros e os genros/noras compartilharem a experiência do cuidado das crianças. Isso facilita uma maior conexão emocional, como visto nas respostas das famílias entrevistadas, em que o apoio na criação dos filhos foi um fator significativo para o fortalecimento dos laços familiares.

A comparação dos resultados das duas famílias está alinhada com as teorias sobre as dinâmicas familiares intergeracionais e os papéis familiares. A chegada dos netos funcionou como um fator de transformação, reconfigurando os papéis dos sogros e promovendo uma maior aproximação com os genros/noras. A mudança observada nas relações pode ser explicada por processos de adaptação sistêmica e pela intensificação do apoio mútuo no contexto do cuidado intergeracional.

Esses achados são consistentes com as pesquisas existentes sobre avosidade e o impacto da chegada dos netos nas relações familiares, e, embora não se trate de um estudo generalizável, diante das dinâmicas de competição, comparação, colaboração e transmissão de padrões de comportamento e valores, identificadas com ele, podemos sugerir eixos interpretativos, através dos quais ocorrem variações, para serem aprofundados e ampliados em futuros estudos sobre as interações

pais/sogros/avós – filhos/genros/noras – netos: 1) Propensão a discutir sobre vínculos parentais, ao tratar da avosidade; 2) Identificação de padrões de repetição no modo de serem sogros; 3) Identificação de padrões intergeracionais de avosidades (avós que tiveram / avós que seus pais foram / avós que são); 4) Comparação de avosidades (materno/paterno; distanciamento/proximidade).

REFERÊNCIAS

ABOIM, S. **Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal**. Actas dos ateliers do V Congresso de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: reflexividade e ação. Minho, Portugal, p. 146-155. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

ANDERSON, Stephen; SABATELLI, Ronald. **Family Interaction: A Multigenerational Developmental Perspective**. Boston: Pearson, 2011.

ARPINO, Bruno; BORDONE, Valeria. Does grandparenting pay off? The effect of child care on grandparents' cognitive functioning. **Journal of Marriage and Family**, v. 76, n. 2, p. 337-351, 2014.

AZAMBUJA, R. M. M. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. 2016. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2016.

BANDURA, Albert. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1977.

BELSKY, Jay. The effects of infant day care reconsidered. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 1, n. 3, p. 235-272, 1984.

BENGTSON, Vern L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, v. 63, n. 1, p. 1-16, 2001. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2001.00001.x.

BENGTSON, V. L.; BIBLARZ; T. J.; ROBERTS, R. E. L. **How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations**. Cambridge University Press, 2002.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria general de los sistemas**. Madrid: Fondo de Cultura Econômica, 1976.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista Maria João Alvarez. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOWEN, Murray. **Family therapy and clinical practice**. New York, Jason Aronson, 1978.

BOWEN, M. **La terapia familiar em la pratica clínica**. Espanha: Editorial Adesclee de Brouwer, S. A., 1989.

BOWLBY, John. *Apego e Perda: Volume I. Apego*. Nova York: Basic Books, 1969.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan e SPARK, Geraldine M. **Lealdades invisibles**. Buenos Aires, Amorrortu, 1983.

CAILLÉ, P. **Um e um são três: o casal se auto-revela**. São Paulo: Summus, 1991.

CAMARANO, A. A.; EL GHAOURI, S.K. Famílias com idosos: ninhos vazios? **Texto para discussão n. 95**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 1-20, 2003.

CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução de Maria Alice de Sampaio Veronese. 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CHERLIN, Andrew J.; FURSTENBERG Jr., Frank F. Styles and strategies of grandparenting. **Contemporary Sociology**, v. 14, n. 5, p. 595-604, 1985.

CHERLIN, Andrew J. *The Marriage-Go-Round: The State of Marriage and the Family in America Today*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 2009.

CHERLIN, Andrew J. Demographic trends in the United States: A review of research in the 2000s. **Journal of Marriage and Family**, v. 72, n. 3, p. 403–419, 2010.

COLOGNESE, S.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, n. 9, p. 143-159, 1998.

COUTINHO, C.; CHAVES, J. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 1, p. 221-244, 2002.

COUtrim, R. M. E.; FIGUEIREDO, A. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, J. A. *As relações intergeracionais: o processo coeducativo entre avós e netos na interface com a escola*. (e-book). In: SOARES, A. C. N. (Org.). **Encontro de pesquisas sobre famílias**. 1 ed. Franca: UNESP, 2012, v. 1, p. 1-10.

DIAS, Cristina. M. S. B. **Pais são para criar e avós para estragar: Será. Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**, p. 67-72, 2008.

DIAS, C. M. S. B. A literatura brasileira sobre avós na atualidade: as diversas facetas do cuidar. In: BASTOS, A.C.S. et al., **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 465-482.

FALCÃO, Deusivania. V. S. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In N. B. Makilin; L. T. Maycoln (Orgs.). **Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção** (pp. 100-111). Porto Alegre: Artmed.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FINGERMAN, K. L., SECHRIST, J.; BIRDITT, K. S. (2011). Changing views on intergenerational ties. *Gerontology*, 57(2), 119–128. <https://doi.org/10.1159/000322637> Acesso em 20 de dezembro de 2024.

FINGERMAN, K. L., PILLEMER, K., SILVERSTEIN, M.; SUITOR, J. J. The baby boomers' intergenerational relationships. *The Gerontologist*, 52(2), 199-209, 2012.

FURSTENBERG Jr., Frank F.; CHERLIN, Andrew J. **Divided Families: What Happens to Children When Parents Part**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

GOLDFARB, Delia.C. & Lopes, Ruth. G. C. Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**: 1374-82. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

HAGESTAD, Gunhild O.; BENGTSON, Vern L.; ROBERTSON, Joan F. **Grandparenthood**. 1985.

LINCOLN, Yonna S.; GUBA, Ego G. (1985). **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills, Sage Publi.

LINTON, R. **The Study of Man**: An Introduction. New York: D. Appleton-Century, 1936.

LÜSCHER, Kurt; PILLEMER, Karl. Intergenerational ambivalence: a new approach to the study of parent-child relations in later life. *Journal of Marriage and Family*, v. 60, n. 2, p. 413-425, 1998. DOI: 10.2307/353858.

NEVES, S. D. **O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros**. Tese (Doutorado). Superintendência de Pesquisa e Pós- Graduação da Universidade Católica do Salvador. Salvador: BA. 2015.

NEVES, S. D.; RABINOVICH, E. P. As relações familiares entre o casal contemporâneo e os sogros. In: MOREIRA, L. V. C. (Org.). **Relações Familiares**, v. 2, Coleção Estudos sobre família. Curitiba: CRV, 2016.

NEVES, S. D.; RABINOVICH, E. P. Quando os sogros viram avós: pensando o envelhecimento nas relações familiares entre o casal contemporâneo e os sogros. In: RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; BRITO, E.; FERREIRA, M. M. (Org.). **Envelhecimento e intergeracionalidade**: olhares interdisciplinares, v. 2, Coleção Família e desenvolvimento humano. Curitiba: CRV, 2019.

NEVES, S. D.; RABINOVICH, E. P. E por falar em saudade...relação avós-netos na pandemia do novo coronavírus. In: RABINOVICH, E. P.; SÁ, S. M. P. (Org.) **Envelhecimento e velhice em tempos de pandemia**, v. 25 , Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado. Curitiba: CRV, 2020.

NEVES, S. D. **Sogros**: dinâmicas relacionais entre o casal e o parentesco por afinidade. v. 5, Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado. Curitiba: CRV, 2020a.

NEVES, S. D.; RABINOVICH, E. P. Sogros em distanciamento social: relações de casais perante a avosidade em tempos de pandemia. In: RABINOVICH, E. P.;

AZAMBUJA, R. M. da M. (Org.) **Envelhecimento & Avosidades**, v. 1, Coleção Envelhecimento & Família. Curitiba: CRV, 2021.

NEVES, S. D.; RABINOVICH, E. P. Os Sogros: diferenciação, interação e autonomia nas relações por afinidade. In: MACEDO, R. M. S. de; KUBLICOWSKI, I. (Org.) **Família e Comunidade**. Curitiba: CRV, 2022.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec; FAPESP. 1999.

OLIVEIRA, Maria. R. (2011). **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Apud PAVIN, Raquel da S. (2024) As avosidades e suas diversidades. In: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/as-avosidades-e-suas-diversidades/> Acesso em: 23 de nov. 2023.

PARSONS, T. **The Social System**. Glencoe, IL: Free Press, 1951.

PILLEMER, K.; LÜSCHER, K. (Eds.). **Intergenerational ambivalences: New perspectives on parent-child relations in later life**. Elsevier Academic Press, 2004.

PEREIRA-SILVA, Nara Liana ; DESSEN, Maria Aparecida. **Famílias de crianças com síndrome de Down**: sentimentos, modos de vida e estresse parental. *Interação em Psicologia*, Brasília, v. 10, n. 2, Set.-Dez., 2006.

RABINOVICH, E. P.; AZAMBUJA, R. M. da M.; NEVES, S. D. Perspectives on Grandparenthoods in sociocultural contexts. **Research, Society and Development**, [S. I.], v. 13, n. 8, p. e12713846688, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i8.46688. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/46688>. Acesso em: 3 out. 2024.

RAMOS, M. N. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; RAMOS, M. N. (Org.). **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. v. 5, Curitiba: Ed. CRV, 2017, p. 227-247.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

STAKE, Robert E. "Cases Studies". In: DENZIN, Norman K. (org). **Handbook of qualitative research**. [S.I.], Thousand Oaks, Sage Publications, pp. 435-454. 2000.

STOVER, Carla Smit et al. Fathering and mothering in the family system: linking marital hostility and aggression in adopted toddlers. **The Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 53, n. 4, Apr., pp. 401-409, 2012.

SZINOVACZ, Maximiliane E. **Grandparenthood: A Changing Family Role**. Thousand Oaks: Sage, 1998.

WAGNER, A.; FALCKE, D. Satisfação conjugal e transgeracionalidade: uma revisão teórica sobre o tema. **Psicologia Clínica**, v. 13, p. 11-24, 2001.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre, Bookman, 2005.



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. NOME DA PESQUISA: *O CASAL E AS RELAÇÕES COM OS SOGROS ENQUANTO AVÓS*
2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Sinara Dantas Neves - CRA (BA) nº : RD – 7862 - ARTEF (BA) nº: 206
3. ORIENTADOR RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich - CRP SP/206

O/A Sr (a). está sendo convidado/a a participar de um estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador/UCSal, de autoria de Sinara Dantas Neves, estudante regularmente matriculada no Pós Doutorado, bolsista CAPES, sob a supervisão da Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich. O objetivo geral é analisar como as relações com os sogros se modificam quando eles se tornam avós. Considerando que a conjugalidade é uma dimensão central na cultura, na sociedade, no mundo relacional e na identidade do ser humano, e sabendo que grande parte dos estudos que abordam esta temática não aprofunda a perspectiva dos sogros, a pesquisa trará como benefícios o aprofundamento do conhecimento sobre a forma como os casais constroem suas experiências conjugais, suas relações de parentesco, sobretudo com os sogros, a essência dos conteúdos significativos e as dinâmicas relacionais que acontecem quando os sogros se tornam avós. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso múltiplo, em que serão realizadas entrevistas com uma amostra de conveniência com três casais e seus respectivos sogros, com os seguintes critérios de inclusão para os casais: possuírem de 25 à 45 anos de idade; serem de classe média; heterossexuais; possuírem grau de instrução médio ou superior; estarem em primeira união conjugal (em decorrência de casamento legal ou união consensual estável); terem os dois representantes parentais vivos e possuírem filhos. As entrevistas serão realizadas individualmente, totalizando 12 participantes. Os roteiros (tanto das entrevistas com os casais, quanto com os respectivos sogros) para construção dos casos coletivos é composto, cada qual, por 02 tópicos norteadores da pesquisa, cuja função é estimular os depoimentos, direcionados a investigar as relações dos casais com os sogros e dos sogros com os casais de filhos/genros/noras, enquanto avós. Assumo o compromisso de cumprir os princípios da Resolução 466/2012, que regulamenta as pesquisas que envolvem seres humanos, respeitando a autonomia (sua participação não é obrigatória e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora); não-maleficência (não pretendo lhe causar dano algum, por isso a entrevista será realizada num local reservado, podendo ser em um local escolhido por você; beneficência (esta pesquisa poderá ampliar o olhar dos profissionais que trabalham com família e conjugalidade); justiça (todos os entrevistados terão o tempo que julgarem necessário para responder às questões e o direito de se expressarem do modo que julgarem mais adequado). As entrevistas, uma vez que você permita, serão gravadas com um aparelho digital e ficarão armazenadas no computador da pesquisadora, para posterior transcrição. As

gravações e as transcrições serão apagadas após um período de cinco anos. Os resultados obtidos nesse estudo serão divulgados no artigo final do pós doutorado e publicados em artigos e eventos científicos, de forma sumariada, podendo você ter acesso, porém, a sua identificação não será revelada. O risco pela sua participação pode ser o desconforto de estar falando sobre sua família de origem e sobre o parentesco por afinidade, que são conteúdos íntimos, mas, não se preocupe, pois, caso isso ocorra, você pode parar de responder às perguntas em qualquer momento, e, caso necessário, será, ainda, oferecido pela pesquisadora, acompanhamento psicológico com profissional da área. A coleta e análise dos dados serão feitas pela própria pesquisadora, seguindo todos os protocolos de cuidados recomendados em relação à COVID-19. A mesma não está sendo remunerada para a participação nesse estudo, bem como os participantes não terão nenhum benefício financeiro pela participação. Este Termo de Consentimento consta de duas vias idênticas, que serão assinadas pelo colaborador e pela pesquisadora principal, sendo que cada um ficará de posse de uma via. No Termo consta o telefone, o endereço e o correio eletrônico da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, abaixo assinado, aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo o uso dos dados obtidos através da entrevista, com o objetivo de desenvolver a pesquisa citada, como também a publicação do referido trabalho escrito. Declaro também o direito de uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em eventos e/ou revistas científicas, desde que mantenha o sigilo sobre minha identidade, podendo usar com um nome suposto (pseudônimo).

Salvador, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante:

Endereço do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável:

Sinara Dantas Neves

Endereço do pesquisador responsável: UCSal, Campus Pituçu, Avenida Pinto de Aguiar; Telefone do pesquisador responsável: (71) 99956-7695

E-mail do pesquisador responsável: sinarasinara@hotmail.com